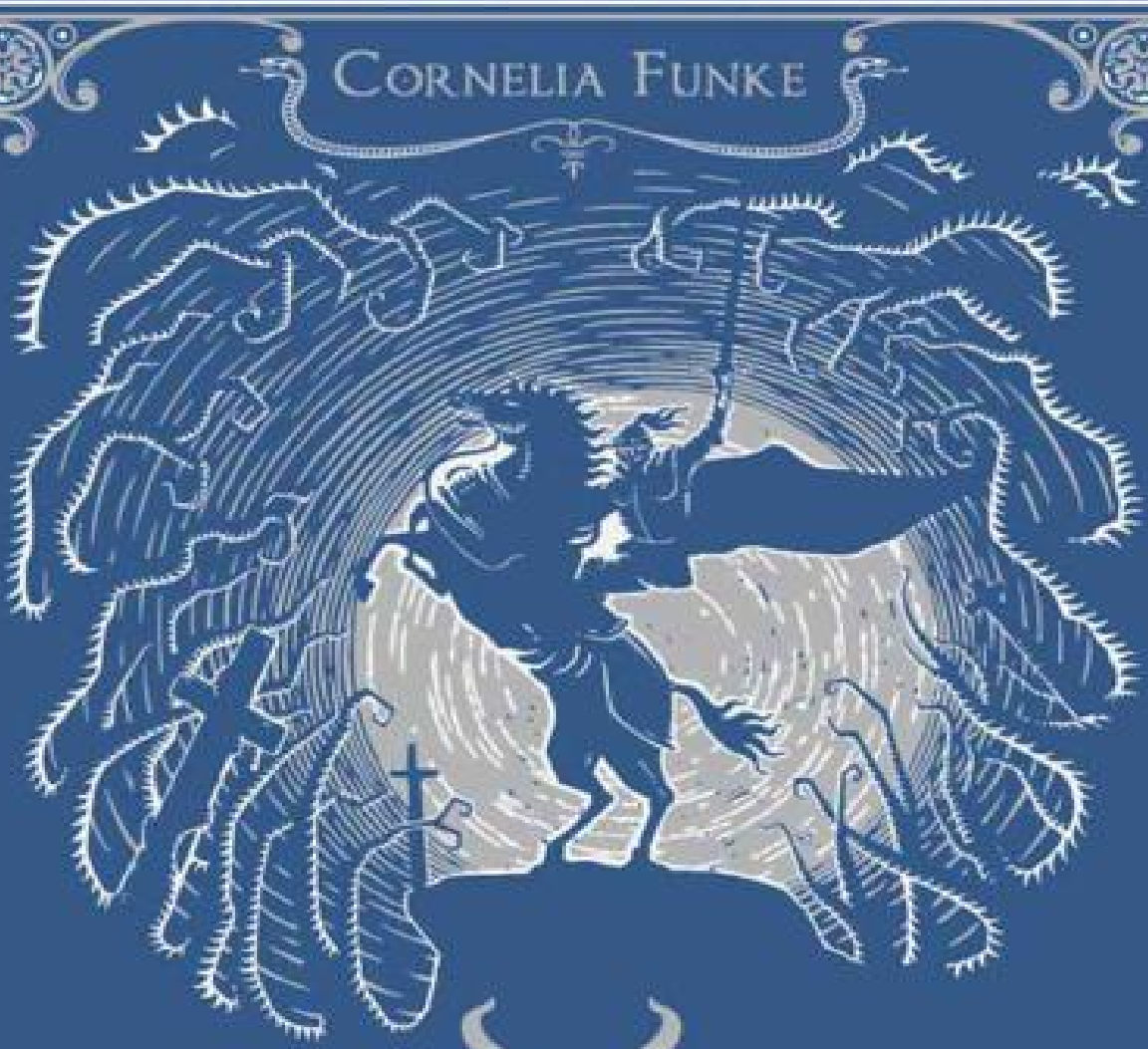
CORNELIA FUNKE



O CAVALEIRO FANTASMA

SPIRITUS EQUITIS

SEGUINTE



Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre

ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a **Seguinte**, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora —

como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

Para Ella Wigram, que inspirou esta história.

Eu não poderia ter inventado heroína melhor.

Sumário

1. No exílio

2. Três homens mortos

3. Hartgil

4. El a

5. Um antigo assassinato

6. Um juramento há muito esquecido

7. O cavaleiro fantasma

8. Uma tarde bem agradável

9. O coração roubado

10. Sombras venenosas

11. O castelo de Longspee e o corista fantasma

12. O tio de El a

13. A igreja dos Hartgil

14. Zumbis

15. O fim

16. O lado sombrio de Longspee

17. A ilha dos coristas

18. Vésperas

19. Abadia de Lacock

20. Amigos

21. Um bom lugar

Posfácio e agradecimentos

Glossário

1. No exílio

Eu tinha onze anos quando minha mãe me mandou para o internato, em Salisbury. Sim, admito, seus olhos se encheram de lágrimas ao me levar à estação. Mas ela me pôs no trem mesmo assim.

— Seu pai ficaria tão feliz por você estar indo para a escola onde ele estudou! — ela disse, forçando um sorriso nos lábios, enquanto o Barba dava uns tapinhas tão encorajadores no meu ombro que, em troca, eu bem que poderia

tê-lo empurrado da plataforma.

O Barba… minhas irmãs pularam em seu colo já na primeira vez que mamãe o trouxe para casa. Eu, porém, declarei guerra contra ele assim que o vi abraçá-la. Meu pai havia morrido quando eu tinha quatro anos e, claro, me fazia falta, mesmo que mal me lembrasse dele. Mas isso não significava que eu queria um pai novo, muito menos um dentista que não fazia a barba. Eu costumava ser o homem da casa, o herói das minhas irmãs, o queridinho da minha mãe. De repente, em vez de sentar para ver televisão comigo, ela saía com o Barba. Nosso cachorro, que assustava qualquer um no quintal, colocava brinquedinhos aos seus pés, e minhas irmãs desenhavam corações enormes para ele. “Ele é legal, sim, Jon!”

Sempre tive que ouvir isso. Legal. O que era legal nele? Ele convenceu minha mãe de que tudo o que eu gostava de comer não fazia bem e que eu via televisão demais.

Fiz de tudo para me livrar dele. Sumi um monte de vezes com a chave de casa que mamãe havia dado a ele, derrubei refrigerante em suas revistas de odontologia (é, essas revistas existem) e misturei pó de mico no seu adorado antisséptico bucal. Tudo em vão. No final, fui eu, e não ele, quem foi colocado no trem. “Nunca

subestime seus inimigos!”, Longspee me ensinaria mais tarde. Mas, infelizmente, nessa época ainda não o havia encontrado.

É provável que meu exílio tenha sido decidido depois de eu ter convencido minha irmã menor a despejar seu mingau nos sapatos dele. Ou talvez por causa do pôster de “terrorista procurado” que fiz com uma foto dele. Seja lá qual tenha sido o motivo, apostaria meu videogame que a ideia do internato foi do Barba — mesmo que minha mãe negue até hoje.

É claro que mamãe se ofereceu para me levar pessoalmente à minha nova escola e para ficar alguns dias em Salisbury, “até você se acostumar”. Mas recusei. Eu tinha certeza de que ela só queria aliviar sua consciência pesada, pois estava planejando ir para a Espanha com o Barba, enquanto eu teria de me virar sozinho com professores estranhos, comida ruim e novos colegas, dos quais a maioria decerto seria mais forte e consideravelmente mais

inteligente do que eu. Nunca tinha passado mais do que um fim de semana sem minha família. Não gostava de dormir em camas diferentes e definitivamente não queria ir para a escola numa cidade de mais de mil anos, e que ainda se orgulhava disso. Minha irmã de oito anos teria adorado trocar de lugar comigo. Desde que tinha lido *Harry Potter*, ela queria de todo jeito ir para um internato. Mas eu tinha pesadelos com crianças em uniformes horríveis, sentadas em refeitórios sombrios, diante de pratos de mingau aguado, sendo vigiadas por professores com bengalas compridas.

No caminho para a estação, não abri a boca. Nem dei um beijo de despedida na minha mãe, quando ela colocou a mala no trem para mim. Tive medo de cair no choro, feito criança, na frente do Barba.

Passei a viagem fazendo cartas com pedacinhos de jornal colados, ameaçando o Barba com uma morte horrível, caso ele não deixasse minha mãe em paz. O velho ao meu lado me observava cada vez mais alarmado, mas no final joguei as cartas no banheiro do trem.

Pensei comigo que mamãe sem dúvida descobriria a origem delas e, para completar, acabaria ficando ainda mais do lado do Barba.

Eu sei. Minha situação era lamentável. A viagem durou uma hora e nove minutos. Desde então, já se passaram mais de oito anos e ainda assim me lembro claramente. Clapham Junction, Basingstoke, Andover — todas as estações pareciam idênticas, e a cada

quilômetro sentia-me mais exilado. Depois de meia hora, eu já havia comido todas as barrinhas de chocolate que mamãe tinha embrulhado para mim (nove, se me lembro bem — ela estava com a consciência muito pesada!), e toda vez que olhava pela janela do trem e tudo se embaralhava diante dos meus olhos tentava me convencer de que não era por causa das lágrimas, mas das gotas de chuva que escorriam pelo vidro.

Como eu disse, lamentável.

Em Salisbury, ao puxar minha mala para fora do trem, senti-me ao mesmo tempo terrivelmente jovem e cem anos mais velho do que antes da partida. Exilado. Sem lar, sem mãe, sem cachorro, sem irmãs. Maldito Barba!

Enquanto eu colocava a mala no chão, roguei aos infernos para que na Espanha houvesse algum tipo de doença contagiosa que matasse dentistas.

A raiva me fazia muito mais bem do que a autocomiseração. Além disso, era uma armadura útil contra todos os olhares estranhos.

— Jon Whitcroft?

Ao contrário do Barba, o homem que pegou a mala da minha mão e chacoalhou meus dedos lambuzados de chocolate não tinha o menor sinal de barba. O rosto redondo de Edward Popplewel era tão liso quanto o meu (o que para ele era uma grande preocupação, como eu viria a descobrir pouco depois). Já a sua mulher exibia uma penugem escura acima do lábio. Alma Popplewel também tinha a voz mais grossa que a do marido.

— Seja muito bem-vindo a Salisbury, Jon — ela disse meio incomodada, passando um lencinho de papel nos meus dedos melados. — Pode me chamar de Alma, e esse é o Edward. Nós somos seus protetores. Sua mãe deve ter avisado que esperaríamos por você aqui, não?

Ela tinha um cheiro de sabonete de lavanda tão forte que fiquei enjoado — ou talvez fosse por causa das barrinhas de chocolate.

Protetores… ainda mais essa. Eu queria minha vida de volta: meu cachorro, minha mãe, minhas irmãs (embora pudesse abrir mão delas) e meus amigos na antiga escola… sem Barba, sem protetor de rosto liso ou protetora com cheiro de lavanda.

Naturalmente, os Popplewel estavam acostumados com a saudade que os novatos sentiam de casa. Edward o Sem Barba cravou a mão no meu ombro assim que deixamos a estação, como se quisesse matar todos os meus pensamentos de fuga antes mesmo que nascessem. Os Popplewel não dirigiam (as más línguas diziam que o motivo era a grande afeição de Edward por uísque e a crença de que um dia, graças a seu consumo regular, alguma barba rala ainda despontaria). Enfim, fomos a pé, e Edward começou a me contar tudo sobre Salisbury, tudo o que cabe em trinta minutos de caminhada. Alma só interrompia quando o marido mencionava datas, porque ele as confundia um pouco. Mas ela não precisava ter se incomodado. Eu não

estava ouvindo nada mesmo.

Salisbury, fundada sob neblina úmida, em tempos remotos, tinha cinquenta mil habitantes e mais de três milhões de turistas ávidos por ver a catedral. A cidade me recebeu com uma chuva torrencial.

Sobre os tetos molhados, a catedral esticava sua torre no céu como um dedo inquiridor: “Prestem bem atenção, Jon Whitcroft e todas as crianças deste mundo! Sois tolos em acreditar que as vossas mães vos amam mais que a qualquer outro nesta terra!”.

Eu não conseguia ver nada, nem à esquerda, nem à direita, enquanto seguíamos por ruas que deviam existir desde a época da última peste na Inglaterra. No caminho, Edward Popplewel comprou sorvete para mim (“Sorvete é gostoso mesmo com chuva, não acha, Jon?”). Mas, na minha tristeza, não consegui trazer aos lábios nem um obrigado. Em vez disso, comecei a imaginar manchas de sorvete de chocolate se espalhando em sua gravata cinza-claro.

Era final de setembro e, apesar da chuva, os turistas se espremiam nas ruas. Os restaurantes ofereciam *Fish and Chips*, e a vitrine de uma loja de chocolate parecia realmente sedutora, mas os Popplewel se dirigiram para o portão do antigo muro da cidade, ladeado por lojinhas que vendiam catedrais, cavaleiros e demônios cuspindo água feitos de plástico prateado. Por causa da vista do outro lado do portão, todos os estrangeiros que se espremiam na avenida principal iam para lá, com suas mochilas espalhafatosas e seus lanches embalados. Mas eu nem levantei a cabeça quando o pátio da catedral de Salisbury surgiu diante de mim. Não dei uma olhadinha sequer para a catedral e sua torre escurecida pela chuva,

nem para as casas antigas que a circundavam, como um séquito de criados bem-vestidos. Tudo o que eu via era o Barba sentado na frente da televisão, minha mãe à sua direita, minhas irmãs à esquerda brigando para ver quem subiria primeiro em seu colo, e Larry, o cachorro traidor, rolando a seus pés. Enquanto os Popplewel discutiam a respeito do ano em que a catedral fora construída, eu via meu quarto abandonado e minha cadeira vazia na antiga classe. Não que eu tivesse algum prazer em me sentar nela, mas essa lembrança encheu meus olhos de lágrimas — que eu limpei com o lenço de

papel cheirando a lavanda de Alma (e agora de cor marrom-chocolate).

A maioria das lembranças do dia da minha chegada foi encoberta pela névoa da saudade de casa. Mas, se eu me esforçar, surgem algumas imagens imprecisas: o portão do casarão velho onde os alunos do internato ficavam alojados (“Construído em 1565, Jon!”

“Imagina, Edward, foi em 1594, e o prédio anexo onde ele vai dormir é de 1920”), corredores estreitos, quartos com um cheiro estranho, vozes estranhas, rostos estranhos, comida com tanto gosto de saudade de casa que eu mal consegui engolir…

Os Popplewel me colocaram num quarto com três camas.

— Jon, estes são Angus Mulroney e Stuart Crenshaw — anunciou Alma, ao me empurrar para dentro do cômodo. — Tenho certeza de que vocês vão se tornar grandes amigos.

“É mesmo? E se isso não acontecer?”, pensei, enquanto examinava o pôster que meu futuro companheiro de quarto havia pendurado na parede. Claro que era de uma banda que eu detestava. Em casa, eu tinha um quarto só para mim com uma placa na porta, avisando: “Entrada de estranhos e de membros da família terminantemente proibida” (embora minha irmã mais nova não soubesse ler). Ninguém roncava ao meu lado ou embaixo de mim; não havia nenhuma meia suada no tapete (a não ser a minha), nenhuma música de que eu não gostasse e nenhum pôster de bandas e times de futebol que eu detestasse na parede. Internato.

Meu ódio pelo Barba era digno de Hamlet (não que naquela época eu soubesse alguma coisa de Hamlet).

Stu e Angus fizeram de tudo para me animar, mas eu estava infeliz demais até para lembrar o nome deles. Não aceitei nem as jujubas que me ofereceram do estoque secreto (e estritamente proibido) de doces. À tardinha, quando minha mãe telefonou, não deixei que pairasse dúvida alguma sobre o fato de ela sacrificar a felicidade do único filho por causa de um barbudo estranho, e desliguei com raiva, certo de que ela passaria a noite em claro como eu.

Internato. Luzes apagadas às oito e meia. Para minha sorte, eu tinha levado minha lanterna. Passei horas desenhando lápides com o nome do Barba, e amaldiçoando o colchão duro e o travesseiro estupidamente baixo.

É. Minha primeira noite em Salisbury foi um tanto sombria. Sem dúvida, as razões para a minha tristeza abissal eram ridículas em comparação com o que se seguiu. Mas como eu poderia imaginar que a saudade de casa e o Barba em pouco tempo seriam a menor das minhas preocupações? Desde essa época, sempre me pergunto se existe algo como destino, e, caso exista, se é possível escapar dele. Será que eu teria ido parar em Salisbury se minha mãe não tivesse se apaixonado novamente? Será que eu nunca teria encontrado Longspee, El a e Stourton sem o Barba? Talvez.

2. Três homens mortos

No dia seguinte, conheci a escola nova. Do internato, era só cruzar o pátio da catedral a pé, e dessa vez, mesmo com sono, dei uma olhada no prédio, ao passar por ele com Alma Popplewel . A rua de trás era margeada de faias, que ecoavam os gritos dos alunos terrivelmente despertos do primeiro ano. Para me proteger, Alma me abraçou, o que foi meio constrangedor, principalmente quando as primeiras meninas passaram por nós.

A escola ficava no final da rua, atrás de um portão de ferro forjado, que rasgaria facilmente a calça de quem tentasse pulá-lo.

Mas naquela manhã estava completamente aberto. O brasão que o enfeitava mostrava apenas um decepcionante lírio branco sobre um fundo azul, sem unicórnios ou leões, como no brasão do muro da cidade.

— Pois afinal este é também o brasão real dos Stuart, sr.

Whitcroft — afirmou o sr. Rifkin, meu novo professor de história, com um ar irritado, quando alguns dias depois perguntei o motivo. Então explicou durante uma longa e sofrida hora por que os animais exaltados eram inadequados para o brasão de uma escola de catedral.

Minha antiga escola parecia um caixote de cimento. A nova era um palácio. “Construída em 1225 para ser a residência do bispo”, segundo Alma me

explicou, elevando a voz, pois um bando de rapazes barulhentos e agitados passou nos empurrando.

Senti enjoo de tanto medo, e não ajudava muito ficar imaginando o Barba enforcado numa daquelas árvores gigantescas que cresciam no gramado em frente à escola.

Alma continuou com seu discurso, enquanto seguimos até a entrada por um caminho de seixos que rangiam. “O prédio principal

foi construído em 1225, no século xv, o bispo Beauchamp ergueu uma torre na parte leste, a fachada é…”, e assim por diante. Como se rezasse uma oração, ela evocou o nome de um monte de bispos que haviam morado ali. Seus retratos ficaram pendurados na parede da escada do lado de dentro, e depois um de meus colegas me revelou que dava sorte jogar bolinhas de papel na testa deles antes de fazer uma prova. Mas comigo nunca deu certo. Enfim… de todas as informações com que Alma bombardeou minha cabeça naquela primeira manhã, gravei na memória apenas que, num dos aposentos do segundo andar, saiu tanto sangue do nariz de Jaime i que ele teve de ficar um dia inteiro de cama em vez de lutar contra Guilherme i i.

Não aprendi muito nesse primeiro dia. Estava ocupado demais em marcar nomes e rostos e em não me perder no labirinto de corredores e escadas. Devo admitir que os outros alunos não pareciam morrer de fome, e que não encontrei em lugar nenhum os refeitórios escuros por mim imaginados. Até os professores eram suportáveis. Mas nada disso mudava o fato de que eu era um exilado e, assim, todas as tardes, voltava ao encontro de Angus e Stu com a mesma expressão triste que tinha posto na cara pela manhã diante do espelho do lavatório. Eu era o conde de Monte Cristo, que voltaria da terrível ilha-presídio para se vingar de todos aqueles que o haviam mandado para lá. Eu era Napoleão, exilado em Santa Helena para morrer solitário. Harry sob a escada dos Dursleys.

A casa onde passei as noites de meu exílio não oferecia nenhuma história de narizes reais com hemorragias. O alojamento da escola havia mudado do palácio do bispo para lá pouco antes de minha chegada. A construção era, como os Popplewel contaram, bem antiga, mas no moderno prédio anexo imperava o século xxi: linóleo, beliches, lavatórios e, no térreo, uma sala de

televisão. O primeiro andar era para as meninas, o segundo, para os meninos.

Em nosso quarto, Angus era o dono incontestável da cama de solteiro. Angus era pelo menos um palmo mais alto do que eu, três quartos escocês (sobre o outro quarto ele nunca falava) e um bom jogador de rúgbi. Era um dos eleitos, como nós, os menos afortunados, chamávamos os coristas da escola. Eles usavam trajes

quase tão antigos quanto o palácio do bispo, eram liberados das aulas para os ensaios e cantavam não só na catedral, mas também em lugares que soavam tão exóticos quanto Moscou ou Nova York.

(Não foi surpresa para mim não passar no exame, mas mamãe ficou realmente decepcionada. É que meu pai havia sido corista.) Na parede acima da cama de Angus havia fotos de um cachorro, dois canarinhos e uma tartaruga de estimação, mas de nenhum dos membros humanos de sua família. Quando Stu e eu afinal os conhecemos, concordamos que de fato não pareciam tão interessantes como o cachorro e os canarinhos. Mas o avô de Angus guardava muita semelhança com a tartaruga. Angus dormia embaixo de um monte de bichinhos de pelúcia e usava pijama com estampa de cachorro, coisa que, entendi rapidamente, ninguém comentava, a não ser que quisesse conhecer o abraço escocês.

Stu dormia na cama de cima do beliche, e eu fiquei com a de baixo, ouvindo o colchão ranger sobre minha cabeça sempre que Stu se mexia, me arrancando do sono nas primeiras noites. Stu era tão pequenino quanto um esquilo e tinha tantas sardas que mal cabiam em seu rosto. E era tão falante que eu ficava muito agradecido quando Angus de tempos em tempos o fazia calar a boca. Stu não nutria paixão por bichos de pelúcia ou pijamas estampados com cachorros. Ele amava cobrir seu corpo magro com tatuagens de mentira, que pintava em todos os lugares onde alcançava com canetas à prova d’água — embora Alma Popplewel esfregasse a pele dele sem dó pelo menos duas vezes por semana para apagá-las.

Os dois fizeram de tudo para me animar, mas novas amizades não coincidiam com minha resolução de ser exilado e infeliz. Por sorte, nem Angus nem Stu levaram a mal meu silêncio ranzinza. O

próprio Angus tinha acessos de saudade de casa, apesar de ser seu segundo ano de internato. E Stu estava sempre muito ocupado com suas paixões por qualquer menina mais ou menos bonita da escola para perder tempo comigo.

Foi na sexta noite que ficou claro para mim que saudade de casa seria minha última preocupação em Salisbury. Angus murmurejava durante o sono algum hino que havia ensaiado para o coro. Eu estava deitado, pensando outra vez quem cederia primeiro: minha

mãe, ao perceber que seu único filho era mais importante do que um dentista barbudo, ou eu, que me cansaria de meu coração de chumbo e imploraria para ser levado de volta para casa.

Justo na hora em que eu ia puxar o travesseiro para cobrir a cabeça, tentando escapar da ladainha que Angus murmurava, comecei a ouvir cavalos relinchando. Ainda lembro que me perguntei se não seria Edward Popplewel voltando do bar para casa a cavalo, e comecei a tatear ao redor até alcançar a janela. O sibilar constante e sonolento de Angus, nossas roupas no chão, o abajur fuleiro que Stu havia colocado sobre a escrivaninha — nada disso poderia ter me preparado para algo assustador que estivesse me esperando lá fora, na noite chuvosa.

Mas eles estavam lá.

Três cavaleiros. Pálidos, como se a noite os cobrisse com o bolor dos tempos. E olhavam fixamente para mim.

Tudo neles era sem cor: capas, botas, luvas, cintos — e a espada, na bainha. Pareciam homens cujo sangue tinha sido sugado de seus corpos pela noite. Os cabelos escorridos do maior chegava à altura dos ombros, e através dele eu via os tijolos do muro que circundava o jardim. O que estava a seu lado tinha uma cara de hamster e, assim como o terceiro, era tão transparente que a árvore detrás parecia crescer em seu peito. O pescoço deles tinha marcas escuras, como se alguém houvesse tentado cortar suas cabeças com uma faca cega. O mais assustador, porém, eram os olhos: buracos em chamas, cheios de um desejo assassino. Até hoje, perco a respiração só de lembrar.

Assim como os cavaleiros, também os cavalos estavam esmaecidos, com um

pelo acinzentado cobrindo seus ossos sem carne, feito panos esfarrapados.

Eu queria ficar de olhos fechados, só para não ter mais de ver aqueles rostos exangues, mas não conseguia me mexer de medo.

— Ei, Jon, o que você tanto olha lá fora?

Nem ouvi quando Stu desceu da cama.

O maior dos três fantasmas apontou seu dedo esquelético para mim e sua boca sem lábios formulou uma ameaça muda. Tropecei para trás, mas Stu passou disparado por mim e apertou o nariz contra o vidro da janela.

— Nada! — ele afirmou, decepcionado. — Não tem nada lá!

— Deixe o Jon em paz, Stu! — resmungou Angus, meio dormindo. — Talvez ele seja sonâmbulo. Sonâmbulos ficam loucos se você falar com eles.

— Sonâmbulo? Vocês estão cegos? — No meu desespero, falei tão alto que Stu olhou para a porta, preocupado. Mas os Popplewel tinham o sono pesado.

O fantasma com cara de hamster sorriu com ironia. Sua boca era uma fenda aberta num rosto embranquecido. Então, ele puxou devagar a espada. Escorria sangue da lâmina e eu senti uma dor tão aguda no peito que precisei recuperar o fôlego. Caí de joelhos e me encolhi, tremendo, debaixo do parapeito da janela.

Hoje só me lembro do medo. Sempre vou me lembrar.

— Não enche, Jon. Volte a dormir! — Stu tropicou até a cama. —

Lá fora não tem nada além das caçambas de lixo.

Ele realmente não via nada.

Reuni toda a minha coragem e espiei por cima do parapeito da janela.

A noite estava escura e vazia. A dor no meu peito havia desaparecido e eu me sentia um idiota.

“Era só o que faltava, Jon”, pensei, enquanto engatinhava para debaixo daquelas cobertas toscas. “Agora você vai ficar louco de tanta saudade de casa.” Talvez eu estivesse tendo alucinações, pois, além das jujubas do Stu e do Angus, eu não estava comendo quase nada.

Angus recomeçou a sibilar enquanto dormia, mas eu levantei algumas vezes ainda e fui pé ante pé até a janela. Lá fora, tudo o que eu via eram ruas desertas diante da catedral exuberante. Enfim adormeci, firmemente convicto de que estava na hora de começar a encarar a comida do internato.

3. Hartgil

Na manhã seguinte, eu estava tão cansado que mal conseguia amarrar os cadarços. Angus e Stu trocaram um olhar preocupado quando fui até a janela e fiquei encarando o muro onde eu tinha visto os fantasmas. Mas nenhum de nós deu um pio sobre o que havia acontecido na noite anterior. No café da manhã, comi tanto mingau quanto pude, sem precisar vomitar, e decidi esquecer aquilo tudo.

Durante o almoço, já estava pensando de novo se nesse meio-tempo o Barba já não teria tostado no sol espanhol, e à tarde uma prova de gramática me fez esquecer completamente as três figuras pálidas.

Já estava anoitecendo quando o sr. Rifkin, como em todas as noites, reuniu os alunos do internato em frente à escola para conduzi-los de volta à proteção de Alma e Edward Popplewel pelo pátio mal iluminado da catedral. Ninguém gostava de Rifkin. Acho que nem ele gostava de si mesmo. Não era muito maior do que nós e nos inspecionava o tempo todo com uma cara azeda, como se nós lhe causássemos uma constante dor de dente. A única coisa que o deixava feliz eram as guerras antigas. Empolgado, Rifkin gastava uma caixa inteira de giz mostrando na lousa como era a formação das tropas nas batalhas famosas. Por isso, e pelo hábito de pentear o cabelo fino com grande zelo, mas pouco êxito, sobre o cocuruto careca, nós lhe demos o apelido de Bonapart (sim, eu sei, falta o *e*, mas todos tínhamos dificuldade com a ortografia dos nomes franceses).

No gramado diante da catedral, acendiam-se os refletores que a iluminavam durante a noite. Eles deixavam as paredes pálidas, como se alguém as

banhasse com a luz da lua. A essa hora, não

havia quase ninguém no pátio da catedral, e Bonapart, sem a menor paciência, nos enxotava por entre os carros estacionados. Era uma noite fria, e, enquanto todos ali se congelavam no vento inglês, eu me perguntava se o Barba já teria queimaduras de sol e se minha mãe o acharia menos interessante com a pele descascando.

Os três cavaleiros não eram nada além de um pesadelo que a luz do dia varreu da minha memória. Porém, eles não haviam se esquecido de mim. E dessa vez provaram que não eram pura imaginação.

O alojamento não dava direto para a rua. Ficava no fim de um caminho largo, que saía da rua e passava por algumas casas em direção ao portão do prédio e do jardim. Eles estavam esperando ao lado do portão, montados nos cavalos, como na noite anterior. Só que agora eram quatro.

Parei tão de repente que Stu trombou comigo.

Claro que ele não os via também dessa vez. Ninguém os via. Só eu.

O quarto fantasma fazia com que os outros parecessem bandidos desabrigados. Seu rosto encovado era severo e mostrava presunção, e suas roupas certamente haviam sido de um homem rico. Mas ele tinha correntes de ferro nos punhos e uma corda com um nó em volta do pescoço.

Seu semblante era tão assustador que eu não conseguia parar de olhar. Já o Bonapart nem sequer virou a cabeça quando passou por ele.

“Confesse, você sabe bem por que motivo você é o único que nos vê, Jon Whitcroft!”, o fantasma soprou em minha direção, enquanto eu ficava ali parado sem conseguir mexer um dedo. “Você foi escolhido!”

“Mas por quê?”, eu respondia gritando dentro de mim. “Por que eu? O que vocês querem comigo?”

De um dos telhados, um corvo grasnou, e o chefe roçou o cavalo com as esporas, como se o grito rouco lhe tivesse dado algum sinal.

O cavalo empinou com um rincho cavernoso, e eu me virei e comecei a correr.

Não sou lá muito bom corredor, mas nessa noite corri para salvar minha vida. Até hoje sinto o coração acelerado e as pontadas no

pulmão. Passei pelas casas velhas, que ficavam à sombra da catedral como se procurassem proteção contra o mundo ruidoso fora dos antigos muros; passei por carros estacionados, janelas acesas, portões de jardim trancados. “Corra, Jon!” Atrás de mim, pelo pátio escuro, ressoavam os cascos dos cavalos, e eu acreditava sentir na nuca a respiração desses animais vindos do inferno.

— Whitcroft — Bonapart chamou meu nome —, que diabo está acontecendo? Pare já aí! — Mas era o diabo que estava atrás de mim, e de repente ouvi outra voz… se é que era uma voz.

Ela ressoava na minha cabeça e no meu coração. Rouca e grave, tão desumana, que a senti como uma faca cega me rasgando por dentro.

— Isso mesmo, corra, Hartgil — ela bramia. — Não há nada de que gostemos mais do que perseguir seus herdeiros malditos. Até agora nenhum de vocês escapou de nós.

Hartgil ? Esse era o nome de solteira da minha mãe. Mas não pareciam interessados nesse detalhe. Segui aos tropeços, soluçando de medo. O alto de cabelo escorrido estava cruzando meu caminho, e os outros três vinham atrás de mim. À minha direita, a catedral esticava sua torre em direção às estrelas.

Talvez eu tenha corrido até ela porque parecia que nada poderia abalar suas paredes. Mas o vasto gramado que a rodeava estava molhado, por causa da chuva, e fui escorregando a cada passo até cair de joelhos, ofegante. Sobre o chão frio, me encolhi tremendo, cobrindo a cabeça com os braços, como se isso pudesse me proteger dos que me perseguiam. O frio me envolvia como uma névoa, e um cavalo relinchou perto de mim.

— A morte sem perseguição é só metade da brincadeira, Hartgil !

— sussurrou a voz na minha cabeça. — Mas no fim a lebre sempre morre.

— Meu… meu nome é… Whitcroft! — balbuciei. — Whitcroft! —

eu queria bater, chutar, mandar seus corpos pálidos de volta para o inferno, de onde vieram. Mas, em vez disso, fiquei sentado no mato úmido e quase vomitei de medo.

— Whitcroft! — disse Bonapart, curvando-se sobre mim. —

Whitcroft, levante-se!

Nunca havia me sentido tão feliz de escutar a voz de um professor. Enterrei a cara na grama e chorei, mas agora de alívio.

— Jon Whitcroft! Olhe para mim!

Obedeci, e Bonapart sacou um lencinho de papel do bolso ao perceber meus olhos vermelhos. Aceitei com as mãos trêmulas, fixando Bonapart um momento.

Os espíritos haviam partido. A voz também. Mas o medo ainda estava lá. Ele se prendia ao meu coração feito fuligem.

— Céus, Whitcroft. Agora, levante-se! — Bonapart me puxou. As outras crianças estavam à margem do gramado e de lá nos observavam espantadas. — Suponho que você tenha uma explicação para sair assim correndo no meio da noite, não? —

perguntou Bonapart, enquanto examinava com asco minha calça suja. — Ou só queria provar para nós que pode correr rápido?

Aquele patife metido.

Meus joelhos ainda tremiam, mas tentei dar o meu melhor, tão recomposto quanto possível, ao responder.

— Havia quatro fantasmas. Fantasmas a cavalo. Eles… eles estavam me perseguindo.

Até para os meus ouvidos aquilo parecia idiota. Fiquei com tanta vergonha

que só queria que a grama molhada me engolisse de uma vez. Medo e vergonha. Será que ainda podia piorar? “Ah, podia, Jon.”

Bonapart suspirou e olhou para cima, em direção à catedral iluminada, com ar acusatório, como se fosse ela quem tivesse me soprado aquela história tão ridícula.

— Tudo bem, Whitcroft — ele disse, puxando-me de volta para a rua de um jeito não especialmente afável. — Parece que temos aqui uma crise de saudade tremendamente forte. Esses espíritos também devem ter aconselhado a fuga imediata para casa, não?

Já estávamos outra vez com os outros, e uma das meninas começou a dar risadinhas. Mas o resto me examinava com preocupação, como Stu na noite anterior.

Eu devia ter mordido a língua e engolido minha raiva por serem tão cegos e me gozarem injustamente, mas não sou bom nisso. Até hoje não aprendi.

— Eles estavam lá, eu juro! O que eu posso fazer se mais ninguém pode ver? Eles quase me mataram!

Espalhou-se um silêncio sepulcral, e alguns dos mais novos afastaram-se de mim como se tivessem medo de minha loucura ser contagiosa.

— Realmente impressionante! — disse Bonapart, agarrando o meu ombro com seus dedos curtos. — Espero que na sua próxima prova de história você mostre tanta criatividade como agora.

Bonapart soltou meu ombro apenas depois de me entregar aos Popplewel . Por sorte, ele não mencionou nada sobre o que havia ocorrido, mas Angus e Stu passaram o resto da noite muito calados.

Depois disso, eles não deviam ter dúvidas de que dividiam o quarto com um louco e decerto se perguntavam o que aconteceria quando eu enfim perdesse por completo a razão.

4. Ella

Apesar dos acontecimentos, naquela noite, como nas outras, Angus e Stu dormiram profunda e silenciosamente, mas eu, é claro, não consegui pregar o olho. No meu desespero, considerei até mesmo telefonar para minha mãe. Mas o que eu iria dizer? “Mamãe, esqueça a Espanha. Quatro fantasmas estão me perseguindo, o chefe deles me chamou de Hartgil e ameaçou me matar.” Não. Ela contaria tudo para o Barba, e provavelmente não existia um único dentista nesta terra que acreditasse em fantasmas. Ele simplesmente a convenceria de que era mais uma tentativa minha de dificultar a vida dela.

“Conforme-se, Jon Whitcroft”, eu dizia para mim mesmo. “Até parece que você não vai fazer doze anos em breve!” E, enquanto a noite caía lá fora, fiquei matutando se, caso me matassem, eu também me transformaria num fantasma que passaria o resto da vida assombrando por aí em Salisbury e assustando Bonapart e os Popplewel . “É bem provável, Jon”, eu pensava, “mas antes você precisa garantir outra coisa: não ser a piada da escola inteira amanhã!” Não que isso realmente importasse para alguém que talvez viesse a morrer em breve, mas nunca gostei que rissem de mim.

Na manhã seguinte, disse a Angus e a Stu que eu inventei toda aquela história de fantasma só para fazer o Bonapart de bobo. Os dois fizeram uma cara de alívio (quem gosta de dividir o quarto com um louco?), e imediatamente a preocupação de Stu se transformou em admiração. No café da manhã, ele espalhou minha nova versão dos fatos. Deu tão certo que, durante a explicação de Bonapart sobre as estratégias de ataque de Ricardo Coração de Leão em Jerusalém, dois alunos do quarto ano soltaram gritos estridentes de

medo, afirmando que estavam vendo o espírito do rei banhado em sangue, perto da lousa. Por causa disso, ficaram de castigo na biblioteca, onde acabaram me fazendo companhia. Pelo menos já não me consideravam mais louco, e sim um tipo de herói.

Se ao menos eu me sentisse assim de verdade! Em vez disso, meu medo quase me sufocava. Na hora do almoço, enquanto os outros enchiam a pança com purê de batata e bolo de carne, eu olhava fixamente para a janela e me perguntava se aquele dia cinzento de setembro não seria talvez o último da minha vida.

Eu tinha acabado de colocar um pedaço de carne na boca, pensando que não

poderia correr rápido se estivesse morto de fome, quando uma menina se sentou na cadeira da frente que estava vazia.

A carne quase entalou na minha garganta.

Coisas como essa simplesmente não aconteciam. Meninas da minha idade quase sempre mantinham distância de rapazes.

Mesmo as mais novas deixavam claro o tempo inteiro que nos consideravam insuportáveis e infantis.

Não era uma interna, mas eu a vira algumas vezes na escola. O

que mais chamava a atenção nela eram os longos cabelos negros.

Ondeavam como um véu quando ela andava pelo pátio.

— Então, eram quatro? — ela perguntou de modo tão casual que parecia estar falando sobre a comida do meu prato (e sobre isso não havia mesmo muito que dizer).

Ao mesmo tempo ela me examinava como se estivesse me medindo tanto por fora como por dentro. Só El a podia olhar para alguém daquele jeito. É claro que a essa altura eu ainda não sabia seu nome. Ela não havia se apresentado. El a nunca perdia tempo com palavras desnecessárias.

Apesar de ter duas irmãs, eu não era lá muito bom em lidar com meninas (talvez minhas irmãs tornassem a coisa ainda mais difícil).

Eu simplesmente não sabia sobre o que conversar com elas. E, pra piorar, El a era bonita — o que sempre me deixava vermelho de vergonha. (Por sorte, isso agora está sob controle.) Enfim, comecei a repetir minha história de enganar o Bonapart. Mas o olhar gélido dela fez as palavras morrerem na minha boca.

— Essa versão você pode contar aos outros — disse em voz baixa, curvando-se sobre a mesa. — Como eles eram?

Ela queria ouvir a verdade. Eu não podia acreditar. Mas, apesar de eu querer

tanto contar a verdade para alguém, ela era uma menina! E se ela risse de mim? Se contasse às amigas que Jon Whitecroft era um cabeça oca que de fato acreditava em fantasmas?

— Eles pareciam mortos, e o que mais?

Eu fitava meus dedos, evitando olhar para ela — só para constatar que minhas unhas estavam sujas. (A presença de meninas sempre faz a gente notar essas coisas.) Por que diabos ela não estava constrangida? Eu mesmo me respondi: "Porque alguém como ela não se constrange como você, seu idiota. E também não começa a gaguejar de repente, como se tivesse desaprendido a falar".

— O que eles estavam vestindo?

Ah, se essa não fosse uma pergunta de menina… El a pegou meu garfo e começou a comer meu purê.

— Coisas antigas — sibilei. — Capas, espadas…

— De que século? — El a encheu o garfo de purê.

— De que século? — perguntei, pasmo. — Sei lá. Eles pareciam ter saído de alguma maldita pintura. — ("Pare de praguejar, Jon!" Eu fazia isso toda vez que me sentia constrangido. Durante anos minha mãe tentou mudar esse meu hábito.)

— Você conseguia ver através deles?

— Com certeza. — Era tão bom afinal falar sobre eles com alguém! Embora continuasse incomodado por esse alguém ser uma menina.

El a escutava minha exposição tão friamente que era como se eu estivesse descrevendo nosso uniforme escolar.

— E? — perguntava. — O que mais?

Olhei ao redor, mas ninguém prestava atenção em nós.

— Eles tinham marcas no pescoço — cochichei sobre a mesa. —

Como se… tivessem todos sido enforcados! O chefe ainda carregava a corda pendurada no pescoço. E queriam me matar, eu sei. Eles disseram!

Confesso que esperava que essa revelação a impressionasse.

Mas El a ergueu as sobrancelhas com um ar sarcástico. Ela tinha sobrancelhas muito escuras. Mais escuras que chocolate amargo.

— Isso é absurdo — ela disse com desdém. — Fantasmas não podem matar ninguém. Eles simplesmente não podem.

Nessa hora, o sangue me subiu à cabeça de raiva, o que não era menos embaraçoso.

— Então, tudo bem! — gritei com ela. — Vou avisá-los disso na próxima vez que me perseguirem pelo pátio da catedral!

Alguns alunos do terceiro ano, na mesa ao lado, viraram-se para nós. Lancei-lhes o que imaginava ser um olhar intimidador. Baixei a voz outra vez.

— E então por que… — cochichei, enquanto El a se servia de mais uma garfada de purê na maior tranquilidade — por que havia sangue na espada de um deles, quando os vi pela primeira vez?

— Eles gostam de fazer coisas assim — disse num tom aborrecido, dando de ombros. — Sangue, ossos… isso não significa absolutamente nada.

— Ah, muito obrigado pela explicação! — gritei. — Pelo visto você sabe tudo sobre os malditos fantasmas desta cidade! Mas de onde eu venho não é a coisa mais normal do mundo eles aparecerem debaixo da sua janela, apontando espadas ensanguentadas para você!

Nesse instante, o refeitório inteiro parou e ficou me olhando.

Mas El a apenas lançou um de seus olhares do tipo *Jon-Whitcroft-você-fica-mesmo-muito-nervosinho-por-nada*, que depois eu viria a reconhecer muito bem.

— Bem, parece que você está metido em encrenca — ela disse e voltou para a mesa onde estavam sentadas as amigas, sem nem olhar para trás.

Eu devo ter ficado olhando para El a com cara de besta, pois Angus e Stu, com a bandeja na mão, trocaram um olhar preocupado antes de se sentarem à mesa comigo.

— Não vá dizer que agora você anda vendo fantasma aqui também — disse Stu.

— É, estou. Cuidado, ele está sentado nesta cadeira em que você vai sentar! — resmunguei de volta, irritado. E, disfarçando, apontei

na direção de El a, que tinha se levantado para devolver o prato. —

Algum de vocês conhece aquela menina ali? A que tem o cabelo comprido preto?

Angus olhou rapidamente e baixou a voz.

— Essa é El a Littlejohn. Sua avó faz visitas guiadas sobre fantasmas para turistas. Meu pai diz que é uma bruxa de verdade.

Ela deve ter sapos de estimação no jardim!

Stu soltou umas risadinhas de desprezo.

— Qual a graça? — Angus falou baixinho, enquanto El a desaparecia com outras meninas pela porta do refeitório. — Papai diz que a avó dela já deve ter enfeitiçado umas quatro pessoas!

— Seu pai também diz que Stonehenge foi construída por alienígenas!

— Não diz!

— Diz, sim!

Deixei os dois discutindo e olhei pela janela. Em poucas horas já estaria escuro de novo.

“Bem, parece que você está metido em encrenca.”

— Eu… é… preciso ir — murmurei, ignorando o olhar curioso de Stu, e fui atrás de El a.

Encontrei-a do lado fora, apesar de estar chovendo outra vez.

Estava encostada numa árvore e olhava para a catedral. Não pareceu muito surpresa ao me ver.

— Minha avó garante que na catedral há uma velha — disse assim que parei diante dela. — Mas até agora só vi o rapaz que assombra o mosteiro. Ele era aprendiz de pedreiro e caiu do andaime quando estavam terminando a torre. — Pegou algumas gotas de chuva com a língua. — Ele gosta de assustar turistas, falar sei lá que palavrões antigos. Bastante tolo, mas talvez seja só por sentir tédio. Acho que a maior parte dos fantasmas deve se encher por não ter nada para fazer.

Para mim, essa era uma desculpa esfarrapada para perseguir meninos de onze anos no pátio, mas guardei minha opinião.

As paredes da catedral estavam escuras por causa da chuva e pareciam ter sido feitas com o céu cinza. Até aquele momento eu tinha desprezado a catedral e tudo o que levava os turistas a

Salisbury. Mas não tinha me esquecido de que, na noite anterior, foi o único lugar que me pareceu seguro em toda esta maldita cidade.

(Está vendo? Também praguejo quando sinto medo.) Por isso era frustrante ouvir que também havia fantasmas atrás de suas paredes, mesmo que fossem aprendizes, e não enforcados.

— Eu… hã… — enxuguei alguns pingos em meu nariz. Desde minha chegada a Salisbury, chovia tanto que era como se o mundo se dissolvesse em água. — Ouvi falar da sua avó. Você pensa…

quero dizer… você acha que ela talvez possa me ajudar?

El a colocou uma mecha de cabelo molhada atrás da orelha e olhou para mim

pensativa.

— Pode ser — disse afinal. — Ela sabe um monte de coisas sobre fantasmas. Até hoje eu vi só alguns, mas Zelda já encontrou dúzias deles.

Dúzias! Obviamente o mundo era um lugar muito mais inquietante do que eu imaginava. Até aquele momento, acreditava que o pior que poderia acontecer a alguém nesta terra era encontrar dentistas barbudos.

— Você está no internato, né? — El a perguntou. — É só pedir permissão aos Popplewel para vir nos visitar. Ou você vai para casa no fim de semana?

Para casa… Se eu fosse pra lá, seria para sempre o bebê chorão que inventa histórias de fantasmas para voltar para a mamãe. Você decerto está pensando: "E daí? Definitivamente isso é melhor do que morrer". Mas esse meu orgulho era um problema já naquela época. Sem contar que eu não suportava a vizinha que cuidava das minhas irmãs e do cachorro…

— Não — murmurei. — Não vou para casa.

— Ótimo — disse El a, apanhando mais algumas gotas de chuva com a língua. Ela era da minha altura, embora estivesse um ano atrás de mim. — Então vou falar para minha avó que você passa lá amanhã.

— Amanhã? Mas vai demorar muito. E se eles aparecerem de novo hoje à noite? — o pânico na minha voz era terrivelmente constrangedor, mas ainda podia ouvir aquela voz rouca na minha cabeça: "Mas no fim a lebre sempre morre".

— Já falei que eles não podem fazer mal a você! — disse El a franzindo a testa. — Eles não conseguem nem mesmo tocar em você. A única coisa que podem fazer é usar o seu próprio medo para prejudicar você!

Maravilha. Definitivamente já estava cheio daquilo!

Era evidente que o desespero estava inscrito no meu rosto, pois El a suspirou e disse:

— Tudo bem! Então venha hoje. Mas antes das quatro e meia. Às cinco,

Zelda tira sua soneca e fica com um humor terrível se alguém a incomoda.

Ela pegou uma caneta no bolso da jaqueta e puxou meu braço.

— O número da casa é sete — disse, escrevendo o nome da rua no meu antebraço. — É só seguir o caminho pela pastagem das ovelhas. A casa fica logo atrás do moinho. Mas não pise nos sapos do jardim. Minha avó é louca por eles.

Sapos. Quanto a isso, o pai do Angus tinha razão. Bem, não importa. A chuva começou a apagar uma das letras em meu braço.

Abaixei rápido a manga. El a tinha uma letra bonita. É claro.

— Você mora com sua avó? — perguntei.

— Só quando meus pais estão fazendo turnê.

— Turnê?

— Segundo violino e flauta. Eles tocam em uma orquestra. Mas não é grande coisa — deu meia-volta. — Até quatro e meia — disse olhando para trás.

Observei-a entrar no prédio da escola.

Quatro fantasmas e a neta de uma bruxa. “Não era possível acontecer nada mais estranho que isso”, pensei. Mas é claro que eu estava errado também sobre isso.

5. Um antigo assassinato

Só havia um meio para eu falar com a avó de El a antes de sua soneca da tarde. Precisaria escapar na hora da lição de casa.

Embora isso pudesse trazer transtornos consideráveis, a esperança de conseguir me livrar dos quatro fantasmas valia qualquer castigo.

Eram quatro e dez quando me espremi pela janela do banheiro dos meninos. Quase trombei com Bonapart no caminho até o portão, mas por sorte ele

estava tão pensativo que não reparou em mim.

A chuva desabava novamente enquanto eu tropeçava pelo caminho para o antigo moinho através da campina pantanosa. Não havia nem sinal de sol, mas eu podia supor que ele já estava perigosamente baixo, e a cada passo olhava ao redor, temeroso de que os quatro enforcados pudessem conceder a honra de me visitar mais cedo. Mas tudo o que eu via eram algumas ovelhas encharcadas e duas pessoas passeando, tão ensopadas quanto eu.

A casa de Zelda Littlejohn ficava atrás de uma cerca de plantas espinhosas tão alta que eu mal via a cumeeira do telhado vermelho.

O portão do jardim estava emperrado, e, quando finalmente consegui abrir, saltaram dois sapos. Havia um terceiro descansando no capacho da porta da casa. Com seus olhos cor de âmbar, ele mirou em minha direção surpreso como se nunca tivesse visto algo tão estranho como eu. Coaxou assim que eu toquei o botão enferrujado da campainha, e, quando El a abriu a porta, ele tentou pular para dentro de casa. Mas El a foi mais rápida e o apanhou com habilidade.

— Você devia ter vergonha de tentar fazer isso! — ela disse com um olhar severo para a coisa que esperneava. — Depois do que aconteceu hoje cedo, vocês estão proibidos de pisar em casa por um mês.

Ela colocou o prisioneiro num vaso grande ao lado da porta, onde já havia outros dois sapos, e pôs um pano por cima.

— Hoje de manhã minha avó quase tropeçou num deles — El a disse, fazendo um gesto para mim. — Torceu o pé só porque não queria pisar no sapo! Eu já falei mais de mil vezes para a Zelda que ela não devia deixar eles entrarem em casa, mas ela simplesmente não quer ouvir falar nisso!

Quando entramos na sala, vi mais dois sapos sentados no sofá.

El a seguiu meu olhar e suspirou.

— É, eu sei, eles estão por toda parte — disse, conduzindo-me pelo corredor. O papel das paredes tinha girassóis tão grandes que podiam deixar a gente

zonzo. — Zelda diz que só os mantém porque comem lesmas, mas isso é absurdo. Com todos esses sapos, o jardim continua cheio de lesmas. Parece que ela é louca por eles desde criança e sempre os levava para a escola.

Eu me perguntava o que Bonapart diria se encontrasse um sapo em sua mesa, mas, antes que pudesse imaginar com mais precisão as consequências disso, El a parou diante de uma porta.

— O médico proibiu Zelda de fazer as visitas guiadas por pelo menos seis semanas! — cochichou. — Por isso, ela está bem mal-humorada.

Eu já estava me preparando para o pior. Mas a mulher que estava no quarto, deitada na cama com o pé enfaixado, não tinha nada que pudesse causar medo. Zelda lembrava uma coruja que caíra do ninho. Os óculos pareciam grandes demais para seu rosto pequeno e enrugado, e os cabelos curtos e brancos cobriam sua cabeça como se fossem penas desgrenhadas. Como a neta, Zelda também não considerava muito importante as apresentações e saudações.

— É ele? — perguntou então, examinando-me através das lentes grossas dos óculos.

— Seja gentil — disse El a e sentou-se na ponta da cama. — Seu nome é Jon e esses fantasmas já o perturbaram demais.

Mas Zelda bufava com desdém, e me olhava de um jeito tão desconfiado que fiquei vermelho. Talvez pudesse ler na minha cara que eu achava sua neta a menina mais linda da escola.

— Você não disse que ele viu *quatro* fantasmas? — perguntou e pegou a xícara de café que estava no criado-mudo. — Esse rapaz

está tão pálido que parece ter visto uma dúzia! Mas não é comum aparecerem em grupos — afirmou, dando um gole no café. — Em geral, os fantasmas são solitários.

— El a… El a disse que a senhora já viu muitos deles — gaguejei.

— Ah, sim, vejo fantasmas em todos os cantos. Sei lá por que gostam tanto de aparecer justo para mim. Não tenho nenhum carinho especial por eles! O primeiro que vi foi meu avô. Um belo dia estava sentado na minha cama, e tive que ouvir que ele não havia gostado do novo corte de cabelo da vovó. Normalmente meu conselho é ignorá-los, mas El a disse que os quatro que você viu foram bem desagradáveis. Então me conte exatamente o que fizeram e eu digo para você como se livrar deles.

Zelda não interrompeu nenhuma vez a minha narrativa sobre os cavaleiros debaixo da janela e a perseguição no pátio da catedral.

Ela apenas tomava seu café e uma vez ou outra erguia as sobrancelhas. (Zelda tinha sobrancelhas tão escuras como El a, embora provavelmente as retocava com pintura.) Mas, quando cheguei à cena da catedral, ela franziu a testa de repente:

— Ele chamou você de Hartgil ?

— Chamou. Esse é o nome de solteira da minha mãe. Mas não entendo como ele podia saber disso.

— Pegue as muletas que o doutor deixou ali para mim! — Zelda disse a El a, enquanto colocava o café no criado-mudo.

— Mas você não deve se levantar! — contestou El a.

— Vá pegar as muletas!

El a encolheu os ombros e obedeceu. A avó praguejava de dor, enquanto coxeava pelo corredor. Ela xingava com nomes de plantas: *porcaria de urtiga*, *raiz fedorenta*, *sumagre venenoso*. Seu estoque parecia inesgotável. Foi mancando direto para a sala. Num armário ao lado da porta havia fichários com etiquetas como *Fantasmas de mulheres de Salisbury*, *Espíritos de Wiltshire, Histórias de fantasmas do sudoeste da Inglaterra* ou *Casas mal-assombradas em Sussex*.

— El a! — ordenou Zelda, apontando para um fichário que estava na prateleira mais baixa do armário. El a me olhou com ar preocupado, enquanto

puxava o fichário. Também não gostei da etiqueta: *Histórias macabras*.

Calando um “porcaria de urtiga!” entre os dentes, Zelda afundou no sofá e, com a testa franzida, começou a folhear o fichário. Até que afinal encontrou algo.

— Aqui. Hartgil . Eu sabia! — murmurou. E soltou um longo suspiro.

— O quê? — perguntei com a voz falhando.

— Céus, Jon — disse Zelda. — Por que seus pais mandaram você justo para a escola em Salisbury? Era previsível que acontecesse! Kilmington fica a menos de uma hora daqui.

— Kilmington? — gaguejei. — O que…

— Telefone já para sua mãe — interrompeu Zelda. — Diga-lhe que você precisa ir para outra escola, bem longe de Salisbury.

Um dos sapos no sofá coaxou, como se concordasse com a sugestão de Zelda, e eu senti meus joelhos ficarem tão moles quanto ovos de sapo.

— Bem longe? — gaguejei. — Isso quer dizer que não há nada a fazer contra eles?

Zelda empurrou os dois sapos do sofá e entregou o fichário para El a.

— Aí está, leia em voz alta. Acho que sei quem está atrás de você.

El a examinou o fichário, enrugando a testa, e leu:

— Lorde Stourton. Enforcado em praça pública no ano de 1557, em Salisbury, com uma corda de seda por causa de sua origem nobre. Stourton não foi enterrado na catedral de Salisbury, como se afirma, apesar das histórias da aparição de um nó de forca sobre o túmulo atribuídas a ele erroneamente. Foi enforcado com outros quatro criados e, ao que tudo indica, assombra o cemitério de Kilmington.

El a largou o fichário, e Zelda olhou para mim:

— Será que são eles?

Talvez. Sem perceber, coloquei a mão no pescoço. *Lorde Stourton*… Não ajudava muito saber o nome do meu perseguidor.

— Mas por que eles estão atrás do Jon? — El a perguntou.

— Continue a ler — disse Zelda.

El a pegou o fichário e continuou:

— *Stourton e seus criados foram enforcados pelo assassinato de…* — El a interrompeu e olhou para mim — *Wil iam Hartgil e seu filho John.*

Zelda tirou os óculos e começou a limpar as lentes com a barra da blusa. A estampa de flor era quase tão feia quanto os girassóis do corredor.

— Isso parece explicar por que o fantasma não gosta muito de ouvir falar dos Hartgil , não? — disse. — Hartgil era admnistrador de Stourton. Várias vezes Stourton tentou assassiná-lo. História complicada. John Hartgil salvou o pai duas vezes, mas Stourton conseguiu enfim matar os dois numa cilada. Foi um assassinato terrível, mesmo para aqueles tempos obscuros.

Outro coaxo veio de trás do sofá.

— Porcaria de urtiga, aqui tem outro! — resmungou Zelda, olhando por cima do encosto do sofá. — Acho que vou precisar mesmo dar um jeito nessas pequenas bestas. Talvez eu devesse juntar todos e levar para o tanque do moinho e…

— Zelda! — El a interrompeu, severa. — Esqueça os sapos! E o Jon? Deve haver alguma maneira de se livrar desses fantasmas!

Assim como você espantou a mulher sem cabeça que costumava sentar na cozinha do seu irmão. Ou como o espírito no antigo moinho…

— Bobagem, ninguém o espantou, não. É que começou a ficar barulhento demais para ele. — Zelda colocou os óculos de volta. —

E Stourton é um fantasma de outro calibre. As histórias sobre ele são as mais macabras que existem!

— Macabras? — sussurrei.

— É, mas você não precisa acreditar nelas, meu rapaz — Zelda se esforçava para falar num tom tranquilizador. — As pessoas falam demais quando anoitece. A maior parte é conversa para boi dormir.

Ainda que valham como ouro para minhas visitas guiadas!

— E que histórias são essas? Conte logo! — El a era capaz de ser de fato muito severa.

— Já vou contar! Mas é só conversa mole! — Ao esfregar o pé enfaixado, Zelda gemeu. — Esse finado lorde é visto como o responsável por uma série de mortes estranhas aqui na região, e as

pessoas, não sem razão, tendem a dizer que as vítimas eram todas homens da família Hartgil .

— Série de mo-mortes? — gaguejei. — Mas… mas El a disse que os fantasmas não podem fazer mal a ninguém!

— Claro, isso é verdade também! — disse Zelda com uma voz muito decidida. — Eu falei… isso é conversa fiada! Em Kilmington contam que Stourton tem uma matilha de cães pretos possuídos pelo demônio que correm atrás das vítimas até a morte. E aqui em Salisbury corre o boato de que ele empurrou um corista pela janela da escola de vocês só por ser primo de décimo grau de um Hartgil .

Tudo absurdo! Fantasmas incomodam e às vezes podem causar bastante medo, mas é como El a disse. No fim, são completamente inofensivos!

Inofensivos? Eu ainda podia ouvir aquela voz rouca na minha cabeça e sentia a lâmina da espada na minha nuca. Inofensivo não era exatamente a palavra que me vinha à cabeça.

El a também parecia pouco convencida das palavras de Zelda.

Ela ainda encarava o fichário em suas mãos com a testa franzida.

— E o que aconteceria se essas histórias fossem verdade? —

perguntou. — O que aconteceria se esses fantasmas fossem capazes de fato de matar Jon?

Zelda ergueu-se do sofá com dificuldade, e soltou um palavrão.

Algo como “porcaria de cardo”.

— Não se preocupe, minha querida. Eles não vão encostar num fio de cabelo do Jon, ainda que se portem rudemente. São fantasmas, e a única coisa que desejam é um pouco de atenção.

Mesmo assim, eu procuraria outra escola porque esse Stourton parece ser um fantasma bem teimoso, e Jon provavelmente não vai dormir em paz se continuar em Salisbury. Vamos! — disse. — Me ajude a voltar para o quarto. Esse pé vai acabar me deixando louca, eu sei. Talvez eu devesse pedir ao médico para arrancá-lo. Não fazem isso o tempo inteiro nos filmes?

Zelda apoiou-se no braço dela, mas a garota não se moveu. El a pode ser bem cabeça-dura mesmo.

— E se eles voltarem hoje à noite? — perguntou.

Zelda olhou para mim.

— É simples, não se importe com eles — disse. — Eles odeiam isso. E fique longe de janelas abertas. Nunca se sabe… — procurou apoio no braço da neta outra vez. Mas El a continuou sem se mover.

— E o cavaleiro? — perguntou. — Você não diz sempre que ele só está esperando alguém pedir ajuda?

Zelda soltou seu braço de novo.

— Céus, El a! Isso também não passa de mais uma historinha que eu conto

para os turistas! Você sabe que eu conto para eles um monte de coisa que não é verdade.

— Você contou para minha mãe também. Antes de dormir, quando era pequena. E ela contou para mim.

— Pois então, porque é uma boa história! Mas nunca ninguém viu a cara dele.

— Porque nunca ninguém o chamou!

Eu não tinha a menor ideia de quem elas estavam falando. Só sabia que meu medo era cada vez maior. Um medo tão apavorante que eu me sentia mal. Pela janela da sala eu via o tanque do moinho. A água refletia o céu cinza da tarde. Em poucas horas já estaria escuro. Onde eles esperariam por mim dessa vez?

El a e Zelda continuavam discutindo.

— Bom… tudo bem — murmurei virando-me. — Obrigado.

Diante da porta havia mais um sapo. Apanhei-o e o coloquei dentro do vaso com os outros. Então saí e fechei a porta.

E agora?

“De volta para a escola, o que mais poderia ser, Jon?”, pensei.

“Talvez você possa dizer que passou esse tempo todo no banheiro.

A senhora Cunningham acredita em tudo. E então telefone para sua mãe.”

Enquanto passava pelo portão do jardim de Zelda, fiquei imaginando o que diria à minha mãe. “Mãe, a avó de El a disse que você deveria me mandar para outra escola. Já ouviu falar de algum lorde Stourton? Não, isso não tem nada a ver com saudade de casa, e menos ainda com o Barba.”

— Droga — murmurei, depois de passar o portão. — Ela não acreditaria em uma palavra.

Estava me dirigindo para o caminho que atravessava o pasto, quando ouvi passos atrás de mim.

— Para onde você vai? — El a me ultrapassou e parou na minha frente.

— E para onde mais? — respondi. — Preciso voltar para a escola! Talvez o ódio deles possa esperar até eu chegar, antes do pôr do sol!

— Isso não faz sentido. Vamos para a catedral — disse El a balançando a cabeça.

— Para a catedral? Para quê?

A resposta dela foi agarrar meu braço e me puxar.

Como eu falei, El a nunca desperdiça palavras.

6. Um juramento há muito esquecido As casas velhas já se desvaneciam no crepúsculo, quando El a e eu chegamos de novo ao pátio da catedral. Em frente à igreja, ainda se viam uns poucos turistas, embora o portão do muro da cidade só fechasse às dez. Não era a primeira vez que eu tinha a sensação de que o pátio da catedral de Salisbury tinha ficado esquecido no tempo. Só os carros estacionados revelavam que estávamos no século xxi.

A catedral se espichava no céu, como se a torre quisesse tocar as escuras nuvens. Suas paredes de novo pareciam oferecer proteção contra todo o horror do mundo. Mas como? Eu não podia me esconder pelo resto do ano letivo numa igreja.

— El a, o que exatamente estamos fazendo aqui? — perguntei, enquanto a seguia pelo vasto gramado onde Stourton quase me alcançou e eu fiquei de joelhos diante do Bonapart. À nossa direita, dava para ver os muros da escola entre as árvores. Àquela altura, a sra. Cunningham já havia comunicado meu sumiço ao diretor.

— Vamos visitar alguém que pode ajudar você — disse El a. —

Ou você pensou melhor e prefere telefonar para a sua mãe?

Vinda daqueles lábios, essa solução parecia ainda mais vergonhosa.

— Não — repliquei de maneira brusca. — Não. Claro que não. —

E decidi que por ora não faria mais nenhuma pergunta.

Fomos pela entrada do mosteiro, que é usada pela maioria dos turistas. Os arcos de pedra lançavam sombras compridas, e no jardim, cercado por eles, um cedro gigante, que crescia ali havia séculos, aprisionava a escuridão em seus galhos.

Por todos os santos que nos encaravam lá de cima, quem El a queria encontrar aqui? Será que acreditava que algum padre

pudesse espantar Stourton? Ou algum dos anjos de pedra? Em todos os salões, eu olhava ao redor, procurando o aprendiz de pedreiro morto, mas El a acenava impaciente para a entrada da catedral.

Atrás das portas pesadas o ar estava tão frio que senti arrepios, e a luz crepuscular entre as paredes cinza pousou sobre meus ombros como um manto protetor, apesar de essa cena me fazer lembrar da mulher velha sobre a qual El a havia falado.

El a comprou os ingressos de entrada para nós e me puxou pelo corredor central, que levava ao altar. No cadeiral do coro ali atrás, Angus cantava quase todos os dias os hinos que sibilava durante o sono. Em nossa volta, cresciam colunas altas feito árvores, e sobre nossa cabeça os esteios se ramificavam, sustentando o teto como se os pilares fossem galhos de pedra. A igreja gigantesca estava quase vazia. Meia dúzia de turistas se perdia nos corredores, mas, quando nossos passos ecoaram no silêncio, acreditamos escutar por um momento os passos de todos os outros que foram até lá para pedir alguma ajuda.

El a parou. À nossa frente, entortavam-se as quatro colunas que apoiavam a abóbada da torre da catedral. Curvavam-se de verdade porque algum bispo, há centenas de anos, enfiou na cabeça que a catedral de Salisbury seria a primeira igreja com uma cúpula pontiaguda. O peso adicional quase levou a torre à ruína. Mas El a não me puxou por entre as colunas, e sim em direção a

um sarcófago que estava à nossa direita, em frente aos pilares. O último raio de luz do dia derramava-se pelas janelas altas da igreja, desenhando sombras nos ladrilhos de pedra desgastados.

— Lá está ele! — cochichou El a.

Lá estava quem?

Sobre o sarcófago, dormia um cavaleiro. Estendido sobre o caixão de pedra, com a espada numa das mãos, protegidas por luvas, o rosto virado de lado. Sob o elmo mal se via sua face. Uma placa ao lado do túmulo explicava que a imagem tinha cores antigamente, mas com o tempo elas desbotaram, deixando seus membros de pedra num tom branco amarelado como os ossos de um morto.

— O nome dele é Wil iam Longspee — El a sussurou. — Era filho ilegítimo de Henrique i e irmão de Ricardo Coração de Leão. Ele pode proteger você do Stourton. Você só precisa chamá-lo!

Olhei para baixo, encarando o rosto esculpido com cinzel.

Foi para isso que ela tinha me levado até ali. A decepção ficou entalada na minha garganta. Tudo bem. As duas últimas noites tinham me convencido definitivamente de que os mortos também podem ser muito vivos. Mas aquilo não passava de uma imagem de pedra.

— Também existe um monumento para o filho dele na catedral —

El a cochichou. — Mas ele está enterrado em Israel porque morreu nas Cruzadas. Zelda diz que cortaram seu corpo em pedaços. Muito horrível.

Do lado de fora, o dia ia morrendo e a catedral se enchia de escuridão. Provavelmente Stourton e seus criados já esperavam por mim.

— Droga, El a! — falei baixinho. — Foi sobre esse cavaleiro que você perguntou para a Zelda?

— Foi. Tenho certeza de que as histórias sobre ele são verdadeiras. Só que faz muito tempo que ninguém chama por ele. É

preciso que alguém precise realmente de ajuda, senão ele não vem!

Duas mulheres pararam ao nosso lado e começaram a discutir o valor da escultura de Longspee. Mas El a as encarou de um jeito tão sombrio que afinal se calaram e foram embora contrariadas.

— Escrevi uma redação sobre ele — sussurrou El a, assim que ficamos sozinhos outra vez. — Dizem que ele fez uma promessa quando voltou da guerra. — El a baixou a voz: — “Eu, Wil iam Longspee, não encontrarei paz até ter purificado minha alma de todos os atos infames, colocando-me ao lado dos inocentes, contra os desumanos, e ao lado dos fracos, contra os fortes. Assim juro e invoco a Deus por testemunha”. Mas aí ele morreu e supostamente continua tentando cumprir sempre a promessa.

El a me olhou entusiasmada.

— Quê? — sussurrei. — Isso é uma loucura! Nem todos os mortos voltam, El a!

Pelo menos, era o que eu esperava.

El a revirou os olhos e mirou ao redor, como se implorasse ajuda a todos os santos que nos cercavam.

— Por acaso você tem outra ideia? — sussurrou. — Quem melhor do que outro fantasma para proteger você desses fantasmas?

— Isso não é ideia nenhuma! — contestei baixinho. — Isso é…

loucura!

Mas El a não queria me escutar. Deu meia-volta. Cada vez chegavam mais pessoas pelo corredor central. Claro. Logo os coristas começariam a entoar as vésperas, e Angus estaria aqui. O

que aconteceria se ele contasse aos Popplewel que me viu na catedral?

Agarrei El a pelo braço e a puxei rápido por entre as colunas atrás do caixão

de Longspee.

— Pode ser que esse seu cavaleiro nem esteja enterrado aqui! —

cochichei, encostando-me na pedra cinza. — Ou o Bonapart também não contou para vocês que mudam constantemente as sepulturas de lugar na catedral? Às vezes até perdem ou confundem os ossos!

Lá vinham eles. Os coristas iam aparecendo com seus trajes verdes por entre as fileiras de bancos. Angus estava entre os primeiros e, como de costume, com o dedo na gola branca apertada. Ele sempre se queixava de como aquela coisa dura o estrangulava.

— Bem, com certeza Wil iam Longspee está neste caixão — El a falou baixinho, enquanto os coristas, seguidos pelo sacristão, passavam por nós se aproximando do altar. — E sabe por quê?

Porque quando transferiram o túmulo para cá, encontraram uma ratazana dentro do crânio. Ela está no museu de Salisbury, você pode ir lá conferir.

— E daí? — perguntei, controlando uma ponta de náusea, esforçando-me ao máximo para demonstrar indiferença.

El a suspirou, cansada por ter que explicar tudo.

— Longspee morreu tão de repente que todos acreditavam que ele havia sido envenenado. Mas ninguém conseguiu provar. Até encontrarem a ratazana! Ela estava cheia de arsênio!

A história parecia agradar-lhe. Mas não a mim. Assassino e assassinado. O que havia acontecido com a minha vida? Por um

instante, pensei estar vendo o Barba jazer sobre o sarcófago, empalidecido e petrificado, daquele mesmo jeito. Mas olhar para as janelas escuras da igreja me fez lembrar de que naquele momento minhas preocupações eram realmente outras.

Atrás do altar, o sacristão acendia as velas, e do lado de fora Stourton provavelmente já procurava a janela pela qual me empurraria. Enquanto isso,

eu discutia com uma menina que mal conhecia sobre cavaleiros mortos e ratazanas envenenadas.

— Você *precisa* evocá-lo! — El a sussurrou. — Assim que ficarmos sozinhos!

Os coristas começaram a cantar. Suas vozes ecoavam na igreja escura, como se as próprias pedras também cantassem.

— Sozinhos? E como vamos conseguir isso? — respondi, sussurrando. — A catedral fecha depois das vésperas.

— E daí? Deixe que fechem, ficamos trancados aqui.

— Trancados aqui? — a situação só piorava.

Sem dizer nada, El a agarrou minha mão. Levou-me para a entrada norte. Atrás de mim, Angus fazia o solo que treinava de manhã na frente do espelho do banheiro. Mas El a parou diante de uma porta de madeira escura, cravejada de pregos de ferro.

Empurrou a maçaneta para baixo, olhou para a direita, depois para a esquerda, e abriu. O espaço era pouco maior que o de um armário. El a me empurrou para dentro e puxou a porta atrás de nós.

— Perfeito, não? — eu a escutei dizer baixinho. — Foi um corista que me mostrou.

— Por quê? — Ficar escondido com ela no escuro e num espaço tão apertado me deixava nervoso.

— Ele queria me beijar. — Era impossível não perceber o asco na voz de El a. — Mas, por sorte, sou mais forte do que todos eles.

Fiquei contente por ela não poder ver na escuridão como eu havia enrubescido. Eu tinha acabado de imaginar como seria passar a mão em seu cabelo.

Mesmo através da porta dava para ouvir o canto dos coristas.

Angus afirmava que era capaz de quebrar o vidro de um copo com a sua voz, mas até agora está devendo essa prova para o Stu e para mim.

— É bonito, não é?

Eu não tinha certeza. Desde que o Barba havia entrado na minha vida, eu comecei a gostar de música alta, muito alta, definitivamente não *Paz na Terra*. E era espantoso ver como Angus, que sempre arrumava briga e que perdia o controle em toda partida de rúgbi, tirava de si harmonias tão angelicais e ainda parecia gostar de fazer isso. “Como você pode ficar andando por aí com essa roupa idiota?”, perguntei quando o vi usando o traje pela primeira vez (eu tinha acabado de ser reprovado no teste para corista). “Whitcroft, você não tem noção!”, respondeu Angus com um sorriso de compaixão, limpando um ou outro pelo de cachorro da roupa verde.

Decerto ele tinha razão, e infelizmente não apenas quanto ao traje dos coristas. Eu não entendia nada mesmo de meninas, por isso ficar à espera numa câmara escura com El a me tirava do eixo quase tanto quanto o sopro rouco de Stourton.

— É. De fato, não é feio — murmurei, e afastei o cotovelo depressa, ao roçar o braço de El a. “O que você está fazendo aqui, Jon Whitcroft?”, pensei. “Você quer mesmo fazer papel de idiota, tentando arrancar do sono um cavaleiro morto?”

As vésperas duraram menos de uma hora, mas para mim parecia ter passado um ano inteiro quando o canto e o órgão finalmente silenciaram e passamos a ouvir o som de passos e de risos abafados.

Eles foram embora.

Escutamos as portas se fecharem, escutamos os passos solitários do sacristão que apagou a luz, e aí não havia nada além do silêncio.

Estávamos sozinhos na catedral.

Sozinhos com os mortos.

7. O cavaleiro fantasma

Quando El a abriu a porta, o ar cheirava a cera de vela derretida, e o canto dos coristas parecia pairar entre as colunas.

O breu dava a impressão de que a catedral era ainda maior. Era como se apenas a noite pudesse despertá-la de verdade para a vida, para uma vida inteiramente própria, e não me surpreenderia se um dos santos descesse de seu pedestal e nos questionasse, com os diabos (bem, talvez fosse mais provável “por Deus”), o que estávamos fazendo ali àquela hora.

Pois é, o quê? “Estamos sendo ingênuos!”, pensei, quando El a me entregou a lanterna que havia trazido por precaução. É claro que ela não tinha a menor dúvida sobre seu plano.

— O que você acha? — perguntou, deixando correr o raio de luz da lanterna ao longo das colunas. — Devemos esperar até meia-noite? Zelda diz que em geral os fantasmas gostam de aparecer nesse horário.

— Meia-noite? — olhei para o relógio.

Ainda faltavam quase quatro horas para a meia-noite!

— É verdade! — El a disse. — Vamos evocá-lo agora mesmo.

Venha.

“Lembre-se de Stourton, Jon!”, pensei e fui tropicando atrás dela.

“Nada pode ser pior que Stourton!”

Do lado de fora, a lua trilhara um caminho nítido por entre as nuvens. Seu brilho recaía sobre a imagem de Longspee e coloria a pedra com um branco feito neve. Parecia de fato que ele estava dormindo. A mão vestindo a luva repousava sobre a empunhadura da espada como se ele de fato não pudesse soltá-la.

El a fez um sinal, encorajando-me, e recuou alguns passos.

“Vamos lá, Jon. Ela nunca o perdoará se você ao menos não tentar.”

Aproximei-me tanto do sarcófago que bastava erguer a mão para tocar a luva de Longspee.

— Jon — sussurrou El a. — Ele é um cavaleiro! Você precisa se ajoelhar!

Ajoelhar?

Ainda mais essa. Fiquei de joelhos.

— Meu… é… meu nome é Jon Whitcroft.

Parecia que minha voz se desfazia no silêncio, e quanto mais eu me esforçava para fazê-la soar grave, mais ela parecia fina, como a de um menino de onze anos.

— Eu… eu estou aqui para pedir ajuda. Alguém está querendo me matar. E justo porque esse alguém está morto como você, a El a pensou…

Calei-me. Não. Era simplesmente ingênuo demais. Os ladrilhos de pedra estavam frios como gelo, e a lua continuava colorindo o rosto de Longspee de um branco cadavérico, como se quisesse me fazer lembrar de que eu estava me ajoelhando diante de um homem morto. Eu queria ir para casa e esquecer tudo o que havia acontecido nos últimos meses, incluindo Stourton e o Barba.

Mas, quando ia me levantar, escutei El a de novo atrás de mim, sussurrando:

— O que você está fazendo? Fique onde está! Você não sabe nada de cavaleiros? Eles ficavam horas ajoelhados!

Sim. Eu já ouvira falar disso.

Senti o cheiro das flores de outono que estavam sobre o altar e pensei nos quatro defuntos com o pescoço quebrado, em Wil iam Hartgil e seu filho e no fato de que eu não queria mesmo um novo pai.

— Por favor! — ouvi meu próprio sussurro. As palavras vinham como por si mesmas. — Por favor, Wil iam Longspee. Ajude-me.

De repente, ouvi passos. Passos que retiniam como se os sapatos fossem de ferro. Virei-me.

E ele estava lá.

Quando fecho os olhos, ainda posso vê-lo com a mesma nitidez daquela noite. Será sempre assim.

A túnica que cobria a cota de malha mostrava os três leões dourados de Salisbury sobre o fundo azul, e, diferentemente da escultura de pedra, ele não usava o elmo. Seu rosto não tinha barba, seus olhos eram de um azul pálido e seu cabelo louro acinzentado tinha mechas brancas.

— Levante-se, meu rapaz — ele disse. — Eu me lembro bem de como a perna e sobretudo o joelho ficavam dormentes. Gostaria de ajudá-lo, mas, como não disponho de uma mão de carne e sangue, acho que ela seria de pouca serventia.

De fato não era fácil voltar a ficar de pé. Só que isso era mais porque meus joelhos tremiam, e eu torcia para que ele não tivesse percebido.

Longspee era maior do que eu esperava, e sua cota de malha brilhava como se a lua a tivesse feito para ele.

Pareceu-me tão magnífico. Como os cavaleiros com que eu sonhava quando tinha seis anos, golpeando as folhagens da amoreira em nosso jardim, imaginando lutar contra dragões e gigantes com uma espada que me tornava invencível e um escudo que me protegia contra tudo o que me dava medo — crianças mais velhas, o cachorro bravo do vizinho, trovoadas durante a noite ou a pergunta da minha irmã mais nova sobre quando o papai enfim voltaria.

Inclinei-me numa reverência desajeitada. Eu não sabia o que fazer. A única coisa que eu sabia era que meu medo tinha passado, como se Longspee o tivesse apagado do meu coração.

Ele sorriu, mas o sorriso estava apenas em seus lábios. Seus olhos piscavam como se ele não tivesse tido muitas ocasiões de sorrir nos últimos séculos.

— Faz muito tempo que ninguém precisa de minha ajuda — disse com uma voz que parecia vir de longe. — Quase não o escutei.

Tenho sonhos sombrios. Agora, raramente eles me deixam ir. Temo que você tenha chamado o cavaleiro errado — e apontou para o sarcófago que estava a apenas alguns passos da entrada, do outro lado. A imagem do cavaleiro que dormia ali aparentava ser a de um cavaleiro gigantesco.

— O nome dele é Cheney — disse Longspee. — Ele é de lua e cobra por seus serviços. Mas, se você colocar algumas moedas em

sua testa, tenho certeza de que ele virá ajudá-lo.

Ele olhou ao redor, como se tivesse se esquecido de onde estava.

— Deixe-me continuar a dormir, Jon Whitcroft — disse com voz pesada e cansada. — Apenas o sono proporciona esquecimento quando as sombras de sua vida o perseguem e você sente falta de quem ama.

Seus traços começavam a se desfazer, como uma foto desfocada, e toda a sua figura foi sumindo.

Não!

Eu queria agarrar sua mão vestida com a luva e impedi-lo, mas só consegui ficar ali parado, sentindo o medo voltar, o medo e a solidão e a fúria, enquanto a figura brilhante de Longspee se dissolvia no breu como num sonho. Claro. Tudo não passava de imaginação.

Feita de medo e de saudade de casa, além do papo-furado sem fim de Bonapart sobre Coração de Leão.

— Mas ele chamou você e não Cheney.

A voz de El a soou alto na catedral vazia. Havia me esquecido dela completamente.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. Então a voz de Longspee penetrou na escuridão, como se ele estivesse atrás de uma das colunas.

— Veja só. Você não veio sozinho, Jon Whitcroft.

— Não. Essa… essa é El a — gaguejei. — Foi ela quem teve a ideia de evocá-lo.

— El a? — Longspee pronunciou o nome, como se quisesse sentir o gosto de cada letra na boca. Sua figura tornou-se ainda mais cintilante.

— Sim. — El a veio até meu lado. — Como sua esposa, El a von Longspee. Mas em Lacock Abbey, onde está enterrada, o nome da sua esposa está grafado com um “l” só. Como você a chamava?

A imagem de Longspee estremeceu, feito um reflexo sobre água escura.

— El a — respondeu. — Eu sempre a chamei de El a. Desde o dia em que a vi pela primeira vez. Provavelmente não era muito mais velha do que você, mas seus cabelos eram loiros e ela não era tão alta. Mesmo depois de grande, mal batia no meu ombro. Apesar disso, era mais forte do que todos os homens que conheci na vida.

El a ajeitou o cabelo para trás. Quase sempre faz isso quando fica encabulada. Mas eu não sabia disso na época.

— É, minha mãe também conta isso sobre ela. Por causa dela me chamo assim.

Longspee examinou o rosto de El a, como se ele o fizesse ver, apesar de toda a diferença, um outro rosto. Então olhou para mim outra vez.

— Quanto tempo será que dormi dessa vez? O tempo passa devagar quando se teme o inferno e é preciso fazer por merecer o céu. — Ele tocou a empunhadura da espada e, por um instante, acreditei ver sangue em suas mãos e roupas. Mas a luz da lua levou essa impressão quando ele se voltou para mim.

— Que ajuda você espera de um cavaleiro morto, Jon?

Quando comecei a contar a Longspee sobre Stourton e seus servos, parecia que toda a catedral estava à espreita, todos os santos e mortos que

descansavam em suas catacumbas. Ele escutava atento, com o rosto imóvel como se sua própria imagem na pedra tivesse despertado para a vida. El a completava algumas partes, até que finalmente nos calamos. Longspee olhou pelas janelas escuras, como se estivesse vendo aqueles que me perseguiam do lado da fera, sob as estrelas.

— Conheço homens desse tipo — disse por fim. — São malignos dos dois lados, na vida e na morte. O que não quer dizer que não tenha lutado por eles enquanto eu era vivo. — Quando ele olhava a fileira de colunas, era como se pudesse ver uma recordação de sua vida por trás de cada uma delas. — São quatro e só aparecem à noite?

Assenti.

— Eles dizem que vão me perseguir até me matar. A avó de El a acha que não podem fazer nada contra mim, mas… — minha voz falhou.

Longspee encarou-me. Então, tirou a luva da mão esquerda.

— Estique sua mão, Jon Whitcroft — disse.

Obedeci.

No dedo médio de Longspee brilhou a imagem translúcida de um anel. Seu brasão estava esmaecido como uma foto antiga, mas

quando ele o apertou contra a palma da minha mão, queimou feito gelo, deixando a marca de um leão na minha pele.

— Da próxima vez que você vir Stourton — disse Longspee —, feche o punho em que está gravado meu sinal e eu estarei lá.

Então ele se afastou e desapareceu, como se a catedral tivesse dado um suspiro profundo e o tornado parte dela outra vez. Até a luz da lua enfraqueceu, parecia que Longspee levara-a consigo. El a e eu ficamos lá, olhando um para o outro. Mal podíamos nos reconhecer na escuridão, mas não importava. Eu podia ver o sorriso largo de El a. E, claro, como sempre, ela encontrava as palavras certas.

— Viu só?

Bem ao lado do sarcófago de Wil iam, ajeitamo-nos para dormir, e, assim que peguei no sono, acreditei ter visto uma mulher velha na entrada principal da catedral. Mas talvez fosse só um sonho.

Stourton não apareceu naquela noite. Isso é tudo o que eu sei. E, junto à tumba, eu me sentia tão seguro como se estivesse dormindo de novo na minha própria cama, em casa.

8. Uma tarde bem agradável Na manhã seguinte, quando o sacristão nos encontrou, senti pela primeira vez depois de muitos dias que havia dormido bem, e a marca do leão na minha pele provava que Longspee não era um mero sonho. Quando voltei para a escola, a sra. Cunningham indagou sobre meu desaparecimento, com um ar claramente ofendido. Balbuciei algumas frases comoventes sobre o novo namorado horroroso da minha mãe e que eu achava que se rezasse algumas vezes na catedral ele acabaria sumindo. (Eu sei, eu merecia que um raio caísse do alto da torre em cima de mim, mas tudo indica que os céus têm pena dos filhos ciumentos.) Desculpei-me mil vezes com a sra. Cunningham e com os Popplewel , que passaram a noite toda me procurando. Jurei por tudo o que havia de mais sagrado não pular mais a janela do banheiro na hora da correção da lição de casa.

Com onze anos já dá para saber muito bem aquilo que os adultos querem ouvir, e, admito, fiquei orgulhoso por minha história ter sido aceita com tapinhas nas costas solidários (do diretor da escola) e dois abraços encharcados de lágrimas (da sra. Cunningham e de Alma Popplewel). Com certeza, a verdade não teria, nem de longe, despertado uma reação dessas. Um menino de onze anos que tenta se livrar do amante da mãe com orações é menos perturbador que a aparição de um cavaleiro fantasma.

Meus únicos castigos foram escrever uma redação sobre a importância das regras e de seu cumprimento e passar o final de semana sem sair de casa, sob a vigilância dos Popplewel . El a, porém, não gostou nem um pouco de ouvir isso. Afinal, queria estar por perto quando Longspee fosse mandar Stourton para o inferno. E

ainda tinha convencido Zelda a me deixar dormir em sua casa na

esperança de que os meus perseguidores aparecessem por lá. Mas meu castigo destruiu esse belo plano.

El a não recebera punição. Zelda se satisfez com a explicação de que a neta havia me encontrado numa situação tão lamentável na catedral que precisou de muito tempo para me acalmar e acabou ficando presa lá dentro. Eu sei, Zelda acredita em tudo o que a gente diz.

Sobre Longspee, El a não contara nada.

— Por quê? — repetiu quando a indaguei a respeito. — Zelda ficaria louca para encontrá-lo e fazer mil perguntas sobre sua vida e sua mulher! Às vezes ela me faz passar a maior vergonha!

Stu e Angus tinham ido visitar a família durante o final de semana.

Por isso, passei todo o sábado sozinho no quarto, contemplando a marca na minha mão, sem saber se devia temer a chegada da noite ou ansiar por ela.

Às quatro horas mais ou menos El a veio me visitar. Ainda estava inconformada com meu castigo.

— Pois, muito obrigada! — disse, quando nos sentamos no muro do jardim, à margem do rio, alimentando os patos com torrada velha. — Você quer ficar com toda a diversão só para você?

— Diversão? — perguntei. — Defina diversão. Longspee ainda não fez nada contra os quatro fantasmas. Talvez eu esteja tão morto quanto ele da próxima vez que nos encontrarmos!

El a respondeu apenas com um olhar do tipo *Jon-Whitcroft-não-pense-que-eu-sou-tonta*. Tudo bem, devo reconhecer. Eu estava bem otimista no que se referia às qualidades de protetor de Wil iam Longspee.

— Ainda preciso arranjar uma explicação para o desaparecimento de ontem — eu disse, para desviar o assunto. — Essa história de rezar na catedral foi perfeita para os adultos. Mas, se isso se espalhar na escola, vai arruinar minha reputação por meses.

— Isso é fácil — disse El a, desembrulhando os lanchinhos que Zelda havia preparado. (Zelda havia colocado sobre eles rodelas de cebola para que parecessem olhos de sapos.) — Conte a verdade.

Menos a parte de Longspee. Diga que eu mostrei para você a câmara atrás da porta e que já era tarde demais quando

percebemos que estávamos presos. De minha parte, pode contar que nos beijamos. Os meninos adoram ouvir coisas assim.

É claro que eu fiquei tão vermelho quanto o salame com que Zelda recheara nossos lanches. Só consegui murmurar que ninguém acreditaria em mim.

— Claro que vão acreditar — disse El a. — Meninos são uns bobos. Com exceções — acrescentou graciosamente.

Para variar, fazia um dia ensolarado. Depois de tanta chuva, dava uma sensação boa sentar no muro antigo, olhar o rio, comer os pães-sapos de Zelda, ficar em silêncio. Com certeza, El a devia achar que eu pensava em Longspee e em Stourton, mas eu estava imaginando como Stu reagiria quando eu dissesse que havia beijado El a Littlejohn.

No parque do outro lado do rio, alguns meninos jogavam futebol.

Dois cisnes passaram por nós, e um velho estava sentado num banco, dividindo seu sorvete de casquinha com um cachorro bem gordo. A tarde não estava nada mal, e me lembro de ter pensando que talvez Salisbury não fosse um lugar tão chato.

Passei os dedos pela marca do leão no meu punho. A pele ainda parecia congelada.

— El a? — chamei. — Você acha que ele virá de verdade, né?

El a chupou o ketchup dos dedos.

— Claro — respondeu.

Claro.

Tirei uma formiga da calça.

— A mulher de Longspee… a outra El a… o que você sabe sobre ela?

— Sei bastante — El a virou o rosto na direção do sol. — Minha mãe é obcecada por ela. — Mudou o tom de voz e começou a imitá-

la: — “El a, imagine só! Foi a primeira xerife mulher de Wiltshire!

Presenciou a assinatura da Magna Carta!”

O ventou soprou o cabelo escuro em seu rosto.

— Coração de Leão casou-a com Longspee quando ela era ainda muito jovem. Dizem que foram muito felizes, apesar de ele ser bem mais velho. E tiveram oito filhos. Mas aí o barco de Wil iam naufragou, e, como El a era condessa, queriam obrigá-la a se casar novamente. Ela disse não. Wil iam não está morto. Vocês vão ver.

Ele vai voltar. E tinha razão. Mas quando ele enfim voltou, acabou morrendo logo depois. E El a pegou seu coração para enterrá-lo em Lacock. Assim como fez com o coração de seu filho mais novo.

Então se tornou freira.

O sol desaparecia atrás das árvores. Arrepiado de frio, ergui a gola da jaqueta. O jardim enchia-se de sombras.

— Bem, então está explicado por que ele parece tão triste —

murmurei.

— Zelda diz que todos os fantasmas têm histórias tristes e que nunca conseguem pôr um ponto final nelas — disse El a, espantando uma abelha de seu joelho.

O velho levantou-se e foi embora com o cachorro. Os cisnes haviam saído do rio e os meninos que jogavam futebol, sumido.

Parecia que El a e eu éramos os únicos seres vivos no mundo.

— Preciso ir — El a disse. — O médico falou que eu devo cuidar para que Zelda não ande demais por aí com as muletas. Como se ela me escutasse! — E colocou a mão no meu braço: — “Fique longe das janelas abertas hoje à noite!

Não tinha ideia de como janelas fechadas poderiam deter os fantasmas, mas concordei.

— Me ligue — El a disse. — Tome. Este é o número da Zelda e este o dos meus pais. Eles voltam para casa amanhã — dessa vez, ela não escreveu no meu braço, mas num pedaço de papel.

Colocou-o em minha mão e desceu do muro escorregando.

— Jon…

De repente, a voz de El a era menos que um sopro.

Enfiei o papel no bolso da calça.

— O quê? — virei-me.

Havia dois cachorros entre as roseiras de Alma Popplewel . Os Popplewel não tinham cachorro, muito menos como aqueles dois, tão pretos que pareciam o fundo da noite.

El a mordeu os lábios. Foi a primeira vez que vi medo em seu rosto.

— Eu *odeio* cachorros! — sussurrou.

Para mim, não pareciam cachorros reais, mas fiquei quieto.

Tinham o pelo eriçado como cachorros reais, mas cachorros reais não teriam aqueles olhos vermelhos e não seriam do tamanho de

um bezerro. O que quer que fossem, arreganharam os dentes como se tivessem entendido o que El a acabara de dizer.

“Em Kilmington contam que Stourton tem uma matilha de cães pretos possuídos pelo demônio que correm atrás das vítimas até a morte.”

Tinha certeza de que El a também se lembrara da história de Zelda. “Droga!”, pensei. Então peguei depressa dois pedaços de madeira que Edward Popplewel havia cortado para a lareira e estavam empilhados ao lado do muro. E nem estava escuro ainda!

— Aqui! — sussurrei e estendi um dos pedaços para El a. — Meu avô tinha um pastor-alemão bem bravo. Bata o pau com força no focinho deles quando atacarem.

El a me olhou com espanto, porém aceitou o pedaço de madeira.

Percebi que nesse meio-tempo ela chegara à mesma conclusão que eu: a de que teríamos pela frente algo mais que uma mera dupla de vira-latas.

— Você está esperando o quê? — sussurrou. — Chame Longspee!

Os cachorros soltaram um rosnado que nos deixou em sobressalto. No lugar onde estávamos, começou a subir uma névoa escura da terra ainda molhada da chuva. Era como um véu enxovalhado se espalhando pelo jardim. Foi se tornando cada vez mais espessa até que tudo o que havia ali desapareceu: as árvores, a casa, o muro. Toda Salisbury se diluiu na escuridão, e das sombras surgiram aqueles cavalos que eu já conhecia bem. Dessa vez estavam todos ali: lorde Stourton e seus criados assassinos à caça de mais um Hartgil . Três chegaram pela esquerda; o quarto veio com seu senhor de onde momentos antes se via a casa dos Popplewel .

— Jon! — questionou El a. — Você está esperando quê?

É, o quê? Cinco, sussurrei comigo. Cinco. O que um homem totalmente sozinho pode fazer contra cinco assassinos? Mesmo assim, fechei o punho com a marca de leão enquanto os cães do demônio, ofegantes, admiravam seu senhor, como se implorassem a ordem para nos atacar.

“Wil iam Longspee, por favor, ajude-me!”

Ele surgiu assim que meus dedos tocaram o sinal. Sua cota de malha brilhava com tanta força que de repente a escuridão parecia embebida de luz. Os cavalos fantasmáticos espantaram-se, e os cães pretos encolheram-se na grama no instante em que Longspee puxou sua espada e colocou-se entre nós e os cavaleiros.

— Vejam só o que temos aqui: cinco assassinos — ele disse sem levantar a voz. — Vocês agora deram para caçar criancinhas?

Os cavalos esmaecidos relincharam, e a escuridão os rodeou feito uma fumaça venenosa.

— Saia do nosso caminho — a voz de Stourton soou tão rouca como se o nó pendurado em seu pescoço apertasse ainda mais a garganta. — Você se perdeu no tempo? Os dias dos cavaleiros já tinham acabado quando eu ainda tinha carne e sangue nos ossos.

— E os seus dias? — devolveu Longspee. — Pelo visto, eles acabaram com uma corda de seda. Uma morte nada louvável!

Os cães pretos rosnaram como se sentissem a cólera de seu senhor, e Stourton mostrou os dentes como se fosse um deles.

Senti que El a tremia ao meu lado. Fiquei contente que estivesse comigo, mas ao mesmo tempo desejava vê-la bem longe — na casa de Zelda, onde o único perigo era tropeçar num sapo.

— Ah! Já sei quem é você! — disparou Stourton, enquanto seus criados puxavam os cavalos para o lado dele. — Você é o filho bastardo do rei, você está enterrado na catedral. O que está fazendo por aqui ainda? Pensei que tivesse ido diretamente para o céu, considerando toda a nobreza de sentimentos que lhe atribuem!

— E por que você ainda não foi para o inferno? — Longspee não tirava os olhos dos servos de Stourton. — Imagino que, para um assassino medroso como você, deva ser fácil achar o caminho, não? Ou nem o diabo quis recebê-lo?

Stourton aprumou-se na sela. Seu rosto exangue brilhava feito uma planta venenosa, e a escuridão acariciou-o com suas mãos negras, como se ele fosse seu príncipe.

— Entrarei no inferno tal qual um rei — grunhiu. — Mas só quando não houver mais nenhum Hartgil sobre a terra.

Ergueu sua mão ossuda, semelhante à da própria morte, e, quando seus criados puxaram as espadas, escorreu sangue outra vez das lâminas. Pensei ter escutado Alma Popplewel chamar meu

nome de algum lugar ao longe, mas o mundo onde existiam mães de família e outros seres inofensivos parecia muito mais distante que a Lua. Longspee deu um grande passo para trás, e eu vi como sua mão segurou firme a empunhadura da espada. Eles eram cinco!

Cinco contra um! De repente, senti tanto medo por ele que quis correr para me colocar ao seu lado. Mas El a me impediu.

— Não, Jon! — sussurrou.

Nesse mesmo instante, Stourton avançou com o cavalo na direção de Longspee.

Dei um grito quando ele se preparava para pegar a espada, mas Longspee foi mais rápido. Desviou-se da lâmina e enfiou a espada de lado no fantasma enforcado. O cavalo de Stourton empinou-se quando seu senhor caiu. Ele tombou na grama úmida, e eu vi um coração preto, reluzindo feito carvão sob suas costelas. Com um palavrão rouco, colocou-se de pé novamente. Escorria sangue de suas roupas desbotadas. O líquido era tão claro e translúcido quanto sua pele. Ele afastou seus homens com um ladrido irado, enquanto o breu se aglomerava em torno dele como um manto. Os cães pretos encolheram-se ao seu lado com o pelo eriçado, exibindo os dentes.

Wil iam olhou à nossa volta. Eu não tinha certeza do que via em seu rosto. Existe medo depois da morte? Se sim, então ele temia por nós.

Stourton ainda cambaleava, mas recolheu sua espada da grama, os criados já

esperando atrás dele.

— Vou falar mais uma vez: saia do meu caminho, seu tolo! —

disparou. — O garoto é meu! Ele me pertence desde que um Hartgil colocou a corda no meu pescoço.

A luz do sol aquecia minha nuca, mas ela pertencia a outro mundo. Seus raios se atenuavam na névoa que pairava sobre o jardim.

— Desapareça — disse Longspee com uma voz calma. —

Desapareça e não volte nunca mais.

Stourton respondeu com uma gargalhada irônica, que soou como um latido. Sua boca se abriu como se a pele pálida feito pergaminho tivesse sido rasgada.

— Destruam-no! — ordenou.

Os cães pularam em Longspee com os dentes arreganhados. O

primeiro teve a cabeça cortada antes mesmo que pudesse cravar os dentes em seu corpo. O segundo atacou-lhe o braço, mas Longspee fincou a espada em sua nuca, e as bestas se dissolveram na névoa escura. Os ganidos perfuraram meus ouvidos, e antes que eu pudesse entender o que se passava El a me puxou para o chão e esticou o braço sobre mim, protegendo-me. Espadas retiniam sobre nossa cabeça. O frio congelou minha pele.

Cinco contra um.

Vi as lâminas resvalarem na cota de malha de Longspee, seu ombro ser perfurado, sua coxa, lacerada. Vi sangue, feridas que se fechavam como se a luz que envolvia Longspee as selasse. Dois dos criados de Stourton tombaram assim que Longspee enfiou a espada onde outrora devia ter pulsado seus corações, e a escuridão jorrou para fora do peito, tomou forma humana e dissolveu-se num grito. O terceiro teve a cabeça cindida pelo cavaleiro. Era o que tinha cara de hamster e que esperou debaixo da minha janela. Seu corpo se desmanchou como cinza e espalhou pelo vento. O rosto

de Stourton ardia em chamas de ódio enquanto o dia que morria encontrou o caminho de volta ao jardim.

Mas Longspee respirava com dificuldade. Ao ser atacado pelo último criado, saiu vacilante; seu braço esquerdo pendeu, enfraquecido.

Soltei-me de El a e fui em sua direção, ajudá-lo. Mas de repente Stourton apareceu na minha frente. Tropecei ao tentar me afastar.

El a veio em meu auxílio e me entregou o pau que eu lhe dera para se defender dos cães. El a foi valente, mas o que um pedaço de madeira poderia fazer contra um assassino imortal? Stourton soprou seu bafo nojento em seu rosto, e ela tombou na grama. Ouvi meu próprio grito de raiva; senti meus punhos cerrarem para destroçar sua cara desumana. Mas Stourton riu de mim com sarcasmo e ergueu a espada.

“Já chega, Jon Whitcroft”, pensei com os meus botões. “Como vão explicar sua morte? Vão dizer que você se afogou no rio de tanta saudade de casa? Que fez picadinho de você mesmo ou que morreu sufocado numa fumaça preta, levando junto a pobre El a Littlejohn?” Já podia sentir a lâmina de Stourton entre minhas

costelas. El a com certeza estava enganada. É claro que eles podiam nos matar. Ele nos faria em pedaços! Mas de repente os olhos de Stourton esmoreceram feito brasas que esfriam, e suas mãos ossudas soltaram a espada. A lâmina de Longspee atravessou o seu peito, o ferro forjado preto como fuligem, e o lorde enforcado tombou diante dos meus pés. Saía fumaça da ferida em seu peito, e seu gemido tocou meu rosto como uma mão gélida, como se ele ainda tentasse me levar consigo. De repente, tudo ficou em silêncio, e à minha frente jazia apenas uma carcaça, semelhante à pele que a libélula adulta deixa para trás.

Todo o meu corpo tremia; eu simplesmente não conseguia parar.

Enquanto isso, a névoa escura ao me redor se dissipava, até que pude voltar a ver a janela do internato no final do jardim.

— El a? — disse com a voz trêmula.

Eu não ousava me virar de tanto medo de encontrá-la morta na grama. Meu coração deu um pulo de alívio quando ouvi sua voz ao meu lado.

— Ai, como isso é nojento! — disse. Lá estava ela com folhas secas no cabelo e alguns arranhões na testa, mas viva e olhando com cara de asco para a carcaça de Stourton, que se desfez sob a luz crepuscular.

Os derradeiros raios de sol também foram apagando os traços de Longspee. Eu mal pude reconhecê-lo quando guardou a espada na bainha.

— Obrigado — balbuciei. — Obrigado. Nós…

Mas Longspee apenas acenou para mim com a cabeça, sem palavras, ofertando-nos a sombra de um sorriso. E desapareceu.

O pôr do sol enchia o jardim de vermelho e dourado. Eu não conseguia encontrar vestígio algum de que ali acontecera uma batalha, salvo por alguns galhos quebrados e marcas de patas na grama queimada.

— Jon? — escutei Alma Popplewel chamar, e dessa vez sua voz não parecia vir de outro planeta. — Jon!

— Aqui! Estamos no jardim! — gritei de volta, surpreso por minha voz já ter voltado mais ou menos ao normal.

Os joelhos de El a com certeza tremiam como os meus enquanto caminhávamos de volta para casa.

— Sua mãe está no telefone, Jon! — Alma gritou em nossa direção. — Não posso acreditar que vocês dois estavam no jardim!

Vocês viram aquela névoa? Eu me pergunto que raios pegou fogo em algum jardim por aí!

El a e eu trocamos um rápido olhar. Não conseguíamos acreditar que Alma não estava vendo em nossa cara o que tinha acontecido, mas ela só reparou numas folhas no cabelo de El a e na terra molhada na minha calça.

— Vimos dois cachorros — eu disse. — Feras assustadoras de verdade. Mas

nós as enxotamos.

— Cachorros? — Alma lançou um olhar preocupado para o jardim. — Oh! Eles vêm atrás dos patos no rio e pulam o muro. Acho que devia ser proibido passear cães sem coleira no parque. Use o telefone do escritório, Jon. Enquanto isso, El a pode experimentar o pudim que eu fiz.

Pudim. Falar com a minha mãe… A vida realmente continuava.

Depois do que ocorrera, era muito estranho responder a questões do tipo: "você já tem novos amigos?" ou "como é a comida?". Na verdade, eu queria perguntar: "mãe, você tem ideia do perigo que seu filho está correndo por ter sido mandado para Salisbury?". Mas me contive. Longspee havia mandado Stourton de uma vez por todas para o inferno e não havia mais problema.

Minha mãe estava com uma voz boa. Embora seu filho tivesse acabado de escapar de uma tentativa de assassinato por um lorde fantasma, justamente porque ela o enviara para o lugar mais perigoso que podia existir para membros de nossa família, ela falava sobre as férias com o Barba e como ele estava sendo legal para minhas irmãs. Pouco importava. Para mim tudo era indiferente. Eu me sentia feliz simplesmente por estar vivo e por não ter acontecido nada a El a. E por todo aquele medo ter acabado.

— Jon? E o que você diz?

Acho eu tinha perdido alguma coisa.

— Diz do quê?

— De passarmos um final de semana gostoso juntos! Eu vou na sexta e fico até domingo à noite. Você sabe, tem gente trabalhando na reforma aqui em casa, pois o Matt precisa de um consultório o quanto antes; senão eu preferiria que você viesse para cá. Mas

você não acha que talvez seja até mais legal passarmos alguns dias só nós dois? Podemos visitar Stonehenge, passear, comer no antigo moinho. Quando fomos ver a escola tivemos só algumas horinhas, mas agora poderíamos quem sabe até ouvir as vésperas na catedral! Nunca estive na catedral à noite,

deve ser maravilhoso, não acha?

— Com certeza — murmurei, e de repente senti como ela me fazia uma falta terrível.

Queria contar-lhe tudo o que havia acontecido nos últimos dias (mesmo tendo certeza de que ela não acreditaria em uma palavra).

Queria apresentar-lhe Angus e Stu, e também El a. Sim, em especial El a! Embora… talvez essa não fosse uma ideia muito boa.

As mães podem nos fazer passar a maior vergonha quando apresentamos amigos para elas. Sobretudo se forem meninas. Mas de repente veio outro pensamento à minha cabeça. Espere aí! Ela não podia vir! Ela era uma Hartgil , como eu! “E daí?”, perguntava meu lado racional. Stourton tinha acabado, se dissolvido, ou sabe-se lá como se diz isso de um fantasma. Não havia mais assombração. Além do mais, Zelda não havia dito que eles só importunam os *homens* da família Hartgil ?

— Jon?

Olhei fixamente para o telefone.

— Oi… estou aqui, mãe.

— Você quer que eu vá?

— Claro — desde que o Barba não venha também, completei em pensamento...

“Relaxe, Jon Whitcroft! Acabou. Não há mais assassinos fantasmas, nem cães possuídos. O único problema que ainda existe na sua vida é um barbudo, e sua mãe disse que não vai trazê-lo.”

Olhei para minha mão. Estava sangrando. Eu a havia raspado no muro.

A cabeça de El a apareceu na porta. Ela vinha trazendo duas xícaras de chocolate quente. Alma fazia um achocolatado muito bom. Seu pudim era menos gostoso.

— Telefono na segunda-feira — disse minha mãe. — Assim que souber o horário do trem. Quer que eu leve alguma coisa?

— Doces — murmurei, encarando minha mão machucada. —

Chocolate, doce de alcaçuz, bala de goma… — tudo o que era proibido no reino dos Popplewel , mas isso ela não precisava saber.

Talvez Angus pudesse me emprestar um dos seus bichinhos de pelúcia pra que eu também escondesse meu estoque.

El a levantou as sobrancelhas ao ouvir minha lista. Ela detestava bala de goma e doce de alcaçuz, o que era ótimo, é claro. Aos onze anos não existe nada pior que amigos que gostem dos mesmos doces que você.

Alma permitiu que El a ficasse para o filme que seria exibido na sala de televisão. Era algum filme de terror antigo, em que os fantasmas eram feitos com lençóis e não assustavam nem os alunos do segundo ano. Mas El a e eu não rimos uma vez sequer.

Sentamos um do lado do outro e tentamos esquecer os fantasmas que tínhamos encontrado no jardim. Embora soubéssemos que nos lembraríamos deles mesmo quando tivéssemos a idade de Zelda.

De todo modo, naquela noite acreditamos que, graças a Longspee, Stourton e seus criados haviam desaparecido para sempre de nossa vida. Mas, como iríamos descobrir mais tarde, até El a ainda precisava aprender algumas coisas sobre fantasmas.

9. O coração roubado

Depois do filme, Edward Popplewel levou El a de volta para a casa de Zelda. O caminho pelo pasto das ovelhas já era sinistro numa noite normal; naquela noite, decerto El a ficou especialmente agradecida por estar acompanhada, ainda que durante o percurso Edward tenha explicado o sistema de irrigação de Salisbury.

Havíamos, os dois, decidido que era melhor não falar sobre nossa aventura

para Zelda ou para os pais de El a. Eu entenderia muito bem, aliás, se eles proibissem na hora qualquer contato comigo.

— Contaremos quando fizermos dezoito anos — El a sussurrou para mim ao nos despedirmos. — E com certeza eles não acreditarão em nós.

Ao ir para a cama, senti falta de Angus sibilando sonolento e de Stu gemendo o nome de alguma menina, mas a noite nunca tivera sabor tão doce. Embora o medo ainda fosse como uma cicatriz recente, pela primeira vez em dias eu tinha certeza de que viveria meu décimo segundo aniversário. Mesmo assim, acabei indo até a janela para me assegurar de que não havia de fato nenhum rosto cadavérico olhando para mim. Tomei um susto quando vi alguma coisa nas caçambas se mexendo, mas era apenas Alma que punha os restos de cinza no lixo de fora.

A noite estava clara e havia tantas estrelas no céu que era como se festejassem lá no alto com fogos de artifício o fato de Longspee ter acabado de uma vez por todas com Stourton. Eu só queria saber onde ele estava. De novo na catedral, à espera de algum menino desesperado a lhe pedir ajuda? Eu bem que gostaria de saber mais sobre sua vida e o que era preciso para ele purificar sua alma.

Queria muito poder retribuir o que ele tinha feito por mim. Mas o meu desejo mesmo era revê-lo.

“E então? Está esperando o quê, Jon?”, pensei. “Vá até ele. Esta é a hora de dizer obrigado. Provavelmente você nunca mais vai se sentir tão corajoso novamente.”

Dito e feito.

Enfiei alguns bichinhos de pelúcia de Angus debaixo do meu cobertor, para dar a impressão de que eu estava dormindo. Então me vesti outra vez, passei pela porta dos Popplewel pé ante pé, só de meias, com o tênis na mão, e desci. Por sorte, à noite eles deixavam a chave na fechadura. Peguei a chave e a levei comigo, na esperança de que não se dariam conta de nada antes de eu voltar.

Dessa vez, não havia ninguém, gente ou fantasma, no pátio quando passei em direção à catedral. Os muros do mosteiro eram tão altos que mesmo para um adulto não seria fácil pular, mas, por sorte, achei uma árvore em que pude subir. Quando saltei nos ladrilhos de pedra do outro lado do muro o impacto foi tão forte que pensei por um instante ter quebrado os tornozelos, mas a dor passou e o fantasma do menino pedreiro também não apareceu.

Nada se movia entre as colunas, e a lua pintava desenhos prateados na grama. As portas da catedral naturalmente estavam trancadas, e assim continuaram, apesar do tanto que as forcei.

Afinal, o que mais eu podia esperar?

— Longspee? — sussurrei, colando o ouvido na madeira velha.

O vento zunia nos galhos do cedro, mas de resto tudo era silêncio. Sentei nos ladrilhos, as costas apoiadas nas portas trancadas, e fiquei observando o leão na minha mão. A marca estava borrada. Sem dúvida, ela havia cumprido seu objetivo. Eu nunca mais veria Longspee. Senti as lágrimas escorrerem dos meus olhos. Droga. Desde que cheguei naquele lugar, chorava mais do que minhas irmãs mais novas! Limpei o rosto com as mangas e pressionei a imagem borrada do leão.

— Por que está chorando, Jon?

Olhei para cima.

Longspee me observava. Sua túnica ainda estava coberta de sangue.

— Não é nada. Nada mesmo — respondi e me levantei. Eu estava tão feliz de vê-lo. Tão absurdamente feliz.

— Meus filhos também diziam isso quando eu os pegava chorando. Não se envergonhe das lágrimas. Em minha vida, derramei muitas lágrimas e não foram suficientes.

Ele levava embainhada a espada que atingiu Stourton no peito.

— O que foi? — seguiu meu olhar. — Parece que você nunca viu uma

espada.

Já tinha visto uma espada. Dúzias. Nos filmes e nos museus. Mas nunca tinha visto uma que tinha sido usada numa luta de verdade.

Tinha sido terrível, mesmo sendo “apenas” espadas de fantasmas.

Eu não conseguia desviar os olhos dela.

— Com certeza é muito pesada, né?

— É, é bem pesada. Ainda me lembro de como meus braços logo começaram a doer quando meu irmão colocou pela primeira vez uma espada na minha mão. Meus dedos eram muito curtos para cerrar a empunhadura toda, e, depois da primeira hora de treino, não conseguia segurar sequer uma colher.

— Seu irmão? Coração de Leão?

— Tive muitos irmãos. Mais do que um homem precisa. Todos mais velhos do que eu. E mais fortes. Nunca se cansavam de tornar mais difícil a vida dos filhos bastardos de seu pai. Por sorte, nossa madrasta nos protegia… o único de quem ela tolerava qualquer coisa era João.

A madrasta. Leonor da Aquitânia. Bonapart naturalmente tinha nos falado a respeito dela. E João era João Sem Terra, o Príncipe João. O homem que teria caçado Robin Hood, se ele tivesse existido de verdade, o que Bonapart negava enfaticamente. Pensei em perguntar a Longspee sobre seu irmão, mas ele parecia perdido em suas recordações. Observava o mosteiro escuro de cima a baixo, como se visse seus irmãos entre as colunas.

— Posso… posso segurar um pouco a espada?

É, eu sei. Terrivelmente infantil. Eu tinha onze anos (Embora, para ser sincero, provavelmente eu diria o mesmo para ele se fosse hoje.)

Longspee riu. A tristeza sumiu de seu rosto.

— Não. Você esqueceu? Esta é a espada de um fantasma! Não passa de uma sombra, como eu.

— Mas o anel! — e mostrei a marca impressa na minha mão.

— O sinete ficou comigo. A morte não quer correr o risco de que eu não cumpra minha promessa. Mas todo o resto é pura sombra e escuridão.

Ele olhou para mim.

— A escuridão cobre minha alma feito fuligem, Jon. Meu desejo seria ter outra vez uma alma como a sua, jovem e cândida, livre da cólera, da inveja e de falsas ambições. Sem as lembranças de atos sangrentos que me perseguem, sem a crueldade que me envergonha para sempre, sem a traição que me rouba a confiança em mim mesmo.

Baixei a cabeça. Jovem e cândida? Pensei na lápide que eu havia desenhado para o Barba e em todos os tipos de morte que imaginara para ele.

Longspee riu de leve.

— O que estou dizendo? — ele disse em voz baixa, como se conspirasse. — É claro que você sabe de todas essas coisas.

Quando eu tinha a sua idade quis matar pelo menos dois de meus irmãos. E empurrei a amante de meu pai escada abaixo. O que me custou a pior surra da minha vida.

Essa confissão me fez bem. Mas ainda não conseguia tirar os olhos da espada.

— Mesmo assim, eu queria tanto que você me ensinasse —

murmurei.

— Ensinasse o quê?

— A lutar.

Ele me examinou pensativo.

— Sim, quando eu era jovem como você, também não queria aprender nada

além disso. Na sua idade, eu já sabia alguma coisa a respeito. Tornei-me escudeiro com menos de sete anos.

Por um momento, sua expressão relaxou e ele pareceu se perder em memórias.

— Só existe uma maneira de ensinar a você alguma coisa sobre luta — disse ele, afinal. — Mas não sei se é a melhor maneira. E é possível que você aprenda coisas que não quer saber.

— Que maneira é essa? — perguntei.

Longspee me olhou indeciso, como se não soubesse se queria mesmo me mostrar.

— Jon Whitcroft torna-se Wil iam Longspee — ele respondeu, enfim. — Durante alguns batimentos do coração…

— Como? — Minha voz mal chegava a ser um sussurro. Não havia ninguém no mundo que eu quisesse mais ser do que ele, mesmo que ele fosse um homem morto.

— Aproxime-se! — ele disse.

Obedeci. Fiquei tão próximo que a luz que o envolvia empalideceu igualmente minha pele, e o frio penetrou minhas roupas.

— Mais perto, Jon! — ele disse.

Era como se eu derretesse. Eu estava em outro corpo, ainda mais jovem que o meu, com um cinto, um peitoral de couro… E havia outro cavaleiro, tão grande quanto Longspee, com uma espada na mão. Ele me atacou. Eu também tinha uma espada, curta e pesada.

Eu a puxei, mas não rápido o suficiente. Dor. Escorreu sangue do meu braço. Uma voz: “Gottfried! Ele é seu irmão!”.

“E daí?”

A dor era horrível. Onde eu estava? Quem eu era?

Senti meu corpo crescer. Eu estava forte e grande, mas havia ainda mais sangue. E mais dor. Havia espadas, muitas, lanças, facas, cavalos. Eu lutava. Dessa vez a espada era tão comprida que eu a segurava com as duas mãos. Senti meus braços a enterrarem em outro corpo. Ouvia minha própria respiração, pesada e rápida demais. Podia sentir a chuva em meu rosto; ela tinha um gosto salgado. Sentia o cheiro do mar. O chão sob meus pés estava úmido e lamacento. Escorreguei e caí. Alguma coisa atravessou minha perna. Uma flecha. Gritei de dor, ou era raiva? Havia sangue em meus olhos. Eram meus ou de outro homem?

— Jon!

Alguém chamava meu nome repetidas vezes.

— Jon!

Sentia frio e, então, calor de novo. Cambaleei para trás, até minhas costas baterem contra uma parede. Eu ainda sentia a flecha em minha perna. Em seguida, meus dedos a tocaram, como se precisassem se convencer de que ela ainda estava lá. Meus olhos, porém, procuravam Longspee.

Ele estava quase invisível. Não havia mais luz alguma ao seu redor. Ele era uma sombra, nada mais.

— Quase fui morto nessa batalha — sua voz parecia vir de longe, muito longe. — Houve muitas batalhas como essa, tantas. E tudo o que sobra é a dor, o medo e os estrondos. Lutar contra os franceses, lutar contra meus compatriotas, lutar pelos meus irmãos, lutar contra eles, lutar… — a voz de Longspee parecia vir das paredes, das lápides, que margeavam o mosteiro, dos ladrilhos sob meus pés. — Toda essa violência era justificada por combatermos pelas coisas certas. Nossa crueldade era nossa arma sagrada, tão sagrada quanto os ossos de mártires que pendurávamos no pescoço. E aqui estou eu, coberto de sangue, atado por meu próprio juramento, preso entre o céu e o inferno, e separado dos únicos que a escuridão conseguiu expulsar.

Eu sentia sua tristeza tão dolorosa quanto a flecha.

— O que eu posso fazer? — balbuciei. — Existe algo que eu possa fazer?

O rosto de Longspee continuava na escuridão. Ele ficou calado durante muito tempo. E, quando respondeu, disse algo que me desagradou.

— Vá para casa, Jon — disse, enquanto sua sombra se fundia às paredes da catedral. — Esqueça Wil iam Longspee. Ele está amaldiçoado, por seu próprio juramento e pela falsidade de outro homem. Perdeu o seu coração e o de sua amada. E sem ela não há saída dessa escuridão.

E partiu.

— Não. Espere! — minha voz ecoou tão alto através daquelas passagens antigas que eu mesmo me assustei. Fiquei ouvindo a noite, mas não apareceu nenhum guarda, nenhum sacristão. E

também nenhum cavaleiro fantasma.

Ajoelhei-me. Foi a única coisa que me ocorreu. El a teria ficado orgulhosa de mim.

— Longspee! — chamei. — Wil iam Longspee! Volte! Um cavaleiro precisa ficar ao lado de seu escudeiro!

Nada. Só uma gralha voou do cedro, grasnando, como se reclamasse de meu grito.

Partiu.

Eu me ajoelhei, sentindo a espada em minha mão, a lama sob meus pés, seu coração em meu peito. “Levante-se, Jon!”, disse para mim mesmo. “Dessa vez, ele se foi de verdade.” Mas, mal me levantei, ouvi uma voz atrás de mim.

— Um morto não precisa de escudeiro, Jon Whitcroft.

— Precisa, sim! — balbuciei. — Com certeza.

— Ah é, e para quê?

Ande logo, Jon. Senão ele vai partir de novo.

— Para… cumprir seu juramento — desembuchei. — Para… polir o mármore de sua lápide… para… fazer companhia… para…

para… encontrar a saída da escuridão, e aquela a quem você ama.

Sei lá! Deve ter alguma coisa que eu possa fazer!

Ele ficou em silêncio. E olhou para mim.

Pensei que ele nunca fosse dizer algo. Mas sua figura se tornou mais nítida.

— Existe apenas uma coisa que eu poderia pedir a você — ele disse, afinal —, e é provavelmente impossível.

— O que é? — eu queria muito fazer alguma coisa por ele. Nunca desejei uma coisa tão desesperadamente. Eu poderia até negociar a possibilidade de o Barba continuar na minha vida.

Longspee hesitou.

Então, ele disse:

— Você ousaria adentrar o meu lado sombrio outra vez?

Assenti.

E me dirigi a ele novamente, até ser cingido por seu frio.

Eu estava na catedral. Num funeral. Centenas de pessoas se espremiam entre as colunas. Homens, mulheres, crianças. Podia ver sacristãos e coristas com o mesmo traje que Angus usava. As velas e tochas lançavam sua luz inconstante sobre o cadáver de Longspee. Meu cadáver. Eu jazia exatamente como sua imagem em pedra. Havia uma mulher ao meu lado, com o corpo rijo, e, ao lado dela, três meninos e duas meninas. El a. Senti como meus lábios queriam formar seu nome, mas eu já não vivia naquele corpo. Tudo

ficou branco. Depois preto. E de repente vi outra imagem. Um homem curvava-se sobre mim. “Ouvi você pedir para sua mulher guardar seu coração”, ele sussurrou em meu ouvido. “Muito comovente. Você esperava que ela, a sábia Ela von Salisbury,

pudesse protegê-lo por toda a eternidade? Engano seu. Eu não o envenenei apenas para que ela permanecesse fiel a você mesmo depois de sua morte. Não. Sua mulher vai guardar o coração do meu servo. Eu mesmo o matei só para esse propósito. E ele era um bom servo! O seu coração mandei enterrar entre os dólmenes, cujas sombras venenosas são tão mortais para o amor quanto meu veneno para o seu corpo. Você perdeu, Wil iam Longspee. Pois eu sei que você não é nada sem o seu amor. Você vai se afogar em sua própria culpa, e sua alma permanecerá na escuridão, sem a esperança de que toda a sua nobreza ainda possa purificá-la. Você não cumprirá seu juramento ridículo. Ela esperará por você em vão, aqui e no céu. E sua lealdade absurda finalmente chegará ao fim!”

A cólera de Wil iam me sufocava, eu lutava por ar. Que desespero! E só voltei a ser Jon Whitcroft quando Longspee chamou meu nome pela terceira vez.

— Quem era ele? — balbuciei, sentindo ainda sua raiva como se fosse minha.

— O homem que me assassinou — respondeu Longspee. —

Encontre meu coração, Jon. Encontre-o e enterre-o aos pés de minha esposa. Apenas desse modo terei forças para cumprir meu juramento e recuperar a esperança de revê-la um dia.

10. Sombras venenosas

Alma deve ter ouvido quando entrei de mansinho em casa. Ela já estava no corredor quando eu ainda tirava a calça. Mal consegui me livrar dos bichinhos de pelúcia de Angus e me enfiar debaixo das cobertas, ela apareceu na porta do quarto. Por sorte, Alma não percebeu nem as pernas da calça molhadas nem os sapatos enlameados debaixo da cama, e saiu, fechando a porta de novo. Eu abafei um suspiro de alívio no travesseiro.

Dormi feito pedra naquela noite, apesar do sonho horrível que eu tive, no qual Stourton arrancava meu coração e o enterrava sob uma forca. O dia seguinte era domingo, e telefonei para El a assim que acordei. Ela estava na casa dos pais, e o pai não pareceu lá muito entusiasmado com o fato de um menino desconhecido ligar para a filha numa manhã de domingo. Mas ele acabou lhe passando o telefone. Ela ficou calada enquanto eu contava o que havia acontecido e continuou assim depois que terminei. Comecei a achar que o pai a tinha mandado de volta para o quarto, mas ela pigarreou e perguntou com aquela voz típica de *nada-me-abala-tão-facilmente-assim*:

— E agora? O que você vai fazer?

Na verdade, minha esperança era que ela me dissesse o que eu deveria fazer. Já estava tão acostumado com os seus conselhos que nem me importava mais com o fato de virem de uma menina (embora ainda ficasse confuso com sua beleza). El a era a melhor amiga que eu já tive. E lutar juntos contra cães possuídos pelo demônio e fantasmas assassinos é algo que une muito as pessoas.

— Jon! — ela disse outra vez. — O que você vai fazer?

Olhei para o telefone. Edward Popplewel martelava um prego no fim do corredor (e não era em nada habilidoso na tarefa).

— Bem… — respondi enfim baixinho. — Primeiro é preciso encontrar esses dólmenes.

— Encontrar? Do que você está falando? O coração está em Stonehenge, onde mais?

Stonehenge. Claro. Os dólmenes mais famosos do mundo. Até minha irmã mais nova sabia disso. Eu era um idiota. Um tapado digno de compaixão. E mais uma vez El a foi generosa a ponto de fingir que não tinha percebido nada.

— Vou pedir para Zelda nos levar lá — disse. — Meus pais fariam muitas perguntas. Eles se preocupam o tempo inteiro. É de deixar qualquer um louco.

Bom, a filha deles quase foi destroçada por cachorros endiabrados e envenenada pelo sopro assassino de um morto. Para mim, eles teriam mesmo motivos para se preocupar. Mas é claro que eu não disse nada.

Os Popplewel se retiraram para resolver se aceitavam meu pedido de adiar o castigo para o domingo seguinte, por causa do convite dos Littlejohn para ir a Stonehenge. Discutiram durante quase meia hora, mas terminaram por dar o consentimento (eles eram pais substitutos bem legais, e eu teria dado com prazer alguns pelinhos de barba a Edward em agradecimento).

— Tome cuidado apenas para não ser pisoteado pelos turistas —

ele disse quando El a foi me buscar. — Stonehenge é um lugar perigoso aos domingos.

Alma não disse nada, mas lançou para El a e para mim um olhar do tipo *ah-o-amor-quando-jovem* tão comovente que eu puxei El a depressa pela porta.

O carro de Zelda parecia mais velho que a catedral. El a e eu tivemos de ir no banco de trás, pois o do passageiro estava ocupado por uma grande cesta de onde vinha um cheiro esquisito.

A estrada que saía de Salisbury parecia adormecida naquela manhã de domingo, mas Zelda dirigia tão rápido, apesar do pé enfaixado, que me jogava para cima de El a em todas as curvas, coisa que me enchia de vergonha.

— Muito bem, prometi a El a que não faria nenhuma pergunta! —

disse Zelda, quase atropelando um ciclista que seguia lentamente pela beirada da pista. — Mas acho muito estranho que um professor

tenha enfiado na cabeça de vocês histórias sobre um tesouro enterrado em Stonehenge!

El a lançou um olhar para me advertir, e eu fiz o máximo que pude para manter uma cara normal, enquanto Zelda se queixava, dizendo que no tempo dela os professores eram sem dúvida muito mais bem qualificados.

— Eu disse à Zelda que o Bonapart garantiu que em Stonehenge estão enterradas montanhas de ouro dos vikings — sussurrou El a para mim —, e que nós queremos procurar esse tesouro. Ela sempre concorda em procurar tesouros.

— O que vocês estão cochichando aí? — perguntou Zelda, olhando para trás. — Há algo que eu deveria saber?

— Não, o que poderia ser? — respondeu El a com uma cara totalmente desprovida de expressão. — Explique o plano para o Jon.

— Ah é… o plano — Zelda sorriu contente pelo retrovisor. — Jon, você deve saber que ninguém pode se aproximar das rochas por causa dos druidas que adoram celebrar seus rituais lá, não é?

— Sei, sim — murmurei, mesmo que nunca tivesse ouvido falar nem de druidas nem de seus rituais. Mas não queria correr o risco de ter que aguentar uma aula sobre a história de Stonehenge.

— Para resolver isso, trouxemos o Wel ington — disse Zelda, apontando para a cesta.

Olhei para El a sem entender.

— Wel ington é um cachorro — explicou El a com sua expressão facial estoica, que nesse meio-tempo passei a achar tranquilizadora —, mas um cachorro bonzinho — completou, como se todos os cães fossem como aqueles que encontramos da última vez. — Ele pertence a minha amiga Alyce e pode correr muito rápido. Zelda vai soltá-lo para distrair o guarda, e nós vamos colocar o sapo entre as rochas.

— Sapo?

— É, ele também está na cesta — disse El a. — Zelda diz que sapos conseguem achar coisas que estão enterradas.

— Pulando?

— Isso mesmo — disse El a, puxando uma pá de dentro da jaqueta.

Esse era de longe o plano mais louco que eu já ouvira, mas, como minha intenção de achar um coração enterrado oitocentos anos atrás já era bem pouco sensata, resolvi ficar de bico calado.

Era mais um dia nublado, e o vento já trazia o sabor do outono, mas isso não afastava os turistas. No estacionamento gigantesco, havia muitos ônibus e carros parados bem próximos uns dos outros, e a fila de pessoas, que se arrastava para além das rochas, do outro lado da estrada, parecia uma caravana de peregrinos idolatrando um santuário esquisito. Quando Zelda avançou em direção aos guichês com sua cesta, a multidão abriu-se diante dela, como se fosse um bando de alunos do primeiro ano assombrados diante de Bonapart. Quem iria impedir uma velhinha que era só pele e osso, e ainda mais com o pé enfaixado? Ninguém também perguntou nada sobre o conteúdo da cesta (ou reparou no focinho branco farejando por baixo do pano que Zelda havia usado para cobri-la).

O caminho que levava do estacionamento às pedras seguia por um túnel, e quando saímos dele o vento bateu no cabelo de El a fazendo com que minha primeira visão de Stonehenge fosse através de uma trama de fios negros. Talvez por isso tive a impressão de que as pedras gigantescas executavam alguma dança ancestral.

— São estranhas, né? — perguntou El a, enquanto nos juntávamos ao cortejo que seguia em torno delas.

Eu não tinha certeza. Eu me esforçava para localizar as sombras venenosas, mas tudo o que eu via eram algumas pedras grandes e cinzentas que, comparadas a Stourton e seus servos exangues, pareciam bem inofensivas.

Nós já havíamos circundado metade dos dólmenes quando Zelda colocou sua cesta na grama, ao lado do caminho, olhando para os guardas, que estavam parados, entediados, ao lado da saída do túnel.

Wel ington saltou para fora da cesta assim que Zelda chacoalhou o pano. Com certeza não deve ser agradável ficar escondido numa cesta apertada com um sapo. Ele correu para a grama que rodeava os dólmenes, deu uns dribles para relaxar e disparou atrás da procissão de turistas que seguia a passos

lentos.

— Meu cachorro, meu cachorro! — Zelda gritou tão alto que poderia ser ouvida por um estádio de futebol inteiro. O resultado foi

o caos completo.

Wel ington latia. Os turistas trombavam, tropeçavam uns nos outros. Os vigias corriam atrás de Wel ington, e El a apanhou o cesto e caminhou com naturalidade em direção às rochas, como se fosse fazer um piquenique. Fiz o melhor que pude para acompanhá-

la com o mesmo ar displicente.

E deu certo. Ninguém reparou em nós.

Zelda continuou a gritar. Wel ington corria mais e mais pela grama pisoteada. Nitidamente vivia um momento marcante de sua vida.

El a ajoelhou-se na grama, à sombra do dólmen mais alto, e deixou o sapo pular para fora do cesto.

Ele deu um salto a contragosto — e sentou.

— Ande logo! — sussurrou El a, cutucando o sapo com o dedo. —

Procure!

Nada.

O bichinho presunçoso simplesmente parou ali, com ar de profundo desgosto estampado na cara larga.

Tentamos noutra pedra. E noutra. Nada. Um salto entediado, e o maldito sapo parou de novo, fixando o olhar nas pedras cinzentas que se erguiam sobre ele no céu igualmente cinza.

— Que fiasco! — disse El a e deu outro empurrãozinho no sapo.

A única reação foi um coaxar indignado.

Droga. Eu olhava para os dólmenes e tentava intuir onde o homem que eu vira através dos olhos de Longspee poderia ter cavado e enterrado a urna com o coração. Mas tudo o que eu via era a rua atrás das rochas e o estacionamento lotado.

Hubert de Burgh. El a disse que esse devia ser o nome dele.

Embora não houvesse nenhuma prova de que ele havia envenenado Longspee. Mas disso eu sabia. Por ele próprio.

El a apoiou o braço em meus ombros num gesto de consolo. A essa altura, por sorte, eu já não ficava vermelho quando ela fazia isso.

— Não se preocupe — ela disse. — Vamos encontrar o coração.

Você vai ver.

Eu olhava por sobre os ombros dela. Um dos guardas se levantou.

— Jon? Tudo bem? — El a perguntou se virando.

— E o que vocês fazem aqui? — perguntou o guarda.

O rosto dele estava vermelho. Provavelmente havia corrido atrás do Wel ington. Com aquela barrigona era mesmo surpreendente que tivesse se aproximado de nós sem ser percebido. Malditos dólmenes! Até os adultos podiam se esconder entre eles.

Mas é claro que El a não se deixou impressionar nem um pouco.

Ao contrário, franziu a testa e examinou o homem como se ele, e não nós, estivesse sendo pego com a boca na botija. Esse jeito de franzir a testa era uma de suas armas secretas. Dava a sensação imediata de que você tinha dito ou feito alguma besteira, mesmo quando não tivesse a menor ideia do que poderia ter sido.

— Vocês pegaram o cachorro da minha avó? — El a perguntou ao guarda,

como se essa fosse a única tarefa que pudesse justificar sua vida sem sentido.

— Não… não pegamos — ele respondeu visivelmente chocado.

Ele é um cão bem veloz.

— Nesse caso — disse El a, colocando o sapo de volta ao cesto —, acho melhor Jon e eu resolvermos. Quer dizer, se o senhor nos der licença.

E passou por ele com tanta elegância que parecia a rainha da Inglaterra.

O guarda lançou um olhar tão desconcertado para ela que não me surpreenderia se ele tivesse se curvado.

Encontramos Zelda cercada de russos, chineses e canadenses muito nervosos, terrivelmente preocupados com a pobre senhora que por pouco não perdera o cãozinho em Stonehenge. Alguém tinha providenciado até mesmo uma cadeira para Zelda. Wel ington estava em seu colo, com uma língua tão comprida para fora que quase chegava às patas, e, claro, aproveitando toda a atenção que recebia.

— E então? O sapo achou alguma coisa? — perguntou Zelda enquanto mancava de volta para o carro.

— Não, ele nos decepcionou muito — disse El a.

— Talvez porque não houvesse nada lá para ele encontrar! —

revidou Zelda, mordaz, enquanto colocava Wel ington no cesto, ao lado do sapo. — Tudo por causa de um tesouro dos vikings! —

murmurou com desdém. — Isso é absurdo. E esse professor ainda recebe para contar essas besteiras!

Na volta para Salisbury, estava tão calado que El a sempre me olhava com ar preocupado.

— Podemos tentar outra vez, à noite — sussurrou afinal. — Com certeza não haverá nenhum guarda!

— De que adiantaria? — respondi baixinho. — Mesmo que escavássemos ali por cem noites seguidas a chance de encontrarmos aquele coração seria de uma em um milhão.

É, eu sei, já estava reclamando de novo, e os olhos de El a me diziam: “Jon Whitcroft, componha-se”. Mas eu só pensava que não podia deixar Longspee na mão!

— Talvez sejam os dólmenes de Avebury — soprou El a.

— Vamos esquecer, está bem? — gritei. — Vou conseguir sozinho. Além do mais, foi para mim que ele pediu para encontrar seu coração!

Eu me arrependi daquelas palavras assim que saíram da minha boca. Mas El a já tinha virado as costas para mim sem dizer nada (na medida em que é possível se virar de costas no banco de trás de um carro). Acho que nunca estivera tão perto de perder sua amizade.

— Pediu para você? Vocês ainda estão falando desse professor?

— perguntou Zelda.

— Sim, estamos — resmunguei e olhei pela janela.

El a não olhou mais para mim, mesmo quando Zelda me deixou em casa. E não me ocorria nada que pudesse dizer para me reconciliar com ela.

Sem o coração, e El a brava comigo.

Eu só queria me enfiar na cama. Mas Stu e Angus haviam voltado do final de semana em casa. Eles haviam trazido suprimentos para nosso estoque ilegal de doces, e Stu só queria saber de uma coisa: por que fui pego por um sacristão com El a Littlejohn sábado de manhã na catedral.

— E por que você quer saber? — perguntei, irritado, ao me jogar na cama. — Porque nós encontramos um fantasma lá.

Depois disso, Angus me deixou em paz e acrescentou um bichinho de pelúcia aos outros sem dizer palavra. Mas Stu não

deixou por menos.

— Ora, vamos lá. El a Littlejohn! Estou realmente impressionado!

— disse. — Como você conseguiu sair com ela? E, ainda por cima, fazer ela ficar presa com você! — A admiração em sua voz normalmente me deixaria lisonjeado.

— Stu, deixe o Jon em paz! — rosnou Angus.

Mas esse era o assunto preferido de Stu.

— Você deu um beijo nela? — ele tinha uma nova tatuagem, no meio do pescoço, um coração com um punhal. — Diga, vamos!

— Me deixe em paz, Stu! Que droga! — gritei. — Ou então vou pedir que Angus dê um abraço escocês extra-apertado em você.

Eu estava mesmo num humor péssimo. Não tinha a menor ideia de como poderia achar o coração de Longspee, e preferia ter mordido a língua a ter dito o que dissera a El a. A imagem dela magoada não saía da minha cabeça.

É claro que Stu considerou meu mau humor um sinal de outra coisa.

— Ah, eu sabia! — disse com um sorriso irônico que mal cabia em sua cara magra. — Ninguém consegue beijar El a Littlejohn. Não há a menor chance. Eu mesmo já tentei!

— Eu também — murmurou Angus, enquanto enchia o corvo de pelúcia com jujubas. — A maior vergonha.

Confesso que isso melhorou enormemente meu humor. Puxei a coberta sobre a cabeça para esconder meu sorriso bobo de felicidade.

Mas o Stu descobriu meu rosto.

— Espere — ele disse. — Ainda não sabemos como você conseguiu convencê-la a passar a noite com você na catedral!

“É, Jon, como?”

— Ela… ela queria saber se havia fantasmas lá — murmurei. —

Por causa da avó — de todo modo, isso era só cinquenta por cento mentira.

— É, isso parece mesmo coisa da El a — disse Stu, com um rasgo de inveja na voz, e caiu num silêncio profundo, pouco comum.

Devia estar imaginando como seria ficar uma noite trancado com El a Littlejohn na catedral.

— E aí? — Angus vestiu uma de suas camisetas no bichinho de pelúcia novo.

— E aí o quê? — mandei de volta.

— Existem fantasmas na catedral?

Era óbvio que ele estava pensando na pergunta fazia tempo.

— Claro que não — respondi. — Tudo bobagem.

11. O castelo de Longspee e o corista fantasma Quando cheguei à escola na manhã seguinte, fui direto procurar El a, mas não a encontrei em parte alguma. O antigo palácio do bispo é uma confusão tão grande de corredores e escadas que é fácil passar dias inteiros sem encontrar uma pessoa, por isso não vi nada de estranho. Logo no primeiro intervalo Bonapart juntou os alunos para um passeio pelas ruínas de Old Sarum, “para que vocês possam ter ideia de como era dura a vida dos seus antepassados anglo-saxões naquela colina, onde não havia água e ventava a ponto de descascar a pele do rosto das pessoas”.

Ótimo. Mas Old Sarum me interessava por outro motivo. El a tinha me dito que Longspee morrera lá.

Old Sarum é um lugar estranho. Bonapart subia no que restou daqueles muros e explicava que as pedras à nossa esquerda tinham sido uma catedral e, as da nossa direita, antes eram um palácio.

Mas tudo o que eu via eram árvores retorcidas pelo vento e uma colina descampada, onde alguns turistas vagavam entre paredes desmoronadas. E eu não parava de pensar na El a. A gente nunca tinha brigado, e eu me sentia péssimo.

Quando enfim subimos a escada que supostamente pertencia ao palácio real, perguntei a Bonapart onde era o cômodo em que Wil iam Longspee havia morrido. Mas ele apenas levantou as sobrancelhas (coisa que sempre fazia quando não sabia uma resposta) e disparou um discurso sobre os erros militares de Longspee, especialmente como comandante da ala direita do exército inglês na Batalha de Bouvines. Eu fingia que ouvia, mas, enquanto meu olhar vagava pelas colinas, as mesmas que Longspee contemplou muito tempo atrás, voltavam à minha mente imagens que eu vira com os olhos de Longspee, e eu me

perguntava se Bonapart falava da batalha que eu tinha vivido no corpo de Wil iam.

No caminho de volta para o ônibus, o vento nos empurrava os cabelos e as roupas, como se os habitantes esquecidos de Old Sarum tivessem se juntado para nos expulsar da sua colina.

Bonapart ia à minha frente e tentava, desesperado, ajeitar seu cabelo ralo na cabeça quase careca.

— Hmm, senhor Bo… ahn, senhor Rifkin? — eu disse, tentando acompanhar seu passo curto e apressado. — O senhor sabe alguma coisa sobre o assassino de Wil iam Longspee, esse Hubert… hmm…

— Hubert hmm? — ele repetiu com franco desprezo. — Hubert *de Burgh*, regente da Inglaterra, segundo homem mais poderoso depois de João Sem Terra, rei da Inglaterra. Sim, eu sei alguma coisa sobre ele. E não há nenhuma prova de que tenha envenenado Longspee.

— Foi ele com toda a certeza — contestei. — Mas não é isso que eu quero saber. O senhor já ouviu falar que ele teria roubado o coração de Longspee?

— O coração de Longspee foi sepultado por Ela von Salisbury na abadia de

Lacock — Bonapart respondeu, com uma risadinha desdenhosa. — Numa urna de prata que levava o brasão de Salisbury. Acredite em mim, Whitcroft, Hubert de Burgh tinha coisa mais importante para fazer do que roubar o coração de um filho de segunda categoria do rei, além disso ilegítimo.

Eu adoraria ter contado para ele o que tinha escutado do próprio Hubert de Burgh, mas preferi apenas responder:

— Obrigado, senhor Rifkin. É muito interessante — e desejei que o vento soprasse os últimos e escassos cabelos de sua cachola pedante pelo que ele havia dito sobre Longspee. Tive raiva só de ter feito a pergunta. Mas quem mais poderia me dar alguma informação sobre o coração?

Quando voltamos para a escola, procurei El a de novo. Mas uma menina da sala dela me disse que não ela tinha ido à escola naquele dia. Por mais que me esforce, não consigo lembrar o que então me levou à capela da escola. Não acredito em anjos que podem ajudar em situações difíceis, nem em santos que não têm

nada melhor para fazer do que ajudar um garoto de onze anos na prova de história e em outras dificuldades. (Angus acredita nisso com a maior convicção. Antes de qualquer prova, ele se dirigia ao santo Angus MacNisse.)

Não, acho que fui para a capela só porque queria ficar um pouco sozinho. Lá normalmente não há um grande afluxo de gente e eu precisava pensar em El a, em Longspee e seu coração roubado. De Stourton nem me lembrava mais. Sim, eu sei, não era muito inteligente de minha parte. Agora sei disso.

Sentei-me num dos bancos estreitos de madeira e fiquei olhando os vidros coloridos das janelas, quebrando a cabeça sobre como ainda podia ajudar Longspee e como me acertar com El a de novo.

A marca do leão na minha pele parecia renovada e ainda mais nítida. Mas eu dizia para mim mesmo que ela não deveria durar muito se continuasse a me comportar como um escudeiro inútil.

Então ouvi um ruído atrás de mim.

Primeiro, pensei que o menino em um banco duas fileiras atrás de mim era um companheiro de escola. As roupas antigas que ele usava deveriam ter me deixado desconfiado. Embora seu rosto me parecesse conhecido, eu tinha certeza de nunca o ter visto antes. E, quando olhei bem pra ele, senti de repente o mesmo arrepio que senti quando vi os criados de Stourton pela primeira vez sob da janela. Depois que você viu um fantasma uma vez, você passa a vê-

lo com mais frequência. Acho que eles estão por toda parte. Talvez seja por causa deles que às vezes sentimos raiva ou tristeza sem mais nem menos. Talvez amor, dor e medo não desapareçam tão facilmente como muralhas e pedras. Sim, as pessoas somem assim como o palácio ou a catedral de Old Sarum. E se tudo que elas viveram continuasse a existir? Como um cheiro ou a sombra de uma árvore? Ou o seu fantasma…

Até então eu já tinha visto uma boa dúzia de fantasmas. Alguém só consegue vê-los quando eles querem, e suponho que para a maioria deles eu não era lá tão interessante. Mas esse fantasma que eu vi de repente atrás de mim na capela da escola estava me esperando. Só eu. Soube disso assim que o vi. E quando ele se aproximou pude enfim me lembrar de onde conhecia seu rosto.

No corredor que leva à capela havia um quadro pendurado de quatro coristas, todos um pouco mais jovens do que eu. Sempre achei que o segundo da esquerda tinha a maldade estampada na cara. Minha impressão não estava errada.

Ele parou diante de mim, e eu pude ver os bancos atrás dele através de sua veste. Eu me lembro de ter pensado: “Ah não, mais um fantasma!”. Mas, quando ele levantou a mão pálida e apontou a marca do leão, eu já não sabia o que pensar.

— Por que *você* o chamou? — sua voz soava rouca, como se ele não a usasse com muita frequência.

Eu me levantei e me afastei do banco. Ele era menor do que eu e, depois da experiência com o Stourton, não sentia medo.

— Do que você está falando? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

Pensei comigo mesmo: “Jon, aos poucos você está pegando o jeito de falar com fantasmas”. Ele fez uma expressão de desprezo. Eu podia ver atrás de seu rosto como através de um pano esfarrapado.

— Não se faça de tonto. Aposto meu lugar no inferno que ele pediu a você o mesmo que pediu a mim. Não estou certo?

Ele riu. Soou um tanto abominável, e nisso seu rosto quase se desmanchou.

— Deixe-me passar! — eu disse, e passei por ele. Mas ele se colocou rápido na minha frente de novo.

— Aonde você pensa que vai? Confesse. Ele também pediu que você procurasse o coração dele. Nosso santo Wil iam! — seu rosto ficou tão desfigurado que parecia mais um gato do que um menino.

— Eu o evoquei para que ele me protegesse do meu professor.

Estava cansado das surras constantes e tinha ouvido falar do cavaleiro que dormia na catedral e de seu juramento de defender os mais fracos e tudo o mais… — ele mostrou os dentes, como Stourton tinha feito. — Ah, sim, ele me ajudou. Meu professor se pôs diante dele de joelhos, aos prantos, e nunca mais tocou em mim. Mas então eu tinha que procurar o coração roubado. E, quando o encontrei, o que recebi em troca?

Via as fileiras de bancos através de seu peito.

— Ele me matou — sussurou o corista. — E vai fazer o mesmo com você.

E então ele desapareceu.

Fiquei parado lá, olhando para o lugar em que ele estava.

“Mentiroso!”, pensei, “defunto mentiroso de uma figa! Espero que Longspee fure seu coração sombrio assim como fez com Stourton.”

Tudo ao meu redor parecia sussurrar: “Ele me matou. Matou.

Matou!”.

Não. Não podia ser verdade.

— Volte! — chamei, olhando a capela vazia. — Volte, seu mentiroso miserável!

— Whitcroft?

A sra. Tinker, a secretária da escola, estava à porta da capela.

Todos a chamavam de Tinkerbel , apesar de ela não ser assim tão pequenina. Ao contrário. Mal conseguia se encaixar na escrivaninha. Sempre que alguém não sabia em que sala teria aula ou precisava de um esparadrapo, bastava procurar Tinkerbel . Ela sabia tudo sobre o palácio do bispo.

— Senhora Tinker… a senhora sabe alguma coisa a respeito daqueles meninos que estão no quadro lá fora? — perguntei.

Tinkerbel virou-se para a porta e viu o quadro.

— Ah, aqueles! Sei, sim — respondeu. — O que está mais à direita virou cantor de ópera em Londres, ele tinha uma péssima reputação. O segundo à esquerda é o corista que caiu da janela. Eu sempre tentei ter compaixão por ele, mas…

— Ele caiu da janela?

— Sim. Quebrou o pescoço. Na época, corria o boato de que alguém o havia empurrado. Mas ele estava supostamente sozinho quando isso aconteceu.

Tive a sensação de que o chão se abria sob meus pés.

— Mas eu estava procurando você — continuou Tinkerbel . —

Zelda Littlejohn telefonou perguntando se você teria visto El a. É

meio estranho, pois El a não apareceu aqui na escola hoje. Mas eu disse que, mesmo assim, perguntaria a você.

— Não — murmurei, enquanto pensava na imagem do corista caindo da

janela. — Não, eu também estou procurando a El a.

— Bem, quem sabe nesse meio-tempo a avó já descobriu onde ela se enfiou! — disse Tinkerbel dando de ombros e se dirigindo à escada.

É difícil de acreditar, mas ainda não tinha disparado nenhum alarme na minha cabeça. Estava ocupado demais em processar o que o fantasma do corista havia me falado.

— Talvez a El a esteja na casa dos pais — eu disse, seguindo Tinkerbel pela escada. — A avó não se dá muito bem com eles. —

El a tinha me contado que sua mãe e Zelda brigavam pelo menos três vezes por semana.

— Não. Os pais estão em turnê de novo. Em algum lugar da Escócia, até onde sei — disse Tinkerbel balançando a cabeça.

Nesse momento finalmente entendi tudo.

Alguma coisa havia acontecido. Alguma coisa horrível.

Meu coração batia tão rápido que comecei a passar mal. Esqueci o fantasma do corista e o que ele havia dito sobre o Longspee.

Será que Wil iam era um assassino de verdade? De repente, isso já não me interessava.

Na minha cabeça só havia lugar para uma pergunta: onde estava El a?

12. O tio de Ella

Corri o caminho todo até a casa de Zelda. Pouco importava se iriam me expulsar da escola por sair pela segunda vez sem avisar.

Eu não ligava. Onde estava El a?

Zelda estava sentada no sofá, cercada por seus sapos, segurando uma carta na mão, quando entrei na sala afobado. Ela tirou os óculos, seus olhos estavam

vermelhos de chorar.

— O que foi? — já imaginava que El a havia sido atropelada por um caminhão ou havia se afogado no tanque do moinho.

Zelda estendeu a carta para mim. A caligrafia era estranha e desajeitada, como se algum destro tivesse escrito com a mão esquerda.

A princípio, não conseguia compreender nenhuma palavra do que lia, mas, quando comecei a entender o significado, precisei sentar ali onde eu estava, no tapete florido de Zelda. Os joelhos simplesmente cederam (e quase esmaguei dois sapos).

“Zelda Littlejohn, traga o jovem Hartgil até o cemitério de Kilmington assim que escurecer, ou sua neta vai ver o pôr do sol no inferno.”

Abaixo das palavras havia um brasão. Estava borrado como se dedos desastrados tivessem encostado na tinta ainda fresca, mas mesmo assim eu o reconheci. A última vez que eu o tinha visto foi na manta de um cavalo fantasma.

— Mas isso… não é possível! — murmurei. — Ele está morto.

Quero dizer, dessa vez, de verdade! Nós vimos! Ele foi morto por Longspee.

Zelda assoou ruidosamente o nariz.

— Sir Wil iam Longspee? Jon, o que vocês dois estão escondendo? Esse é o brasão do lorde Stourton, mas fantasmas

não escrevem cartas!

Zelda me lançou um olhar incriminador, e ela tinha todos os motivos para isso.

Então contei tudo. Que El a fora comigo à catedral, que evocamos Longspee e que ele nos salvou de Stourton e de seus criados. Só não falei nada do fantasma do corista e do coração roubado. É que meus lábios não conseguiam dizer que Longspee era um assassino.

Zelda me ouvia perplexa. Ao final, ficou me olhando como se quisesse me massacrar, tal como Stourton.

— Como vocês não me contam uma coisa dessas? — ela gritou.

— E aquela história de Stonehenge? Não fomos até lá por causa de nenhum tesouro viking, não é?

Abaixei a cabeça. Não podia olhar em seus olhos.

— Essa é outra história — murmurei. — Sério, não tem nada a ver com Stourton — levantei-me de novo. — Como ele pode ter escrito uma carta e sequestrado El a, Zelda? Ele é um fantasma!

Não pode sequer segurar um lápis!

— Raiz fedorenta, como é que eu vou saber? — gritou Zelda. —

Os fantasmas que eu conheço não perseguem crianças nem têm cães demoníacos. Eles dão alguns suspiros ocos e desaparecem quando alguém grita com eles! Em que encrenca você foi colocar a minha El a, Jon?

E voltou a soluçar no lenço molhado, enquanto eu continuava ali parado, olhando para a carta que ainda segurava nas mãos.

Quando bateram à porta, dei um salto, como se Stourton tivesse cravado seus dedos ossudos nas minhas costas. Mas Zelda soltou o lencinho, visivelmente tranquilizada.

— É meu filho — arquejou. — Liguei para ele na hora, assim que recebi a carta. Entre, Matthew! — disse, passando a mão nos olhos para secar as lágrimas.

— Espero mesmo que seja urgente, Zelda! — escutei a voz atrás de mim. — Estava no meio de um tratamento de canal quando você ligou. O que foi que aconteceu com a El a?

Eu me virei, e lá estava ele.

O Barba.

Tenho certeza de que nunca em minha vida tinha feito uma cara de tonto daquelas, e espero que isso não aconteça de novo.

Entretanto, o Barba também não fez uma cara menos surpresa quando me viu parado na sala da casa de sua mãe.

— Oh, Matthew, você ainda não tirou essa barba horrível? —

disse Zelda, levantando-se com esforço do sofá. — Quantas vezes preciso dizer que você não fica bem com ela?

— Você sabe por que eu uso barba — disse o Barba, esforçando-se, para fazer uma expressão mais ou menos ponderada. — Ou você acha que a cicatriz desapareceu?

— Que cicatriz? — murmurei.

— Ah, foi só um pequeno acidente quando ele ainda me ajudava nas visitas turísticas sobre fantasmas — disse Zelda e deu um beijo rápido na bochecha do Barba. — Jon, conte toda essa história terrível ao Matthew. Preciso de um café. Não estou conseguindo pensar direito. Chorei minha última gota de lucidez!

Assoou mais uma vez o nariz no lenço. E me deixou sozinho com o Barba.

Por um momento, ficamos num silêncio desconfortável. Ainda não conseguia acreditar que ele era filho da Zelda. Ele nem se incomodou com os sapos, o que para um dentista me parecia um tanto surpreendente!

— É, por essa eu não esperava! — ele disse por fim. — Então, o que houve com a El a? Você a meteu em algum tipo de encrenca, como adorava fazer com suas irmãs?

Ah! Caía o disfarce. Guerra aberta. Melhor para mim.

— Não teria acontecido nada se você não tivesse convencido minha mãe a me mandar para cá! — gritei. — Muito esperto me enviar para uma cidade

onde uma alma do outro mundo me aguardava! Se não fosse a El a, eu já teria morrido há tempos! Mas como eu podia saber que ele voltaria e levaria ela, e não a mim?

É claro que isso tudo não fazia muito sentido, e o Barba evidentemente não entendeu uma palavra. Mas, para minha satisfação, ele fez uma cara de preocupado.

— Quem levou El a?

Entreguei a carta a ele, e contei a história toda de novo. Enquanto eu narrava, o Barba ficava pegando os sapos (talvez isso o acalmasse), e eu tentava me acostumar à ideia de que o namorado da minha mãe era o tio de El a Littlejohn. Eu ia adorar lhe perguntar

se ela odiava o Barba tanto quanto eu. Mas El a havia sumido, e eu estava passando mal de tanto medo, como se tivesse comido três pratos daquela sopa de cogumelos horrível que nos serviam às quartas-feiras na escola.

Para onde Stourton a levara?

Ainda estava viva ou ele já a teria transformado em fantasma?

Ele seria capaz de fazer isso?

Zelda voltou com o café justo quando eu contava como Longspee fincou a espada no peito de Stourton. Admito que até ali o Barba não tinha feito nenhuma pergunta tola. Na verdade, ele ouvia com muita calma, como se eu estivesse explicando qual dente doía quando tomava sorvete. Quando enfim me calei, esgotado, ele apenas balançou a cabeça, como se seus pacientes lhe contassem todos os dias histórias de fantasmas assassinos e cavaleiros mortos.

— Infelizmente, tudo isso faz sentido — ele disse e desabou na poltrona esfarrapada, habitualmente reservada aos sapos. —

Stourton pegou El a em vez de Jon porque ela não é uma interna e, por isso, era mais fácil raptá-la.

— Mas como ele pode escrever cartas e sequestrar uma criança?

Ele não passa de uma sombra! — disse Zelda, tentando colocar café na xícara. Mas suas mãos tremiam tanto que o Barba pegou o bule.

— Sempre disse que você faz uma imagem positiva demais dos fantasmas — observou, enquanto enchia a xícara. — Como ele pode ter escrito uma carta? Primeira possibilidade: nosso lorde fantasma sanguinário botou tanto medo em algum homem vivo que aceitou montar uma emboscada para a El a e escrever a carta.

Segunda possibilidade… — ele hesitou e lançou um olhar rápido para mim.

— O quê? — perguntei, irritado. — Acha que não tenho idade suficiente para ouvir a segunda? Aposto que você nunca foi perseguido por um assassino de quinhentos anos ou teve de se debater com seus cães demoníacos!

Isso tudo saiu da minha boca de um jeito tão agressivo que Zelda olhou para mim com ar de espanto. Na verdade, ela ainda achava que era a primeira vez que eu encontrava seu filho.

— … a segunda possibilidade — prosseguiu o Barba impassível —, é que Stourton tenha literalmente matado de susto alguém e feito um de seus servos usar o corpo.

— Usar o corpo? Fantasmas podem usar cadáveres? — minha voz era apenas um grunhido apavorado.

Zelda apoiou a xícara e se ajeitou no sofá.

— Não, eles *não* podem! — ela disse decidida. — Pare de contar essas histórias para o menino, Matthew! Você sabe que eu as acho totalmente absurdas! São alucinações, crendices, nada além disso!

Stourton deve ter assombrado algum camponês que saía a cavalo do celeiro durante a noite, deixando-o com tanto medo que o tolo escreveu a carta e raptou a El a quando ia para a escola!

O Barba pegou o café (claro que ele tomava sem açúcar) e se envolveu num

silêncio reflexivo.

— Mas… mas o que eu não consigo entender é como Stourton ainda está aqui! — murmurei. — Longspee o tinha mandado para o inferno. Eu estava lá!

O Barba abriu a boca num sorriso triste. — Você disse que Stourton teria deixado uma carcaça pra trás.

— E daí?

— Ele deve ter outras.

Zelda virou os olhos, mas o Barba nitidamente entendia do assunto. A primeira e única vez que o ouvira falar de alguma coisa com paixão foi quando ele explicou para a minha mãe as consequências do refrigerante nos dentes das crianças.

— Na Idade Média — ele prosseguiu —, havia a crença de que quando um homem era enforcado poderia se livrar da danação eterna embebendo a casca de uma cebola em seu próprio sangue e deixando-a sob a língua antes de ser pendurado. Acreditava-se que isso daria ao espírito uma espécie de capa que o protegeria do inferno e podia se reconstituir por sete vezes. Os carrascos tinham que olhar debaixo da língua dos condenados, mas Stourton era rico o suficiente para ter subornado o seu executor.

— Sete vezes? — murmurei.

— Sim — Barba concordou como se eu tivesse perguntado quantas obturações tinha nos dentes. — Só podemos torcer para

que a carcaça que você viu tenha sido a sétima. Quantos servos você disse que ele tinha?

— Quatro — murmurei.

— Eles também deixaram carcaças para trás?

Balancei a cabeça negativamente.

— Hmm — ele alisou a barba, como fazia sempre que estava refletindo. — Se tivermos sorte, ele só conseguiu trazer de volta um deles. Em tese, fantasmas só podem voltar quando têm um defunto.

Para resgatar todos os seus servos, Stourton teria que matar quatro homens. Isso com certeza chamaria demais a atenção num lugar pequeno como Kilmington. Por outro lado, se possuírem imediatamente os cadáveres…

— Ah, chega, Matthew! — Zelda segurou a boca dele com a mão.

— Você sempre gostou de histórias de terror, já com a idade do Jon!

— Mas por que ele sabe tudo sobre fantasmas? — perguntei a ela. — Desde quando dentistas sabem dessas coisas? Ou ele mentiu para minha mãe e na verdade é algum tipo de caçador secreto de fantasmas?

— Sua mãe? — Zelda olhou para o Barba sem entender nada. —

O que você tem a ver com a mãe do Jon?

— Ela é a mulher com quem eu vivo, mãe. Imogen Whitcroft. Eu a apresentei para você! Um dos sapos pulou no colo dela!

Zelda me encarou com olhos arregalados.

— Ah, então o Jon é o mimadinho…?

O Barba não a deixou terminar.

— É claro que eu sou dentista! — afirmou, em vez disso, com voz nitidamente ofendida (por via das dúvidas, eu havia feito um elogio antes). — Mas o que se pode esperar de uma mãe como Zelda?

Quando eu tinha sua idade, ela me levou junto em dezenas de visitas guiadas sobre fantasmas. Algumas vezes, precisei inclusive me fantasiar de fantasma! Por isso sempre lia o que encontrava sobre o assunto. Embora até hoje, para minha decepção, nunca tenha visto nenhum.

— Bem, pelo menos isso deve mudar hoje à noite — disse Zelda num tom

seco.

O Barba fez uma cara de quem não parecia muito animado com as expectativas, o que não me surpreendeu. Para mim, ele

continuava sendo alguém que se dava muito melhor com os livros do que com a vida real. Mesmo que quisesse, eu não podia imaginar como ele nos ajudaria contra Stourton. Talvez Zelda não tivesse tido nenhuma ideia melhor.

Um dentista, uma velha e um garoto. Pobre El a!

O Barba havia deixado a carta cair no tapete. Um sapo sentou em cima. Eu o empurrei para o lado e li a carta mais uma vez.

— O que estamos fazendo parados aqui? Precisamos ir a Kilmington imediatamente! — eu disse. — Talvez a gente encontre El a antes de escurecer!

Mas Zelda balançou a cabeça.

— Decerto Stourton só vai aparecer no cemitério depois do pôr do sol.

— Mas onde ele a mantém prisioneira? — minha voz tremia, o que sempre me deixava constrangido na frente do Barba, mas eu não conseguia mudar isso. Imaginava El a em algum porão escuro, vigiada por um daqueles cães imensos, e desejei outra vez que Longspee tivesse me ensinado a usar a espada. Eu arrancaria todas as carcaças de Stourton e o mandaria para o inferno de uma vez por todas.

— Continuo achando que ele assustou algum camponês e o tornou seu cúmplice — disse Zelda. — É provável que El a esteja na casa dele. Stourton fez a mesma coisa que seus antepassados, Jon.

Primeiro, os manteve presos numa fazenda e depois… — não concluiu a frase.

— Então por que não procuramos essa casa? — gritei.

— Como? — contestou Zelda. — Batendo em todas as portas de Kilmington, dizendo: “Com licença, por acaso você sequestrou uma menina de onze anos porque foi assombrado por um fantasma?”.

— Ou assassinado por um? — concluiu o Barba, assumindo de novo um ar austero.

Ficamos sentados e em silêncio. Foi horrível. Eu tinha a sensação de estar deixando El a desamparada, e ainda depois de ter despertado sua irritação. O fato de termos brigado na última vez que nos encontramos piorava a situação.

Foi Zelda quem rompeu o silêncio.

— Muito bem, Matthew — ela disse. — Jon tem razão. O que estamos fazendo aqui parados? Vamos para Kilmington. Quero minha netinha de volta.

O Barba engoliu em seco, mas afinal concordou e se levantou.

— É melhor você voltar para a escola, Jon — ele disse. — É bem provável que já tenham telefonado para sua mãe e ela deve estar preocupada.

— Você não leu a carta? — gritei. — Eles só vão entregar a El a se a Zelda me levar junto! Eu vou também!

Zelda olha para o Barba sem saber o que fazer.

— Eu vou também! — repeti. — Não tem conversa.

Zelda olhou para mim e enxugou as lágrimas dos olhos.

— Obrigada, Jon! — ela murmurou. — Porcaria de cardo, as lentes dos óculos já estão embaçando de novo!

— Mas ele não pode ir junto! — protestou o Barba. — A mãe dele vai me matar! É perigoso demais, Zelda!

— Matthew, se Jon não vier também, a pessoa que escreveu essa carta vai matar El a! — revidou Zelda.

O Barba não tinha como responder a um argumento desses. Nem com uma resposta tola.

— Talvez a gente devesse chamar a polícia — ele disse por fim, com uma voz pouco convincente.

— Policiais não acreditam em fantasmas, Matthew — disse Zelda, e foi mancando até o armário onde guardava a chave do carro. —

Além disso, devemos ir sozinhos.

— E o que aconteceu com o seu cavaleiro? — o Barba vestiu o casaco.

— Claro! — Zelda virou-se para mim com os olhos cheios de esperança. — Jon! Por que você não evoca Longspee?

Eu não sabia para onde olhar.

— Porque talvez ele também seja um assassino — soltei afinal.

— E acho que já tivemos o bastante por hoje, não?

13. A igreja dos Hartgil

O cemitério de Kilmington fica no final de uma rua estreita e sossegada e, de fato, não parecia que fantasmas assassinos passavam trotando em frente às casas. Do lado direito, ainda estava de pé o casarão onde os Hartgil moraram outrora. Sem dúvida, ele tinha mudado muito nos últimos quinhentos anos, mas o que nos deixou estarrecidos por um momento foi a placa de “Vende-se”

pendurada no portão do jardim. Tenho certeza de que todos pensamos a mesma coisa: ou os moradores deviam estar cansados de viver ao lado de um cemitério com um bando de assombrações, ou, caso o Barba estivesse certo, eles já não viviam mais. Decidi não pensar na segunda alternativa.

O cemitério era cercado por uma sebe alta, e o portão estava trancado. Por isso o Barba e eu tivemos de pular. Zelda tentou também, mas no fim teve de aceitar nossa ajuda, fazendo uma careta descontente. Acho que ela não

aceitava o fato de já ter setenta e cinco anos.

Do outro lado da sebe, tudo estava tão quieto que eu podia ouvir as batidas do meu coração. Mas essa quietude não tinha nada de pacífica. Parecia preenchida por suspiros e gritos mudos, como se a própria terra preservasse a lembrança do que acontecera ali tempos atrás. Entre as lápides havia uma igreja, cujas paredes eram tão enrugadas quanto o rosto de um velho, e suas janelas escuras pareciam olhos que nos observavam.

* * *

— Aqui você nem precisa procurar por Stourton — disse Zelda enquanto eu inspecionava as lápides. A maioria estava tão corroída

que pareciam dentes podres apontando na grama rasteira. — Ele foi enterrado em Stourhead, propriedade dos Stourton. Sempre quis saber por que ele não assombrava por lá. Este cemitério não é o lugar do assassinato. Aqui Wil iam Hartgil ainda foi salvo pelo heroísmo de seu filho.

— Quem sabe? Pode ser que Stourton não goste dos turistas de Stourhead — disse o Barba, olhando em volta.

O céu começava a escurecer, mas o sol não sumiria em menos de uma hora. E se os capturadores de El a a matassem de medo?

Meu coração ficou apertado como um nó.

— El a? — chamei. — El a!

Naturalmente não houve resposta alguma. “Não vá começar a chorar agora, Jon Whitcroft”, ordenei a mim mesmo. “O Barba ia considerar isso mais uma prova de que você é um fracote mimado, e El a também não ia gostar nada!” Foi inútil; as lágrimas caíam de meus olhos.

Por sorte, Zelda me distraiu.

— Venha até aqui, Jon — disse. — Quero mostrar uma coisa pra você.

A igreja também estava trancada, mas o Barba destravou a fechadura com um

pedaço de arame.

— Se você gosta de visitar casas desertas e assobradas, essa é uma habilidade necessária — disse ele ao notar meu espanto.

Eu pensava se minha mãe conhecia esse lado do Barba. Mas achei que seria melhor não contar nada. Talvez ela gostasse ainda mais dele por causa desses talentos.

O ar dentro da igreja cheirava a cera e flores secas, e era tão frio quanto o bafo de um fantasma.

— Por aqui — disse Zelda, apontando para baixo, no corredor central. Ela parou a alguns passos do altar.

— Eles estão sepultados aqui — disse me mostrando as lápides localizadas à nossa frente, no chão da igreja. — Muitos Hartgil .

Provavelmente as duas vítimas também estão enterradas aqui. Sua mãe nunca trouxe você aqui?

Eu examinava os nomes cinzelados nas lousas, balançando a cabeça.

— Acho que a mamãe nem sabe que este lugar existe —

murmurei. — Ela não se interessa por seus antepassados.

— Isso é verdade — o Barba riu baixinho. — É bem o contrário.

Imogen costuma zombar de quem fica remexendo nas histórias de sua família.

O olhar que lancei para ele não deve ter sido nada amistoso.

Ainda não me conformava que ele soubesse tanto sobre a minha mãe.

Zelda me mostrou uma janela à direita.

— Esta janela foi feita em homenagem a John e a Wil iam Hartgil

— ela disse. — Um de seus descendentes assumiu a tarefa. É

bonita, não?

Concordei. Era um sentimento estranho descobrir que eu tinha antepassados desenhados em vitrais e enterrados sob o chão de uma igreja. Eu não sabia se era algo de que deveria ter orgulho, mas eu tinha. De repente, eu via todos numa longa fila atrás de mim, todos os Hartgil que passaram seu nome para minha mãe. Em algum momento, tinham sido tão jovens quanto eu. Amaram suas mães, irritaram suas irmãs, e talvez alguns deles até tiveram que confrontar seus próprios barbudos. Eu os sentia nos meus ossos e no meu sangue. Eu os ouvia como um coro de vozes no meu coração. Foram tantos, e esse pensamento era tranquilizador e assustador ao mesmo tempo. Todos os nomes nas lápides da igreja me faziam lembrar muito claramente de que um dia meu nome também estaria na lousa de alguma sepultura.

Zelda de novo me arrancou das minhas divagações e também dessa vez a agradeci por isso.

— Acho que daqui a pouco vai escurecer — ela disse. —

Matthew, é melhor você se esconder entre as árvores, ao lado do portão, enquanto Jon e eu ficamos na igreja. Ligue para o meu celular se vir alguém ou algo lá fora. Quando você der o sinal, saímos. Então fingimos que vamos trocar El a por Jon e os distraímos assim que soltarem a El a, para que as crianças possam correr até a igreja.

Isso não parecia exatamente um plano sofisticado, considerando que iríamos enfrentrar Stourton e pelo menos um homem vivo. (Eu ainda tinha esperança de que o comparsa de Stourton estivesse

vivo e não fosse, como o Barba profetizava, um cadáver possuído por um dos servos de Stourton.) Sem falar que não estaríamos seguros por muito tempo na igreja. Mas, enfim, não me ocorria nada melhor, e o Barba parecia não ver problema algum no papel que iria desempenhar, por isso fiquei calado.

— Bom, então vamos lá — ele disse para Zelda. — É melhor eu levar a espingarda, não é?

Espingarda? Engoli em seco.

— Quando Matt era jovem, ele sempre atirava nas raposas e nos falcões que queriam apanhar seus coelhos — explicou Zelda, ao me ver encarando o Barba de novo com ar descrente. — Ele acabou se tornando um bom atirador. E perdeu apenas um coelho.

— Até hoje sonho com as raposas — murmurou o Barba, e pela primeira vez pude imaginar que ele tinha sido criança. Eu não conseguia apagar a barba na minha imaginação, o que lhe dava um aspecto bem esquisito.

— Bom — ele disse. — Estou meio destreinado, mas vou fazer o melhor possível. Só não sei direito em que mirar. Balas de chumbo não fazem mal nenhum a almas penadas, certo?

— Mire no que estiver vivo! — contestou Zelda, com uma cara azeda. — Ele sequestrou a El a!

O Barba engoliu em seco.

— Vou explicar de novo, mãe. Não haverá nenhum vivo. E espero ter razão, pois será muito mais fácil atirar num defunto, embora duvide que as balas sejam capazes de detê-lo.

Zelda não respondeu nada.

— Juro pelos meus sapos — ela murmurou brava —, quem quer que apareça neste cemitério só sairá daqui ileso depois que eu receber minha neta de volta, sem nem um arranhão!

Suas mãos tremiam, como se tivesse tirado um lenço do casaco e começasse a limpar as lentes embaçadas dos óculos. O Barba a abraçou num gesto de consolo. Então ele virou e foi andando em direção à porta da igreja. Quando a abriu, vimos que Zelda estava certa. Já havia anoitecido.

— Matthew, espere! — Zelda chamou o Barba de volta. — As minhas muletas estão no carro. Traga-as para mim antes de você se esconder. Elas podem ser úteis. — Uma espingarda e duas muletas.

Não pareciam um armamento especialmente eficaz contra Stourton.

Olhei para o meu punho, em que ainda podia ver com nitidez a marca do leão de Longspee. Era grande a tentação de apertar os dedos, mas soltei a mão. Eu simplesmente não conseguia esquecer o corista. Talvez fosse esse o lado sombrio de Longspee que o atormentava. O fato de ele não ser muito melhor do que aqueles contra os quais havia me defendido. Talvez fosse só por isso que ele continuava aqui. Talvez todos os fantasmas fossem ou assassinos ou suas vítimas. Será que meu pai tinha voltado alguma vez como fantasma? Não.

O medo traz ideias sombrias. E nem sempre as mais inteligentes.

De todo jeito, não era uma sensação boa esperar Stourton de mãos vazias.

— Você pode ficar com uma das muletas, Jon! — disse Zelda, como se lesse meus pensamentos. Talvez ela fosse mesmo uma bruxa. Ela me abraçou com tanta força que quase quebrou minhas costelas.

— Agradeço muito por você ter vindo junto! — ela disse. — Você é um amigo de verdade. Nada é mais precioso na vida do que isso.

El a tem muita sorte de ter você!

— Tudo bem — murmurei. — El a faria o mesmo por mim.

— Você tem razão, ela faria — disse Zelda. — Mesmo assim, muito obrigada!

14. Zumbis

Esperamos. Para mim, pareciam semanas, meses, anos. Zelda andava de um lado para outro na frente do altar, e eu estava sentado num dos bancos em que talvez meus antepassados também tivessem sentado. Eu me perguntava se El a ainda estava viva. Nos livros e filmes, os heróis sempre pressentem se as pessoas a quem amam estão bem ou não. Desde aquela noite em Kilmington, eu já não acreditava em mais nada. Eu não sentia nada.

Absolutamente nada além de medo e uma raiva gigantesca. Eu sentia falta de

El a. Sentia tanta saudade que era como se Stourton tivesse me cortado um braço ou uma perna. Como era possível? Eu a conhecia fazia pouco mais de uma semana e, além disso, ela era uma menina.

Uma vez minha mãe me disse: “Quase sempre os melhores amigos são aqueles que conhecemos nas épocas mais sombrias, pois nunca esquecemos como nos ajudaram a sair da escuridão”.

Com certeza, minha mãe não estava falando de épocas em que havia sido perseguida por um espectro vingativo. Mas acho que existem muitos tipos de situações sombrias que cada um tem que enfrentar, e é nesses momentos que precisamos de alguém como El a para nos ajudar.

Quando o celular de Zelda tocou, eu me assustei e escorreguei do banco, caindo de joelhos em cima do nome *Hartgil* . Com a mão trêmula, agarrei uma das muletas que o Barba havia deixado encostada na pia batismal. Segui Zelda até a porta, e senti como se todos os Hartgil estivessem nos olhando, na esperança de que conseguíssemos o que o nó de seda não evitou: libertá-los finalmente de Stourton e vingar as duas mortes que desencadearam

tudo. Mas não estava interessado nisso na verdade. Eu só queria El a de volta, sem nem um arranhão, como dissera Zelda.

Era uma noite fria. Entre os túmulos havia se formado uma névoa tão branca e úmida que parecia soprada pelos mortos de debaixo da terra. Havia quatro homens parados naquela bruma. Era evidente que havia algo de errado com eles. Parecia que não cabiam mais em seus corpos, e seus rostos eram tão inexpressivos quanto máscaras de borracha. O Barba estava certo. Espíritos podem usar um corpo como se fosse roupa, e Stourton havia arranjado roupas novas não para um, mas para todos os seus servos. Meu coração gelou no meu peito. Eu mal podia respirar de medo, enquanto apertava com mais força a muleta de Zelda. Meus olhos, porém, só buscavam uma figura entre as sepulturas.

— Onde está minha neta? — gritou Zelda para as criaturas que antes haviam sido homens. Não dava para invejar um destino daqueles: servir de pele para fantasma!

A voz de Zelda não tremia como minhas mãos, mas era ao mesmo tempo confortante e assustador perceber o mesmo medo que eu sentia em suas palavras.

Os servos de Stourton não responderam. Os zumbis devem ter lá suas dificuldades com a fala. Mas um deles se virou e puxou El a de trás de um túmulo.

Ela estava branca de pavor, e seus olhos, arregalados de medo

—embora também mostrassem uma boa dose de revolta. Ela se manteve ereta, e, quando um dos zumbis a agarrou pelos cabelos compridos, ela chutou seus joelhos. Corajosa.

— Deixe a El a em paz! — gritei, sacudindo a muleta, apesar de não ter muita esperança de que ela pudesse fazer mal a alguém que já estava morto.

O zumbi à esquerda de El a soltou uma risada horrível e a agarrou outra vez pelos cabelos. Quando falava, era como se a língua também não se ajustasse bem nele, tal como sua roupa nova.

— Sua amiguinha vai ficar aqui, Hartgil — ele disse, embolando as palavras —, até que o lorde de seda venha buscar você. Ele já está a caminho!

— Não vamos esperar! — cochichou Zelda, mas, justo quando ela agarrava a muleta, o cavaleiro sanguinário, que tinha enchido de terror meus últimos dias e noites, cruzou o portão do cemitério.

Dessa vez ele estava rodeado de luz, como Longspee, mas sua luz coloria a névoa com um verde sujo, igual a fungo em pão velho.

Ele parecia mais aterrorizante ainda em sua nova carcaça.

“Quantas será que já tinham sido?”, eu me perguntava, mas sabia que não teria essa resposta.

Seu cavalo raspava as patas nas lápides, como se quisesse acordar os mortos, mas o lorde de seda só tinha olhos para mim.

Olhos que ardiam como se sua própria alma escura estivesse em chamas.

— Aí está você, Hartgil ! — ele rosnou. — O que está esperando?

Venha até aqui! — ele falava comigo como se eu fosse um de seus servos ou um guardador de cavalos. Oras, eu ainda era escudeiro de um cavaleiro, mesmo se esse cavaleiro também fosse um assassino.

— Só depois que você soltar El a! — gritei, e tive raiva do medo que fazia minha voz soar tão fina.

El a, porém, tinha sua própria opinião sobre a questão.

— Não vou a lugar algum, Jon Whitcroft! — ela gritou. — Você está pensando o quê? Que eu vou voltar para casa com a Zelda enquanto esse monstro corta sua cabeça fora ou faz sei lá do que com você?

Cortar a cabeça… engoli em seco. Ela tinha mesmo um jeito especial de mostrar o óbvio.

— El a! — gritou Zelda. — Faça o que Jon está dizendo. Venha até aqui e tudo vai ficar bem!

El a hesitava, e, antes que pudesse se mover, o zumbi que estava atrás dela a prendeu novamente. Ela o acertava com cotoveladas, mas, quando ele levantou a mão para lhe bater, Stourton o impediu com um sibilo agudo.

— Deixe-a ir! Quero só o rapaz! — ele bufou. — Não que não fosse tê-lo de todo jeito! — completou, com um riso abominável.

Ele nunca parecera tão cadavérico. Os dentes na boca sem lábios eram podres como se ele os tivesse roubado de algum daqueles túmulos. Seus cabelos não eram mais grisalhos, e sim brancos.

Caíam tão finos sobre os ombros que lembravam teias de aranha, e sua nova pele se esticava sobre seus ossos feito uma roupa mortuária cortada sob medida. Seus homens não eram melhores e lhe obedeciam em seus novos corpos tão calados como quando eram apenas fantasmas. Nenhuma surpresa. Afinal, eles treinavam fazia séculos.

El a ainda hesitava, até que o servo de Stourton finalmente a empurrou com força em nossa direção. A cada passo que dava, seus olhos indagavam sobre qual era exatamente o plano.

“Não é bem um plano, El a”, pensei, começando a caminhar na direção de Stourton, cuja mão ossuda já repousava sobre a espada.

“Aquela espada não pode fazer nada contra você, Jon!”, eu repetia para mim mesmo a cada passo vacilante. “Ele não pode tocar em você, não se esqueça!”

Decidi não pensar no que os cadáveres seriam capazes de fazer a mim.

El a e eu nos cruzamos entre duas sepulturas de crianças, coisa que na verdade não foi muito animadora. “Ora, vamos lá, Barba!”, pensei, ao passar tão perto de El a que poderia ter segurado sua mão. De repente, lembrei meio apavorado que minha mãe sempre reclamava que ele se atrasava para tudo.

O tiro veio no mesmo instante. Atingiu as costas de um dos zumbis e o atravessou.

— Corra, El a! — gritei, empurrando-a na direção de Zelda.

O tiro seguinte veio dos arbustos ao lado do portão, e eu escutei Stourton xingar de um jeito antigo e horrível.

“Não olhe para os lados, Jon!”, eu pensava, enquanto corríamos na direção de Zelda e da porta aberta da igreja. Zelda balançava a muleta como se fosse Zeus lançando seu raio, mas eu ouvia os pinotes atrás de mim, tão fantasmagoricamente perto que soavam ainda mais ameaçadores. “Jon, não olhe para os lados!”, pensei de novo. “Ele não pode lhe causar nenhum mal. Não pode!” Mas no mesmo instante senti uma mão em meu pescoço, uma mão fria e muito forte. Ela me jogou no chão e eu vi um rosto horrendo olhando para mim. Talvez em vida até fosse um rosto bonito, mas naquele momento era horrível.

— Você não vai a lugar algum, Hartgil ! — grunhiu um dos zumbis de

Stourton, colocando a bota enlameada sobre meu peito.

Vi El a parar no meio dos túmulos, como se criasse raízes.

— Corra, El a! — gritei. Mas ela não se movia, e outro morto-vivo, um tipo magrela, louro, de cabelos curtos, a pegou, enquanto um terceiro seguia na direção de Zelda. Ela deu com a muleta no meio de sua cabeça careca, mas ele soltou apenas um grunhido irritado e a arrancou das mãos de Zelda sem esforço algum, como se roubasse pirulito de criança. Então levou Zelda em silêncio até o seu abominável senhor.

Stourton estava imóvel, montado em seu cavalo, observando com uma careta inexpressiva como seus criados zumbis juntavam as vítimas. Meus olhos buscavam o Barba, e o vi esticado entre duas sepulturas, a espingarda do lado. Por um momento, fiquei realmente preocupado com ele, mas Stourton não me deu ocasião nenhuma para explorar a fundo esse sentimento surpreendente.

— Traga as crianças para a torre! — ele ordenou. Sua voz era rouca e dissonante, como uma cópia barata de uma voz de verdade.

Mas o barulho que eu ouvia atrás de mim era assustador. Zelda chorava. Ela praguejava entre seus soluços, mas suas lágrimas deixavam as coisas ainda mais claras: estávamos perdidos.

Nenhuma salvação à vista. Fim do espetáculo.

— Vou matar você, Stourton! — gritei, enquanto dois dos zumbis me arrastavam para a porta da igreja. — Eu vou acabar com você, seu verme desprezível!

— E como você vai fazer isso, Hartgil ? — contestou Stourton, descendo devagar do cavalo. — Já estou morto, esqueceu? Nem mesmo seu amigo cavaleiro conseguiu acabar comigo.

Eu via El a ao longe. Seus lábios estavam apertados, mas não havia nem sinal de lágrimas em seus olhos. Nos meus, já não tinha tanta certeza.

A porta que levava à torre era tão baixa que parecia feita para crianças. O servo que nos levava quase ficou preso nela. Ele ia me empurrando com socos nas minhas costas, enquanto eu seguia atrás de El a. Na metade da subida, passamos por uma sala sem janelas, sobre a qual eu já tinha lido. Wil iam Hartgil se escondera lá, enquanto seu filho foi a Londres a cavalo buscar ajuda. Tudo em

vão. No fim, Stourton o matou do mesmo jeito. “E fará o mesmo com você, Jon”, pensei. “A vingança não leva a nada. E dessa vez a maldição dos Hartgil ainda vai custar a vida de uma Littlejohn.” Esse pensamento era ainda pior que o medo que eu sentia de morrer.

— Jon! — sussurrou El a, quando estávamos quase lá em cima.

— Onde está o Longspee?

Claro. Ela não sabia nada do fantasma do corista e do que ele havia me contado. É, onde ele estava? Eu quis chamá-lo assim que Stourton atravessou o portão do cemitério, mas só conseguia pensar em seu lado sombrio, e o pensamento de que talvez tivesse confiado num homem que tinha matado uma criança pouco mais velha que eu paralisava meus dedos toda vez que queria fechar o punho.

— Ele empurrou o corista pela janela! — sussurrei. — Ele também é um assassino!

El a me olhou com cara de *que-raio-de-bobagem-de-menino-é-*

essa? .

— Que absurdo! — ela sussurrou de volta. — Chame-o! Agora!

Oh, por onde ela havia andado esse tempo todo? Cada uma de suas palavras me guiava como ar fresco através dos pensamentos obscuros.

Tínhamos chegado à porta baixa de madeira que conduzia ao topo da torre. O zumbi nos empurrou para dentro. Stourton o seguia.

A noite escurecia seus membros pálidos e seu rosto estava tão translúcido que

uma lufada poderia dissolvê-lo. Mas o morto-vivo a seu lado se encolhia feito um cão toda vez que Stourton olhava em sua direção.

— É uma pena, Hartgil , que não possa empurrá-lo para baixo com minhas próprias mãos! — disse Stourton, alisando suas roupas transparentes. — Mas não gosto de me enfiar no corpo de um camponês qualquer.

O zumbi que estava ao lado dele deu um passo na direção de El a.

Para protegê-la coloquei-me à frente, ainda que ela tentasse me afastar.

— Você é um mentiroso tão deplorável! — balbuciei. (Meus lábios trêmulos não estavam em condições de fazer mais que isso.) —

Sabe o que eu acho? Que você não tem coragem de matar ninguém com as próprias mãos. Você sempre mandou outros o fazerem por você!

Meus dedos apertavam a marca de Longspee.

— É isso mesmo! E aposto que é por isso que você não pode descer para o inferno! — gritei. — Porque você… — El a segurou meu braço para me conter, mas eu estava irado demais para ficar quieto — porque você é um maldito covarde que não pode responder sequer por uma única morte!

Os olhos vermelhos de Stourton escureceram. Eu podia ver seu esqueleto por baixo de sua pele de pergaminho. Ele parecia uma fantasia convincente de Hal oween.

— Ah é? — ele rosnou, vindo em minha direção. Então pressionou a mão pálida diretamente em meu coração.

Vi sangue. Por toda a minha roupa. Eu era Stourton e estava num campo sombrio. Diante de mim, havia dois homens acorrentados.

Os rostos estavam ensanguentados, mas não estavam mortos. Um dos meus servos baixou a clava quando segurei sua mão, encorajando-o. Ele me entregou uma faca. O cabo era liso e frio, e a lâmina refletia a luz de uma tocha. Eu sabia o que deveria fazer. E

isso me alegrava…

Foi um sentimento horrível. Pior do que tudo o que jamais tinha sentido.

Mas de repente a faca sumiu. Tudo desapareceu, o campo sombrio, os homens acorrentados… e em vez disso a mão branca de Stourton estava caída diante de meus pés, cortada bem abaixo do pulso.

— Esqueça o que você viu, Jon! — disse Longspee, erguendo-se à minha frente. — Esqueça, ouviu?

Sua espada brilhou com o sangue fantasmagórico e pálido de Stourton.

Senti a mão de El a segurando a minha. Ela foi me puxando para trás até sentirmos os parapeitos da torre nas costas. Eles mal alcançavam nossos ombros, e eu pude sentir o abismo bocejando do outro lado, como gelo na nuca.

— Ah, não, você de novo, não, *tão-nobre-cavaleiro*! — zombou Stourton, puxando a espada. — Quer me arrancar outra carcaça?

Não se dê o trabalho. Você não pode fazer nada contra mim, mesmo que você continue me atacando. Você não tem o nome daquele que vai me levar para o inferno.

Um dos zumbis que também subira à torre pôs-se ao lado de seu senhor. E diante da porta, atrás da qual estava a escada salvadora, havia um segundo em guarda. Os outros dois ficaram com Zelda e o Barba.

— Nome? — perguntou Longspee. — E qual é esse nome?

Stourton riu. Uma nova mão cresceu em seu punho, seus dedos se abriam como as folhas de uma planta carnívora. A mão cortada por Longspee murchava e se desintegrava no chão.

— O que acha, nobre cavaleiro? Ainda ouço o velho proferindo aos gritos sua maldição antes de morrer: “Um Hartgil vai levar você ao inferno, Stourton! Apenas um Hartgil !”. Mas, ao contrário disso, sou eu que os tenho mandado para o inferno há cinco séculos, como vingança pela corda de seda. E nenhum

deles voltou para cumprir a maldição. São como cordeiros, vão direto para o abate e desaparecem. O jovem que você protege de modo tão bondoso seguirá o mesmo caminho, bem aqui, esta noite.

O servo tentou dar um passo em minha direção, mas Longspee apontou-lhe a espada.

— Você acha que este pedaço de carne morta pode proteger você? — ele disse. — Vou perfurar seu coração escuro tão profundamente que você vai esperar o seu senhor na porta do inferno.

O zumbi hesitou, o rosto cadavérico se contorceu de medo.

— Está esperando o quê — gritou Stourton para ele. — Jogue as crianças para baixo, ou você vai parar no inferno pelas minhas próprias mãos!

O zumbi deu outro passo em nossa direção.

Mas a espada de Longspee foi rápida como uma chama, e o criado tombou feito um saco que se esvazia, empesteando o ar com um cheiro horrível, como se sua alma podre se dissolvesse na brisa da noite. A figura de Longspee brilhava, como se fosse feita de fogo.

O servo perto da escada correu assustado, mas Stourton acertou a espada em suas costas, amaldiçoando-o. Então, voltou-se para

Longspee. Seu rosto não tinha mais nada de humano; a pele soltava-se como farrapos dos ossos, a ira a descolava de seu corpo.

— Jon, vá pela escada! — gritou Longspee, cobrindo-nos com seu torso.

A figura de Stourton se manchou de vermelho. Era como se todo o sangue que ele derramou ao longo dos séculos invadisse seus membros. Wil iam, por sua vez, reluzia tanto que lembrava o branco coração de uma chama, e eu já não ligava para o que o corista havia falado. Só via a luz e era novamente o escudeiro de Longspee, não importava o que ele tinha feito ou o que o mantinha neste mundo.

— El a, corra! — gritei. — Vou ficar com ele.

Naturalmente, El a não se moveu. Tentei arrastá-la para a escada, mas era, e ainda é, mais forte do que eu.

— Me largue! — esbravejou. — Você não ouviu o que Stourton disse? Jon, *você* precisa matá-lo! Você é o Hartgil que vai mandar ele para o inferno!

— Ah, é? — respondi sem ar. — E como vou fazer isso?

Vi que El a também não tinha resposta.

Stourton rosnou como um de seus cães, mostrando seus dentes podres. Mas sua espada era mais leve que a de Longspee, e o cavaleiro se defendia sem esforço.

— O que vocês ainda estão fazendo aqui, Jon? Desapareçam! —

gritou Wil iam, defendendo-se de outro golpe.

Mas não nos movemos.

"*Você* precisa matá-lo, Jon."

Eles pareciam lutar havia uma eternidade, dois fantasmas, um tão sombrio, outro tão luminoso. O tempo estava suspenso, havia apenas esses dois homens que não podiam morrer, El a e eu.

Finalmente, Longspee colocou Stourton contra a parede e cravou a espada em seu coração. Mas o lorde de seda se desprendeu de mais uma carcaça pálida e vestiu seus ossos com outra, vermelha, tomando nova forma.

— Eu tenho muitas peles, nobre cavaleiro — disse em tom irônico. — E todo o sangue que jorra de mim as torna ainda mais resistentes. O que há com você? Volte para a sua tumba antes que eu estraçalhe sua nobre carcaça e faça de você meu servo no

inferno. Você é tão inexpressivo como espectro como quando era vivo. Bastardo desvalido! Fraco entre irmãos fortes!

Ele levantou a espada com tanta fúria contra o escudo de Longspee que Wil iam tropeçou e a lâmina de Stourton deslizou fundo no ombro cintilante. Jorrou luz da ferida, como sangue evaporando. Eu me aproximei dos dois lutadores com um grito de raiva.

Dessa vez eu não esperaria o consentimento de Longspee. Entrei diretamente em sua luz. Senti como minha carne tornou-se sua carne, até eu ficar grande e forte, segurando a empunhadura da espada numa mão. Eu era Jon e era Wil iam. Eu era Longspee e Hartgil . Eu era homem e menino, cavaleiro e aprendiz, medroso e destemido, jovem e um velho de quase mil anos de idade. Sentia meu coração bater em seu peito; suas lembranças se tornarem minhas, e as minhas, dele. E quando abri a boca, ouvi a voz de Longspee pronunciar minhas palavras:

— Agora tenho o nome certo, lorde de seda, e todas as suas carcaças cheias de sangue não podem mais protegê-lo contra mim: um Hartgil o mandará ao inferno com a espada de Wil iam Longspee.

Stourton ergueu a espada com um grito rouco, mas eu via o medo em seus olhos, e o agarrei com a força de Longspee e a minha ira, com o braço de Longspee e o meu amor, por ele e por El a, que ainda estava atrás de nós e não fugira nem se escondera.

Stourton bateu minha espada de lado, mas eu avançava contra ele a cada passo, a cada golpe. Então cravei a lâmina fundo em seu peito, tão fundo que ela atingiu a parede que havia atrás. Suas peles murcharam como pétalas de uma flor seca e seus olhos em chamas foram se apagando. Mas ainda dei outro golpe, arrancando sua cabeça daquele pescoço ossudo. Eu não sabia mais que ódio me movia. Era apenas o meu ou também o de Longspee?

A voz de El a me trouxe de volta à razão. Ela chamava meu nome, “Jon”, mas também o de Longspee. Finalmente larguei a espada e caí de joelhos, tremendo, enquanto a figura de Stourton se desintegrava na minha frente, carcaça por carcaça, destruídas pela luz de Longspee e por meu nome. E então eu era outra vez um menino, ajoelhado nas mesmas lajes onde outrora ajoelhara Wil iam

Hartgil , enquanto esperava que seu filho o salvasse do homem que o

acabaria matando.

El a envolveu-me com os braços e, quando olhei para cima, vi Longspee encostado na parede. Ele parecia tão vivo que por um momento não acreditei que estava morto havia séculos.

— Jon Whitcroft — ele disse —, acho que você não é mais um mero escudeiro.

15. O fim

Os dois servos que tomavam conta de Zelda e do Barba olhavam preocupados para o alto da torre. Haviam amarrado os dois em túmulos, e um deles segurava a espingarda que o Barba usara.

Infelizmente Zelda gritou o nome de El a assim que nos viu. As lágrimas de alívio correram em suas bochechas, e o Barba abriu um sorriso tão largo que seu rosto ferido quase explodiu de alegria.

Graças a isso, os servos de Stourton também nos viram. Não me surpreenderia se seus olhos mortos tivessem saltado de suas caras, tão estarrecidos eles ficaram ao nos ver.

— Não saia da igreja, El a! — gritou Zelda. O Barba tentou dar um pontapé no morto-vivo que segurava sua espingarda, contorcendo-se feito peixe no anzol, mas não obteve êxito. Preciso dizer que achei admirável o esforço.

— O que vocês estão olhando? Stourton está no inferno e, desta vez, para sempre! — gritei para os servos. — Por que vocês não vão atrás dele?

A carga de chumbo atingiu a porta, apenas a um palmo de distância do meu rosto. El a me puxou antes que o disparo seguinte arrancasse meu nariz.

— Você ficou louco? — ela sussurrou. — Deixe os dois com Longspee!

Longspee. Havia descido da torre conosco, mas onde estava?

Olhei ao redor e o vi no corredor entre os bancos. Ele observava o altar. El a fez um sinal para que eu fosse até ele, enquanto ela ficaria de olho nos servos.

Por sorte, eles estavam confusos na ausência do senhor e pareciam não saber o que deveriam fazer.

— Para onde foi o Stourton? — mal dava para ver o Longspee, como se a luta na torre tivesse consumido toda a sua energia. —

Para onde ele foi, Jon? O inferno existe? Vou acabar lá também quando a morte vier enfim me buscar?

Eu não sabia o que deveria responder. Eu ouvia a voz do corista ecoando na capela da escola: “Ele me matou”.

— Lá fora — eu disse —, ainda há dois dos servos de Stourton.

Estão com a avó e o… tio de El a. Você pode ajudar?

Claro que podia. Quando Longspee atravessou a parede da antiga igreja, o Barba olhou para ele extasiado, como uma criança que vê uma árvore de natal pela primeira vez.

Os criados de Stourton não deram no pé, embora desse para ver em suas caras vazias que estavam muito tentados a fazer isso.

Talvez acreditassem que seu senhor ainda pudesse descer da torre para salvá-los. Um deles atirou em Longspee, o que foi um tanto tolo. O segundo pegou uma pá que estava entre os túmulos, escondida na terra úmida, coisa que tampouco fazia sentido. Então ambos atacaram Longspee. Mas seus membros de mortos-vivos não eram páreo para o meu cavaleiro, e logo abandonaram os corpos roubados e se dissolveram no ar da noite, como o seu senhor. O cemitério de Kilmington parecia suspirar aliviado quando Longspee embainhou a espada, e o silêncio entre as lápides de repente se tornou tão puro como o ar depois de uma chuva forte.

“O que você vê nos cavaleiros, Jon?”, minha mãe costumava me perguntar quando eu era criança e, dos cinco aos nove anos, não aceitava usar nenhuma outra fantasia no Hal oween. Pois é, o quê?

Talvez eles nos fazem acreditar que é possível acabar com o mal do mundo

com uma armadura e uma espada.

El a libertou o Barba (ela o chamava de Matt, como minha mãe), e eu soltei Zelda.

Longspee ainda estava lá, mas já desvanecendo.

— Por que você não me chamou antes, Jon Whitcroft? — ele perguntou.

Então desapareceu, sem que eu pudesse responder à sua pergunta.

16. O lado sombrio de Longspee Naquela noite, Zelda insistiu para que eu dormisse lá, e arrumou a cama para mim no sofá, depois de mandar o Barba avisar os Popplewel , embora ele parecesse quase tão acabado quanto os servos de Stourton.

— Diga apenas que você foi buscar Jon na escola e que se divertiram tanto que você simplesmente esqueceu de ligar avisando

— ela falou, empurrando-o pela porta.

— Diversão? Por acaso parece que eu estava me divertindo? —

contestou o Barba. Mas ele conseguiu de fato tranquilizar os Popplewel e convencê-los de que eu ainda passaria mais duas noites na casa de Zelda, como El a lhe havia incumbido. Depois, ficou uma hora no telefone com minha mãe, que, é claro, já havia telefonado para os Popplewel e estava em estado de alerta. A vida se torna muito complicada quando não se pode simplesmente dizer a verdade. “Por favor, desculpem a ausência de Jon Whitcroft. Ele precisou salvar sua melhor amiga e cumprir o destino de sua família.” Daríamos tudo para que Zelda pudesse escrever um bilhete assim.

No dia seguinte, quando abri os olhos, um sapo me observava do braço do sofá, e havia cheiro de panqueca.

— Depois de uma noite dessas, não dá para ir para a escola! —

anunciou Zelda quando apareci na cozinha. — Já telefonei para a senhora Tinker e disse que vocês dois estão com dor de barriga, porque o Matthew

deixou vocês comerem doce demais. Ela não sabe que ele é dentista.

O Barba servia bem como desculpa. Na hora, fiquei pensando como eu poderia usar isso no futuro, até que ele entrou mancando

na cozinha. Parecia mesmo tremendamente abatido, mas não foi por isso que eu quase não o reconheci. Ele tinha tirado a barba.

— Hoje acordei me sentindo diferente — ele disse, empurrando um pedaço de panqueca entre os dentes perfeitamente brancos. —

A barba não tinha mais a ver.

El a deu um beijo naquela bochecha barbeada e lisinha. Mas eu ainda não sabia se gostava de sua nova cara e decidi que por ora continuaria a chamá-lo de Barba (e ainda o chamo). Mas devo admitir que a cicatriz em seu queixo era realmente impressionante.

Ao olhar para ela, quase lamentei que Stourton não tivesse deixado nenhuma marca visível em meu rosto.

Depois do café da manhã, enfim contei à El a que o fantasma do corista tinha aparecido para mim na capela da escola. Ela ouviu, como sempre, com uma expressão tão impassível que só isso já me tranquilizou.

— Você precisa contar para o Longspee! — disse. — Tenho certeza de que ele pode explicar tudo!

— E depois? — devolvi. — Certamente ele vai sacar que eu não o chamei antes porque acreditei nas mentiras do corista.

Então recebi um olhar *Jon-Whitcroft-você-precisa-superar-isso*.

— Muito bem — murmurei. — Você pode pelo menos me acompanhar quando eu for falar com ele?

— Com certeza — ela disse. — Ainda preciso agradecer-lhe por ontem à noite!

El a queria ficar trancada na catedral de novo, mas, ao contar para Zelda, teve de se contentar apenas com uma severa testa franzida.

— Nem pensar. Nada de passeios noturnos para vocês dois —

disse Zelda. Pelo menos, não sem companhia. — Ela tinha conseguido as chaves do portão do pátio e da porta lateral da catedral com um dos guias.

— É um antigo admirador dela — sussurrou o Barba para nós, quando Zelda, orgulhosa, jogou as chaves na mesa. — Dizem que escreveu seu nome em três colunas da catedral e por causa dela nunca se casou!

El a tentou convencer a avó a deixar ao menos que conversássemos sozinhos com Longspee, mas Zelda balançou a cabeça tão enérgica que seus óculos escorregaram.

— Isso é absurdo — ela disse, enquanto entrávamos em seu carro. — E se ele for mesmo um assassino? Sem mais discussão.

Juro que só vou aparecer se vocês pedirem socorro.

Passamos na ponta dos pés pela porta lateral, pouco antes das vésperas. A catedral parecia uma velha amiga nossa. Zelda ficou esperando atrás de uma coluna ao lado da pia batismal, enquanto El a e eu fomos em direção à tumba de Longspee.

Parecia ter passado muito tempo desde a última vez que havíamos estado ali. Aconteceram tantas coisas que eu me sentia um menino bem diferente daquele que chamou Wil iam Longspee pela primeira vez.

O que eu deveria dizer? Como poderia olhar em seus olhos depois de acreditar que ele era um assassino? Que tinha matado um menino pouco mais velho do que eu?

Senti sua presença antes mesmo de ouvir sua voz.

— Então, Jon… por que você só me chamou quando já era quase tarde demais?

Ele surgiu por entre as colunas, como se estivesse à minha espera.

Baixei a cabeça, sentia as palavras do corista como veneno na minha língua. Eu amava Wil iam Longspee, mas vira seu lado sombrio e já não tinha certeza de que sua luz sempre fora forte. Ao lutar com Stourton na torre de Kilmington, pude sentir na minha própria pele como a escuridão pode ser intensa em todos nós.

— Encontrei o corista. Aquele… aquele para quem você também pediu para procurar seu coração — eu pronunciava as palavras baixinho, mas no vazio amplo da catedral elas se tornavam fortes e pesadas.

— Entendo.

Havia tanto cansaço em sua voz. E eu podia ver as paredes da catedral tão claramente através de seu corpo que era como se a tristeza e a culpa não deixassem sobrar coisa alguma dele.

— O que ele contou para você?

Era preciso mais coragem para falar com ele do que para lutar contra Stourton.

— Que foi você quem o matou. Eu sei — fui logo dizendo —, eu não deveria ter acreditado nele! Com certeza as coisas não foram como...

— Não, Jon. É verdade.

Fiquei gelado, era como se Stourton pressionasse meu peito com sua mão ossuda. Eu mal podia ver Longspee nas sombras, mas suas palavras iam se compondo no escuro, e cada uma corroía meu coração.

— Mas… por quê? — El a apareceu ao meu lado. Era a primeira vez que eu ouvia a voz dela tremer.

— Ele disse que tinha encontrado meu coração e só o devolveria sob a condição de eu matar seu professor — disse Wil iam, percorrendo as colunas com os olhos.

Ele foi até a tumba sobre o qual jazia sua imagem, tão nobre e cheia de paz em seu sono de pedra.

— O garoto disse: “Ele é um homem velho” — continuou Wil iam com a voz quase inaudível. — “Talvez o coração dele pare ao ver seu espectro.” “Por que você quer que ele morra?”, perguntei. Ele riu. “Porque não gosto dele”, foi a resposta. Eu já tinha ouvido aquilo antes… de um rei. João dizia essas coisas. “Tire-o do meu caminho.

Não gosto dele.” E sempre havia alguém que realizava seus desejos. Às vezes, era eu. Eu estava farto. Farto demais para ter de cumprir ordens de um jovem perverso.

Longspee esticou a mão e tocou o rosto de pedra, tão semelhante ao seu. Os dedos afundavam como se a pedra também não fosse feita de substância alguma.

— Eu disse que não aceitaria sua condição e exigia meu coração de volta. Ele riu da minha cara. “Não, nesse caso, vou enterrá-lo de novo”, disse. “Espero que assim você fique tão fraco e infeliz que não possa cumprir seu juramento. E que nunca mais veja sua esposa. De que lhe serviria mesmo um cavaleiro sem coração?”

Longspee cobriu o rosto com a mão.

— Puxei a espada, na minha ira impotente. Ele foi se afastando para trás e caiu pela janela que estava às suas costas. Quebrou o pescoço. Seu grito gravava a palavra *assassino* na minha testa, e

aquela escuridão contaminou minha alma para sempre. “Foi apenas mais um, Wil iam”, eu dizia para mim mesmo. “Foi apenas mais um!

Você já matou tantos, e esse com certeza era mau.” Mas a escuridão nunca me deixou, e eu perdi toda a esperança de um dia limpar minha alma. Ou de rever El a. Wil iam Longspee não passa de uma sombra. Um cavaleiro sem coração. Preso a este mundo por toda a eternidade.

Ele caiu de joelhos, diante de seu próprio túmulo e de todos os santos e

pecadores que o observavam com seus rostos de pedra.

As paredes da catedral pareciam soprar palavras de consolo, e as colunas se esticavam, como se pudessem sustentar a culpa do cavaleiro. Mas a noite derramava escuridão pelas janelas, e apenas a lanterna de El a ainda espalhava alguma luz.

El a dirigiu-se hesitante em direção a Longspee, talvez desconfiando de que ele pudesse rejeitá-la.

— Você salvou o Jon e a mim — disse —, e a Zelda e o Matt.

Acho que seu juramento já foi cumprido há muito tempo, e, quanto à sua esposa, algum dia, com certeza, você vai encontrá-la de novo!

Pois Jon e eu vamos achar seu coração e enterrá-lo aos pés dela.

Prometo, senão não me chamo El a Littlejohn. E agora, por favor, levante-se!

17. A ilha dos coristas

Admito, o Barba não ficou fazendo pergunta chata na manhã seguinte, quando El a anunciou que precisaríamos outra vez de sua ajuda. Ele apareceu, conforme o combinado, logo depois da aula para desviar a atenção da professora (a sra. Bagenal, de matemática e química) com uma conversa sobre higiene bucal, a fim de que El a e eu pudéssemos entrar de mansinho na capela da escola.

Eu havia sugerido que a gente simplesmente intimidasse o pequeno chantagista para que ele nos contasse espontaneamente onde estava o coração, mas El a franziu a testa e perguntou como eu pretendia fazer isso. É claro que eu não tinha a menor ideia, então fizemos do jeito dela. Eu me escondi entre os bancos e, dez minutos depois, El a deu uma volta pela capela, para garantir que não havia ninguém lá. (Ela é uma ótima atriz, isso ficou comprovado para mim nesse dia.)

— Aleister? Aleister Jindrich? — perguntou para o vazio.

(Longspee havia nos revelado o nome dele.) — Onde você está?

Preciso falar com você.

Ele não demorou muito para aparecer. Como sempre, El a estava linda, e o fato de uma menina assim o chamar certamente alimentava sua vaidade.

A princípio, ele era apenas uma mancha diante do degrau do altar. Depois, surgiu a cabeça, com aquele sorriso matreiro, como o do gato de *Alice no país das maravilhas*, e por fim apareceu inteiro, com seu traje de corista, que lembrava uma versão desbotada do de Angus.

— Veja só quem está aqui! — ele ronronou, sorrindo para El a de um jeito tão malicioso que na hora me deu vontade de bater nele. —

Nós nos conhecemos? Não que eu saiba.

El a o encarou impassível, como se não houvesse nada mais normal no mundo do que falar com um fantasma de corista.

— Meu nome é El a Littlejohn — disse. — Minha avó Zelda faz passeios turísticos por Salisbury, falando sobre fantasmas. Por isso estou aqui.

— Ah é? — Aleister começou a farejá-la feito um gato que se aproxima de um pote de leite. — Explique mais aqui pertinho.

El a cruzou os braços. O Barba tinha dito que isso parece impedir os fantasmas de se apossarem de nosso corpo. Ele sabia mesmo algumas coisas úteis, desde que se esquecesse de que era dentista.

— Contei tudo sobre você para a minha avó — disse El a. —

Afinal, todo mundo nesta escola sabe de você. Mas Zelda diz que não pode falar, em seus passeios, sobre a história de um menino boboca, que pulou da janela porque estava com saudade de casa e não tinha mais nada para fazer além de assombrar sua antiga escola e se lamentar por aí.

Perfeito. Aleister foi ficando branco como um lençol. (Não que ele fosse muito corado normalente, mas havia uma diferença notável.)

— Então é isso que sua avó pensa? — ele bufou. Seu aspecto realmente lembrava o de um gato.

— É, é isso — respondeu El a, impassível. — Mas recentemente ouvi outra história.

Ela fez uma pausa estratégica e alisou a saia. (O uniforme das meninas não é lá muito atraente, mas mesmo assim El a ficava bem nele.)

— Um menino da minha classe — continuou — disse que um cavaleiro que assombra a catedral matou você, porque você teria roubado o coração dele. Isso faz mais sentido do que a história de ter saudade de casa. Mas qual é a verdade?

— Ah, essa é a verdade! O cavaleiro maldito me matou! —

Aleister subiu na ponta dos pés para ficar do mesmo tamanho que El a. Monstrinho pomposo! Não era de surpreender que nem o céu nem o inferno o quisessem.

— Então prove. — El a jogou o cabelo para trás.

— Provar? — Aleister olhou para ela nitidamente confuso. —

Como?

— Mostre-me o coração!

Por um instante achei que ele fosse perceber o embuste. Mas eu subestimava sua vaidade. Sem contar que não deve ter feito muito bem para a sua cabeça ter caído da janela e passado séculos assombrando a antiga escola.

— Tudo bem — ele disse. — Mas, se eu mostrá-lo, você vai ter que me beijar.

Pequeno canalha. Vi como El a engoliu em seco e suas mãos tremiam sob os braços cruzados, mas sua voz não deixava perceber repulsa alguma.

— Claro — disse calmamente. — Na verdade, sempre quis beijar você.

Naquele quadro lá fora você está tão bonito.

Ele havia mordido a isca, aquele chantagista de uma figa. Era óbvio que esquecera que não podia tocar nas pessoas, mesmo que fossem lindas como El a.

— Escondi o coração num lugar seguro! — ele ronronou no ouvido de El a. — Não é muito longe daqui.

Então ele não o havia enterrado em Stonehenge de novo.

— Ótimo. Então me mostre. — disse El a, disfarçando o espanto com maestria.

— É preciso esperar o anoitecer — respondeu Aleister balançando a cabeça. — Minha pele coça terrivelmente quando recebe muita luz do dia.

El a olhou para os vitrais da capela.

— Mas ainda vai demorar algumas horas — constatou. — Por que você não me diz onde é o lugar e eu vou lá buscar?

Foi uma boa tentativa, mas Aleister também não era assim tão bobo. Nesse instante, seu sorriso maroto desapareceu.

— Não, não, minha bela, eu mesmo quero mostrar onde está —

ronronou. Sua voz soava pueril com o pequeno eco que produzia. —

Me espere aqui atrás da escola assim que anoitecer!

— Combinado — El a realmente conseguiu pôr um sorriso esperançoso nos lábios. — Só mais uma pergunta. Você não tem medo que um dia o cavaleiro volte para exigir o coração de volta?

A riso de Aleister foi tão sarcástico que a única resposta adequada a ele teria sido um raio fulminante, mas a justiça celeste aparentemente não trabalha com tais métodos, mesmo numa capela.

— O pobre-diabo só pode deixar a catedral se alguém o evocar pedindo ajuda — gargalhou. — Isso por causa daquela promessa tola!

— Que estúpido! — o olhar que ela lançou ao pequeno tratante denunciava mais seu desprezo, mas em seguida já estava sorrindo para Aleister com seu jeito doce de novo. — Muito bem! — ela disse. — Então nos vemos depois do pôr do sol.

O Barba tinha se aborrecido ("Céus, aquela professora me contou de todas as cáries dos colegas!", ele reclamou quando o reencontramos em frente à escola), e também não se entusiasmou quando dissemos que precisaríamos voltar à escola depois que anoitecesse. Insistiu em nos fazer companhia até a noite, e então deixamos que ele nos convidasse para tomar sorvete na avenida principal. Mas, quando finalmente escureceu e paramos na frente do portão da escola, que estava trancado, El a deixou bem claro que dali em diante precisaríamos resolver tudo sozinhos. Ele deu uma de quase pai muito responsável e tentou discutir. No final, porém, aceitou ao saber que dessa vez só iríamos encontrar um fantasma quase um palmo mais baixo que El a.

Sob a luz da lua, o palácio do bispo não parecia em nada com uma escola. Enquanto ajudava El a a escalar o portão de ferro, imaginei Aleister vagando à noite pelos corredores vazios, lembrando o que ele aprontava com professores e alunos mortos há muito tempo.

O campo atrás da escola, onde jogávamos futebol e rúgbi de dia, sem aquele monte de crianças parecia tão deserto quanto a Lua.

— O que você ainda está fazendo aí? — perguntou El a baixinho quando parei ao seu lado no gramado. — Você precisa se esconder rápido!

Eu detestava deixá-la sozinha. A lua desapareceu atrás de uma nuvem, e de repente a noite ficou muito escura. Mas, obviamente, El a estava certa. Então, procurei um esconderijo nos arbustos que

cresciam em frente ao prédio da escola, torcendo para que Aleister a levasse para um lugar onde eu os pudesse seguir sem ser percebido.

Por sorte, o pequeno tratante estava ansioso demais para ver El a e não a

deixou esperando por muito tempo. El a tinha andado de um lado para outro algumas vezes quando surgiu uma forma esmaecida, vinda da parede da escola, em sua direção. Pois é, fantasmas não flutuam, eles andam, mesmo que isso pareça muito estranho, já que caminham alguns centímetros acima do chão.

Eu não conseguia ouvir o que os dois falavam. Só via o corpo pálido de Aleister se aproximar de El a, o que me deu vontade de atirá-lo outra vez pela janela. Quando começaram a se afastar do campo, mal pude me controlar para não sair correndo atrás deles.

Mas permaneci onde estava, como tínhamos combinado, até que ficasse claro para onde Aleister estava levando El a.

O lugar se revelou bem rápido.

Aleister estava indo para a ilha.

Essa palavra pode causar um mal-entendido. A ilha nada mais é do que uma pequena colina que durante as chuvas fica cercada de água e lama do riacho que passa no terreno da escola. Os alunos do primeiro e do segundo ano gostam de brincar de pirata ou de naufrágio ali, então alunos do terceiro ano construíram um dique com galhos e madeira velha para poderem atacá-los. Depois das chuvas das semanas anteriores, esse dique tinha se tornado o único acesso à ilha. Assim que El a atravessou o dique, saí de meu esconderijo.

Fui rastejando sem fazer barulho pelo mato escuro, como eu tinha aprendido depois de anos brincando de esconde-esconde com minha irmã mais nova. No dique, porém, essa missão era quase impossível. Os galhos estalavam alto e eu precisava parar a cada passo, mas El a levantou a voz para disfarçar os sons suspeitos.

Finalmente cheguei à ilha e vi a imagem translúcida de Aleister através dos arbustos.

— Enterrei a urna ali nas pedras — ouvi Aleister dizer. — Na época, isso tudo era muito diferente, mas tenho certeza de que o local é este.

Na época. Claro! Ele não podia desenterrar o coração outra vez, depois de morto, por isso a urna devia estar naquela cova fazia mais de um século, salvo se alguém a tivesse encontrado nesse meio-tempo.

Espiei por entre os arbustos e vi El a tirando uma pazinha do casaco, a mesma que ela levara a Stonehenge. Ela realmente pensava em tudo.

— Como é a urna? — perguntou.

— De chumbo, com símbolos mágicos na tampa. Mas ela é minha, não se esqueça disso!

— Claro! — disse El a, e começou a cavar.

Aleister estava logo atrás dela. Era difícil ficar quieto enquanto ele a observava com seus olhos fantasmagóricos, mas eu tinha prometido que só apareceria quando ela estivesse certa de que o pequeno canalha a levara ao local correto.

“Não mexa com ela, Aleister Jindrich!”, eu pensava. “Não ouse!”

“Ele não pode tocá-la, seu tonto!”, respondia para mim mesmo.

Mas isso não ajudava muito.

— Não estou vendo nada. Tem certeza de que é aqui? — El a perguntou depois de um tempo.

— Absoluta. Tem que ser aqui.

El a enfiou a pá de novo na terra úmida da chuva. Eu tinha a impressão de que ela estava cavando havia horas, até que de repente ouvi uma pancada amortecida. Metal contra metal. El a soltou a pá e pôs a mão no buraco fundo que tinha cavado.

— Posso senti-la! — ela gritou. — Uma urna. Como você falou.

— Está vendo? — Aleister se iluminou orgulhoso no escuro, feito um cogumelo brilhante, como se roubar o coração de um defunto fosse algo de

especial. — E então? — ele ronronou. — Cadê meu beijo?

El a o olhou com desdém.

— Antes preciso ver o coração. E se for só uma lata velha de bolacha?

O rosto pálido de Aleister se encheu de manchas de raiva.

— Isto é, sim, o coração, e você vai me dar um beijo. Agora!

El a se levantou. Continuava mais alta do que ele.

— Ah é? E como vai ser? Você é um fantasma. E, mesmo que você fosse de carne e osso, preferiria beijar um dos sapos da minha avó.

Ele tentou agarrá-la. Mas seus braços atravessaram pelo meio de seu corpo. Também não deu certo quando El a tentou empurrá-lo.

— Deixe-a em paz, seu ladrãozinho morto! — gritei e pulei tão rápido dos arbustos que enfiei o pé no buraco que tinha sido cavado e torci o tornozelo ao tentar tirá-lo, mas ainda assim consegui me pôr na frente de El a, para tentar protegê-la. Ela me olhou tão aliviada que até quebrar o tornozelo teria valido a pena.

— Pegue o coração! — eu disse sem tirar os olhos de Aleister. —

Do canalha cuido eu!

A frase soava muito bem, só que eu não tinha a menor ideia de como faria isso. Sem dúvida, eu deveria ter chamado Longspee.

Mas como poderia me considerar seu escudeiro se não era capaz nem de acabar com um fantasma menor que eu?

Aleister estava da cor de uma laranja embolorada e tremulava de raiva.

— O que *você* está fazendo aqui? — ele gritou. Seus olhos pareciam dois pedaços de carvão em brasa. — Por acaso foi o cavaleiro maldito que mandou você?

— E se tiver sido? — devolvi. — Ainda é o coração dele, não?

— Vou matar você! — grunhiu Aleister. Sua cabeça luzia feito uma abóbora de Hal oween.

— Ah, não vai, não! — respondi com sarcasmo. — Pode acreditar, sei bem do que estou falando. Nos últimos dias passei um bom tempo com tipos iguais a você.

Nesse instante, El a soltou um berro de alegria atrás de mim.

— Peguei, Jon! — gritou.

A urna que trazia nas mãos era de um metal cinza — chumbo, como Aleister dissera — com alguns símbolos em cima. Ao vê-la, me esqueci completamente de Aleister. El a gritou para me avisar quando ele pulou sobre mim, mas era tarde demais. Seu corpo evanescente se misturou ao meu, enchendo meu coração e minha mente com sua raiva e tantas imagens e sons que eu não sabia mais sequer meu nome.

— Solte-o! — ouvi El a berrar.

Senti seus braços ao meu redor, espantando com seu calor o frio de Aleister.

— Jon! — gritava, me devolvendo meu nome. — Jon!

Aleister desapareceu de repente, assim como me atacara, e eu fiquei tremendo, de joelhos, sobre a terra úmida, me sentindo terrivelmente burro, certo de que não era digno de ser escudeiro.

— Eu devia saber! — murmurei, nervoso. — Eu devia ter pulado para o lado, ou cruzado os braços, ou…

— Esqueça! — disse El a, ajudando-me a levantar. — Ele também me pegou desprevenida. Ele é mau, um canalhinha, e espero que a gente nunca mais o veja!

A urna ainda estava lá, onde El a a colocara para poder me ajudar. Parecia um vaso de flores muito velho. El a a pegou e a limpou com o braço.

— Magia negra — disse ao me ver observando os símbolos na tampa da urna. — Mas não precisa se preocupar, Zelda sempre diz que ela só tem efeito se você acreditar. Vamos voltar, o Matt deve estar preocupado com a gente.

Claro que eu já nem me lembrava do Barba. Quando passamos em frente ao palácio do bispo (que, de fato, no escuro não se parece em nada com uma escola), achei ter visto uma chama de raiva tremulando atrás de uma janela. Em minha cabeça, ainda ouvia os ecos de vidro quebrando e sentia Aleister Jindrich cair no vento frio de inverno para a morte.

Até hoje, às vezes me lembro de repente de Aleister, como se tivesse deixado gravada sua impressão digital gordurenta na minha cabeça.

Acreditem. Não é uma sensação nada boa.

18. Vésperas

Quando voltamos para o portão, o Barba estava lá, andando de um lado para outro como um tigre enjaulado.

— Vocês demoraram muito! — reclamou. — Vocês acham que as mães de vocês vão fazer o que comigo quando descobrirem que eu fiquei aqui, obediente, esperando do lado de fora enquanto vocês encontravam um fantasma no meio da noite? E não me venham com essa história de que era um fantasma pequeno!

— Se depender de mim, minha mãe não vai saber de nada —

respondi, pulando o portão. — Além disso, ainda são dez horas.

— É — disse El a, e entregou-me a urna por cima. — Fique tranquilo, Matt. Está tudo sob controle.

Isso era mentira, naturalmente. Mas o Barba não escutou uma palavra do que El a disse, pois só tinha olhos para a urna.

— Vocês… conseguiram? — murmurou.

Fiz um sinal afirmativo e segurei firme a urna contra o peito.

Estava tudo bem. Embora eu ainda me sentisse terrivelmente impregnado de Aleister.

— Precisamos contar para Longspee — eu disse para o Barba. —

Mas é melhor você não esperar aqui. Pode ser que o Aleister tenha nos seguido.

Então, voltei-me com El a em direção à catedral. E o Barba veio atrás de nós. Claro.

Parei.

— O que você está fazendo? Você não pode vir junto! — fiz o maior esforço para não parecer mal-educado. Afinal, em Kilmington ele tentou salvar El a, mesmo que não tenha dado muito certo.

— Ah é? E por que não?

“Porque o Longspee é só meu”, queria responder. Mas sabia como isso soaria infantil.

Sua resposta, porém, não foi melhor:

— Eu só quero ver o Longspee!

— Por quê? Se você quiser ver um fantasma, volte lá e veja o Aleister.

— Ele não é um cavaleiro! — engatou o Barba, ficando tão vermelho que dava para ver no escuro. — Em Kilmington, não pude vê-lo nem por um segundo!

— Mas ele não vai aparecer se você estiver junto.

— Parem com isso! — interrompeu El a, impaciente. — Tanto faz se o Matt vem ou não. Longspee não vai aparecer hoje.

E apontou para as janelas da catedral. Estavam iluminadas, e eu me lembrei de que Angus havia dito alguma coisa sobre os coristas estarem ensaiando

para um concerto. Olhei para a urna decepcionado, mas El a puxou meu braço.

— Vamos contar a ele assim mesmo — disse. — De algum modo, ele nos ouvirá.

Fomos pé ante pé pelo corredor sul para que os coristas não nos vissem. El a e eu estávamos mudos feito pedra, mas o Barba simplesmente não conseguia ficar com o bico fechado.

— Vejam essas colunas! — ele sussurrava. — Vocês sabiam que são curvas no alto porque a torre é pesada demais para ser sustentada?

— Sabemos — respondi sussurrando, mas nada o fazia ficar em silêncio.

— Você também conhece a história de como encontraram o lugar para construir a catedral? — disse para mim em voz baixa.

— Sim, conheço — murmurei, apertando a urna contra o peito. O

túmulo de Longspee surgiu atrás das colunas.

El a me deu um empurrãozinho.

— Vá até lá — soprou. — Ele vai ouvir você com certeza!

Os coristas cantavam como se um coro de anjos tivesse descido dos céus. Ainda era difícil acreditar que aqueles sons vinham da boca de Angus. A imagem de pedra de Longspee jazia tão serena que parecia embalada por eles.

— Espero que você me ouça! — sussurrei. — Acho que encontramos seu coração. Amanhã vamos levá-lo para Lacock, para o túmulo da sua esposa. A urna está lacrada, por isso não abrimos ainda, mas…

Uma voz alta fez eu me calar de modo abrupto.

— Ei, Jon, que diabo está fazendo aqui?

Não tinha percebido que os coristas pararam de cantar. Eles saíam da sala de

ensaio como um bando de passarinhos agitados.

E Angus era o maior e o que falava mais alto. Quando pronunciou meu nome, todos os olhares se voltaram para mim. Fiquei parado lá, segurando a urna contra o peito, desejando apenas que todos desaparecessem.

— Por onde você andou, Whitcroft? — gritou Angus, ignorando o olhar de reprovação do instrutor do coro. Como um cachorrinho agitado, foi abrindo caminho entre os bancos na minha direção. —

Stu e eu já estávamos…

Ele parou de repente ao ver que El a estava atrás de mim.

— Ei, é… — gaguejou e ficou vermelho. — … oi, El a.

— Oi — ela respondeu e o encarou com um olhar tão gélido que quase senti pena dele. Mas Angus nem reparou no olhar. Ele tinha visto a urna.

— O que é isso aí?

— Nada! — respondi, escondendo a urna atrás de mim. E

então… sim, tenho que admitir, o Barba me salvou.

— Olá — ele disse, aparecendo entre as colunas e esticando a mão para Angus. — Jon passou os últimos dias comigo. Sou o futuro padrasto dele. Imagino que você seja um dos seus colegas de quarto.

— Ah, oi — murmurou Angus, lançando um olhar nervoso em minha direção. — Oi, senhor Bar…, quer dizer senhor…

— Littlejohn — disse o Barba, enquanto Angus devia estar se perguntando por que diabos eu chamava de Barba alguém que não tinha um só fio no rosto. — Sou tio de El a e estava mostrando para os dois o meu túmulo preferido aqui na catedral. Esse sarcófago é um dos exemplos mais impressionantes de escultura em pedra medieval.

— É, o Bona… quer dizer, o sr. Rifkin já nos explicou —

murmurou Angus, agora olhando para El a.

O Barba continuou a falar sobre arte medieval e os túmulos da catedral. Ele realmente fazia o melhor que podia, mas eu tinha certeza de que Angus só pensava numa coisa: acordar Stu para contar que havia me visto de novo com El a Littlejohn.

“E então, Jon Whitcroft?”, disse para mim mesmo, enquanto o Barba falava e falava. “Que importa se o Angus contar para o Stu?

Você achou o coração de Longspee!”

Mas, mesmo assim, estava contente de dormir mais aquela noite na casa de Zelda.

19. Abadia de Lacock

Zelda não nos deixou ir para a cama antes de contarmos tudo sobre o corista e o coração de Longspee. Mesmo assim, ela nos mandou para a escola no dia seguinte. Não sem antes nos prometer solenemente que cuidaria da urna e que em caso de necessidade a protegeria com sua muleta.

Escola. Matemática, história, gramática. Tudo aquilo me parecia tão absurdo comparado ao que eu tinha vivido nos últimos dias e noites. Eu queria subir na carteira e gritar: “Vocês não estão vendo?

Já sou praticamente um adulto. Lutei, no corpo de um cavaleiro, contra um assassino na torre de uma igreja! Virei o escudeiro de Wil iam Longspee e encontrei seu coração roubado. O que vocês ainda querem me ensinar depois disso tudo?”.

Mas continuei sentado. Na aula de inglês, jogaram na minha carteira um papelzinho com um desenho malfeito, mostrando El a e eu nos beijando. Passei o dia todo achando que Aleister fosse aparecer para exigir o coração de volta. E ele realmente acabou aparecendo, no banheiro dos meninos. Mas, em vez de falar do coração, ele reclamou, pois desde o nosso encontro estava totalmente confuso e só se preocupava com a lição de matemática ou os aspectos estratégicos das cruzadas de Ricardo Coração de Leão. Achei

surpreendente que nossa fusão tivesse causado esse efeito, pois eu não andava pensado em nada ligado à escola nos últimos dias. Mas não me incomodava que ele estivesse mal, e o aconselhei a desaparecer de uma vez por todas.

Fiz minha lição de casa no banco de trás do carro de Zelda. A viagem de Salisbury até Lacock é longa, e dessa vez o banco do passageiro ficou para a urna com o coração de Wil iam. O lacre havia sido rompido.

— Pensei que era melhor dar uma olhada para ver se o que imaginamos realmente estava lá — disse Zelda diante de meu olhar pasmado. — Acho que a resposta é sim. Pelo menos o conteúdo é parecido com o que eu imaginaria que fosse um coração de oitocentos anos. Mas podem ter certeza: mesmo que estivéssemos levando um sapato velho para Lacock, a única coisa que importa é que Wil iam Longspee pode voltar a acreditar em si mesmo. E isso ele também deve a vocês. E a sua própria coragem.

El a olhou para mim, claramente querendo dizer que estava contente de não estarmos levando nenhum sapato velho para Lacock.

— Você acha que o Longspee vai voltar a ver a esposa? —

sussurrou, enquanto Zelda xingava um caminhoneiro que, segundo ela, dirigia devagar demais. — Você acredita em céu e inferno, Jon?

— Não sei — sussurrei de volta. — Só espero que o Stourton tenha desaparecido no ar ou ido para algum lugar bem longe de mim para sempre! Angus acredita piamente em céu. Eu não sei.

Mas, se ele existir, o problema é saber quem é que entra nele!

— Exato! — sussurrou El a. — Será que a Zelda, por exemplo, entraria?

— Isso eu escutei, El a Littlejohn! — disse Zelda, ultrapassando o caminhão numa velocidade de arrepiar os cabelos. Por um instante tive certeza de que seu pobre e velho carro perderia as quatro rodas depois de um esforço daqueles. — Não, provavelmente não me deixariam entrar. Mas eu não acredito nem em céu nem em inferno.

Antes que eu pudesse perguntar onde, em sua opinião, acabaríamos e se seus sapos teriam o mesmo destino, Zelda entrou no estacionamento da Abadia de Lacock.

Acho que não teria nada contra alguém que enterrasse meu coração na Abadia de Lacock. O lugar dá a impressão de que o caminho para o outro mundo não é muito longe dali, o que quer que seja o outro mundo.

— Tenho uma amiga que trabalha na loja do museu — disse Zelda, mancando no estacionamento. (Ela continuava se recusando terminantemente a usar as muletas para outra coisa que não fosse lutar contra fantasmas.) — Margaret e eu estudamos juntas na

escola. Ela se casou com um idiota, ela mesma não é muito brilhante, mas com certeza vai nos ajudar.

Margaret estava no caixa da loja. Era tão alta e gorda que quatro Zeldas caberiam em seu vestido. Seus olhos azuis eram um pouco saltados, o que dava a impressão de ela estar sempre surpresa com alguma coisa. Zelda perguntou dos netos e pagou os bilhetes de entrada, mas depois foi direto ao assunto.

— Preste atenção, Margaret! — falou baixinho, apoiando-se no balcão. — Preciso de sua ajuda. Temos que enterrar algo no túmulo de Ela von Salisbury.

Os olhos de Margaret quase saltaram da cara.

— Que loucura é essa, Zelda? — sussurrou, olhando nervosa para a colega que abastecia a vitrine com cartões-postais. — Já me conformei com os sapos pulando no meu pé quando vou tomar chá na sua casa, mas você não pode nem sonhar em me pedir uma coisa dessas!

— Céus, Margaret, não lhe peço nada desde quando eu deixava você copiar minha lição na escola! — devolveu Zelda, em voz baixa.

— Por isso não fique assim. Você com certeza sabe que Ela von Salisbury teria enterrado o coração do marido aqui, não?

— Ela não trouxe para cá também o coração do filho? Você sabe, o pobre rapaz que foi despedaçado em Jerusalém… ou esse foi outro?

Zelda balançou a cabeça, impaciente.

— Sei lá. As pessoas gostavam desse negócio de enterrar coração. Mas não, estou falando apenas do coração do marido dela.

— Zelda se debruçou no balcão. — Ela enterrou o coração errado, Margaret! O assassino de Wil iam Longspee roubou o coração dele e enganou sua esposa, dando-lhe o coração de um empregado!

Margaret apertou a mão contra o peito, como se tivesse medo de que alguém pudesse lhe determinar destino semelhante:

— Não! Mas isso é terrível!

— Fique tranquila! — cochichou Zelda. — Nós trouxemos o coração certo. Mostre-nos onde é o túmulo de Ela e nós faremos o resto!

Margaret reparou na sacolinha de plástico que El a tinha na mão.

— Está aí dentro? — sussurrou.

El a franziu a testa e concordou.

Margaret ficou sem ar e, por um momento, pensei que seus olhos fossem mesmo saltar da cara.

— Mas, vejam, não há túmulo! — anunciou. — Só existe uma lápide nas arcadas, e nem sei se ela está mesmo lá!

El a e eu trocamos um olhar de preocupação, mas Zelda não se abalou por esse mero detalhe.

— E daí? — murmurou. — Então vamos enterrar o coração o mais perto possível da lápide. Você não acha que estaria bem assim para Longspee, Jon?

— Longspee? — Margaret pousou sobre mim os pasmos olhos azulados.

— Wil iam Longspee, o marido de Ela — explicou Zelda. — E não fique me olhando com essa cara de tonta, Margaret. Quem você acha que nos contou sobre o coração roubado senão o fantasma de Longspee?

Isso desconcertou definitivamente a pobrezinha. Zelda precisou usar todo o seu poder de convencimento para fazer Margaret deixar o balcão e nos levar até a abadia.

A Abadia de Lacock fica recuada na calçada, como se tentasse se esconder de um mundo no qual os visitantes não chegavam mais a cavalo, como na época de Ela Longspee. Margaret contou que a abadia não era habitada pelas freiras desde que Henrique vi i mandara fechar todos os conventos. Mas eu tinha a impressão de ver a mulher de Longspee atrás das janelas, como se estivesse esperando todos os séculos por seu coração.

— Você está de brincadeira comigo de novo, Zelda Littlejohn! —

afirmou Margaret em voz baixa, enquanto seguíamos um casal de turistas ao longo do caminho que levava ao claustro. — Igual a quando éramos pequenas e você queria me convencer de que havia fadas no seu jardim!

— Admito, a história das fadas era mentira mesmo — respondeu Zelda. — Mas todo o resto era a mais pura verdade.

Por um instante, Margaret pareceu muito desapontada, como se de fato esperasse algum dia descobrir uma fada no jardim de Zelda.

Mas ela superou rápido a decepção.

— Dois guardas — ela disse abaixando a voz — juram ter visto o fantasma de Ela von Salisbury no claustro!

El a e eu trocamos rapidamente um olhar, mas Zelda não parecia nada surpresa.

— É, também já ouvi isso — disse.

— Quê? Por que você não nos contou? — perguntei, espantado.

— Porque não passa de boato, Jon Whitcroft — devolveu Zelda.

— Você é capaz de imaginar quantas pessoas pensam ver fantasmas? Só nesta abadia já foram vistas dúzias, inclusive o de Henrique vi i e três de suas esposas, duas delas, é claro, carregando a própria cabeça nos braços!

— Mas talvez… — sussurrei —, talvez Ela esteja esperando por Wil iam!

— Esperando? — Margaret esticou os olhos para a sacola de plástico em que estava a urna. — Céus!

Zelda olhou para ela irritada.

— Talvez sim — disse —, talvez não, ou talvez os guardas tenham apenas visto o fantasma de uma freira infeliz que morreu aqui de peste! Muitas mulheres morreram aqui nesta abadia, não só Ela von Salisbury.

— Mas Longspee… — comecei.

El a imediatamente pôs a mão no meu braço.

— Vamos achar o túmulo, primeiro, Jon — ela disse. E, naturalmente, ela tinha razão, como sempre.

Mas era como Margaret tinha dito: Ela Longspee não tinha túmulo. No claustro, havia somente uma lápide com seu nome. El a e eu olhávamos inconformados para os ladrilhos no chão ao redor da placa.

— Bem! — disse Zelda, franzindo a testa. — Certamente não poderá ser aqui, mas — olhou para gramado no centro do claustro

— tenho certeza de que Longspee gostaria que fosse lá.

Margaret olhou para Zelda alarmada.

— Não se preocupe — Zelda cochichou. — Vamos esperar aqui até a abadia fechar. O que você acha? Onde é melhor nos escondermos para que os guardas não nos vejam?

Obviamente todos os Littlejohn amavam a ideia de ficar trancados em lugares públicos. Catedrais, abadias… Eu só imaginava o que

ainda estava por vir.

Mas Margaret cruzou os braços enormes e, enérgica, balançou a cabeça.

— Zelda! — ela começou, mas logo ficou em silêncio, até que um grupo de turistas russos passasse por nós. — Você ainda se comporta do mesmo jeito, como se fosse uma criança de dez anos!

— disse para Zelda em voz baixa, quando os russos desapareceram numa câmara lateral. — Lembra o que aconteceu quando você me convenceu a deixá-la entrar no laboratório de química? Fui eu que levei a culpa. Não!

— Então — respondeu Zelda com um sorriso doce feito marzipã

— o Jon vai ter que acabar contando para o fantasma de Longspee que você não quis ajudar. Não nos culpe se ele resolver lhe fazer uma visitinha. Você já viu fantasma, não é mesmo? Pode ser meio assustador, e Longspee não é o tipo mais pacífico, como Jon pode confirmar. Mas tenho certeza de que ele não vai fazer nenhum mal a você.

Margaret me olhou espantada.

— É… — murmurei. — Ele pode ficar bem bravo. E ele tem uma espada.

Margaret apertou os lábios.

Está bem, Zelda! — sussurrou, por fim. — Mas só vou ajudar vocês porque sempre admirei Ela von Salisbury. É terrível pensar que talvez ela tenha assombrado este lugar por tantos séculos porque alguém lhe deu o coração errado!

Diante de tanto sentimentalismo, Zelda virou os olhos. Nisso, El a puxou a avó. Mas Margaret felizmente não viu. A câmara aonde nos levou era pouco mais do que um buraco escuro. Nem mesmo os turistas mais curiosos entrariam ali.

— Você tem certeza de que não é melhor as crianças virem comigo, Zelda? — ela perguntou antes de nos deixar sozinhos. —

Mesmo sem fantasmas, eu já morreria de medo de ficar aqui!

— Não, obrigada — respondeu El a no lugar de Zelda. — Jon e eu já estivemos em lugares muito piores à noite.

O jeito como Margaret olhou para Zelda claramente indicava dúvida quanto às suas qualidades de avó. Mas em resposta Zelda

apenas colocou seus braços sobre nossos ombros e devolveu um sorriso largo.

— El a tem razão — disse. — Estes dois sabem mais sobre fantasmas do que eu!

Essa afirmação enfim levou Margaret de volta ao balcão da loja.

Quando o sol se pôs, nosso esconderijo ficou escuro como um túmulo. Mas quando voltamos para o claustro, sob a luz das lanternas, a Abadia de Lacock era nossa. Não havia turistas, guias ou vivalma, além de alguns ratos e pássaros (e aranhas, El a acrescentaria, pois sempre tinha mais medo de aranhas do que de cães).

— Bom. Hora de começar os trabalhos. Acho que vocês preferem fazer isso sozinhos — disse Zelda quando chegamos em frente à lápide de Ela. Entregou-me a pá que estava escondida no casaco.

Os Littlejohn, obviamente, sempre carregam pás e lanternas. —

Enquanto isso, vou dar uma volta no jardim. Imagino que os únicos fantasmas aqui são os das freiras, e em geral são almas pacíficas.

E saiu mancando. El a e eu pulamos o muro baixo que separava as arcadas do gramado. As chuvas das últimas semanas tinham deixado a terra bem úmida, mas mesmo assim precisei de bastante tempo para cavar um buraco que fosse fundo o suficiente.

— Aqui está, Ela Longspee! — sussurrou El a, depositando a urna no buraco. — Realmente sinto muito que você tenha esperado tanto pelo coração certo!

Fizemos o melhor que podíamos para recolocar a grama exatamente como a encontramos. Então colocamos a terra que sobrou na sacolinha de plástico e pulamos o muro de volta. A lua no céu parecia uma moeda de prata. Já estávamos outra vez entre os pilares quando El a pegou minha mão.

Havia uma mulher do outro lado do pátio. Dava para ver tão bem os pilares através de seu corpo que pareciam fazer parte dela.

— Jon, é ela! — sussurrou El a. — Você está vendo? Ela estava esperando. Sabia que tinham enterrado o coração errado!

— E como você sabe que é a Ela do Wil iam? — respondi também sussurrando. — Você ouviu o que a Zelda disse. Pode ser uma freira.

Eu já estava tão acostumado a ver fantasmas que sua figura branca não me fazia tremer mais do que se visse pombas aninhadas, dormindo no telhado da abadia.

— Claro que é ela! — insistiu El a, impaciente. — Chame Longspee, se você não acredita em mim. Ande!

El a pode ser muito convincente, mas eu ainda hesitava. Não queria que Longspee aparecesse para encontrar uma estranha. Mas quando a mulher começou a andar em direção ao lugar onde tínhamos enterrado o coração, apertei a marca do leão da minha pele. Então me escondi com El a atrás de um pilar e esperei.

Wil iam apareceu exatamente onde havíamos enterrado a urna. O

contorno de seu corpo se projetava na noite como se fosse feito pela lua. A figura pálida de mulher parou diante dele. Eles apenas ficaram ali, sombras esvanecidas de pessoas que outrora existiram.

Já não eram jovens quando morreram. Ela era o fantasma de uma mulher velha. Mas, quando Wil iam e ela se olharam, tornaram-se jovens outra vez,

como se a luz da lua lavasse os séculos de seus rostos.

Longspee esticou a mão e quando Ela fez o mesmo seus dedos se fundiram.

Ao vê-los, meu coração bateu forte como se fosse de novo o coração de Longspee, e de repente ele se virou e olhou na direção do pilar em que estávamos escondidos.

El a me deu um empurrão e eu fui andando aos tropeços, sob a luz da lua. Nunca vou me esquecer do modo como ele me olhou.

Apertou o punho contra o peito, em que muito tempo atrás batia seu coração, e eu o imitei. Tenho certeza de que devo ter parecido um idiota, mas todos ficamos assim quando estamos felizes. Menos Longspee. Ele ficava fabuloso feliz.

Eu não podia desviar os olhos dele, mas El a puxou meu braço e me levou. Quando olhei de novo, a figura de Wil iam se fundia com a de sua esposa, e eu não sabia se queria rir ou chorar.

Encontramos Zelda sentada num banco diante da abadia. Ela olhou ao redor assim que ouviu nossos passos.

— E então? — perguntou.

— Tudo certo — disse El a, e esvaziou a sacola com a terra que tínhamos escavado para enterrar o coração de Longspee. — Era a

Ela do Wil iam, então Jon o evocou.

— Bem, isso é o que se pode chamar de um final feliz — disse Zelda. Mas ao notar que eu continuava olhando comovido para a abadia, levantou-se e pousou sua mãozinha magra em meu ombro.

Acho que em outra vida Zelda deve ter sido um passarinho. Um passarinho bem pequenininho.

— Você não gosta muito desse final, não é, Jon? — perguntou em voz baixa.

Engoli em seco. Eu me sentia tão bobo.

— Bem… você sabe… o que acontece agora? — murmurei. —

Quero dizer… ele vai…

— … embora com ela? — Zelda concluiu a pergunta. — E, se for, para onde? Quem sabe? Nunca entendi por que alguns fantasmas desaparecem um dia e outros não. Talvez só descubra quando eu mesma virar fantasma. O que espero não acontecer! — completou, apoiando-se em El a e em mim. — Eu preferiria apenas morrer e pronto. Mas agora preciso ir para a cama. Este pé está me matando.

Queria arrancá-lo fora.

E foi isso.

El a e eu não trocamos uma palavra na viagem de volta, mas era uma sensação boa tê-la sentada ao meu lado.

20. Amigos

Eram dez e dez da noite quando Zelda me deixou na casa dos Popplewel .

— Até amanhã — disse El a, mas só consegui fazer um aceno cansado com a cabeça. Sim, eu sabia que deveria estar feliz, mas meu coração pesava mais do que chumbo quando desci do carro e olhei para a catedral, sabendo que provavelmente não encontraria mais Longspee lá.

Zelda perguntou se eu queria dormir na casa dela de novo, mas achei que já era hora de voltar para Stu e Angus, e Zelda tinha dito aos Popplewel que eu chegaria tarde outra vez.

Alma fez uma cara feia quando abri a porta.

— Jon! — disse, subindo as escadas comigo. — Não dá para continuar assim. Estou contente que você tenha se tornado próximo dos Littlejohn, mas você ainda é um aluno do internato e…

— Não vai acontecer de novo! — eu disse, interrompendo-a. —

Não mesmo.

Entrei tão devagarinho no quarto que nem eu próprio me ouvia, mas, assim que puxei a coberta até o queixo, uma luz de lanterna iluminou meu rosto. Stu olhava para mim da cabeceira de sua cama.

— E aí? — perguntou. — Onde você estava dessa vez? Angus achou que El a tinha dado a você uma das poções de amor da avó.

Mas apostei com ele todo o nosso estoque de doces que havia alguma outra coisa por trás dos seus passeios noturnos. Você escolhe: pode contar tudo o que aconteceu de livre e espontânea vontade, ou o Angus vai fazer cócegas em você até descobrir a verdade. Você sabe, ele é bom nisso, mesmo que pareça um anjinho cantando.

— Anjinho? — disse Angus.

Mas ele não precisou usar suas técnicas de interrogatório. Contei tudo a eles. Sobre Stourton, sobre Longspee e seu coração, sobre o fantasma do corista e sobre Lacock. Eu não sabia se queria mesmo contar tudo para eles, mas acabei contando.

Durante a narrativa, Stu acendia e apagava a lanterna como um farol, e Angus murmurou várias vezes “uau!” e “incrível!”. Mas eles acreditaram em mim.

— Está vendo, Angus? — disse Stu, quando terminei. — Nada de poção de amor. Seu corvo de pelúcia é meu.

— O quê? Você apostou que o tio de El a era um assassino por encomenda!

— E daí? Ele é um caçador de fantasmas! É quase a mesma coisa.

— Não, ele é dentista, Stu — eu disse.

— Ah é? Então por que ele tirou a barba?

Stu não desistia fácil e era claro que ele achava muito mais interessante sua

teoria do assassino por encomenda do que um bando de fantasmas assassinos. Angus, ao contrário, ficou um tempo quieto. Até que ele desceu da cama e pegou a calça que estava no chão.

— Certo, então vamos até a catedral — ele disse, vestindo o pulôver. — Talvez ele ainda esteja lá. Eu quero vê-lo, mesmo que seja a última coisa que eu veja!

— Angus! O Longspee foi embora! — respondi.

Será que eu já disse o quanto Angus pode ser teimoso?

Ele não se deixava convencer nem por mim nem por Stu, que não estava nada entusiasmado com a ideia de ir até a catedral sorrateiramente no meio da noite.

Quando encontramos a porta debaixo trancada e sem a chave (os Popplewel deviam estar desconfiados de alguma coisa), Angus sugeriu pular uma janela do primeiro andar. Por sorte, não era muito alta, mas, bem quando eu já estava sentado no parapeito, Stu teve a ótima ideia de contar que Edward Popplewel dormia com uma espingarda ao lado da cama e que seis meses antes tinha atirado num gato no telhado, achando que fosse um ladrão. Angus contestou, dizendo que aquilo era bobagem, mas ainda assim fiquei

contente de ver a janela dos Popplewel escura durante nossa descida.

Entramos na catedral sem precisar escalar nada. Jurei solenemente para o Angus que nunca contaria como ele conseguiu nos colocar lá dentro, e vou manter minha promessa. Como corista, naturalmente Angus já tinha estado na catedral à noite várias vezes, mas nem Stu nem ele jamais haviam entrado lá quando ela estava escura e deserta, a não ser pelos mortos. O silêncio entre aquelas velhas paredes era tão completo que parecia expirado pelas pedras.

Ouvíamos apenas o som de nossos passos, enquanto a lanterna de Stu desenhava um rastro fino de luz nos ladrilhos de pedra. Por um instante pensei ter visto uma mulher velha entre as colunas.

— É este aqui, certo? — sussurrou Angus, quando chegamos ao túmulo de

Longspee.

Concordei. Ainda estava certo de que Wil iam tinha ido embora.

Partido com Ela para onde se deve ir depois de passar séculos como fantasma. E repeti para mim mil vezes que era melhor assim, ainda que eu já sentisse tanta falta dele que até dava um aperto no peito.

— E então, como você o chama? — perguntou Angus, enquanto Stu olhava para a figura de pedra de Longspee, inquieto como um coelho observando o cano da espingarda de Edward Popplewel .

— Você chama o nome dele — respondi — e diz que precisa de ajuda.

“Por favor”, eu me ouvia outra vez sussurrando. “Por favor, Wil iam Longspee. Me ajude!” Parecia que fazia anos que eu havia dito essas palavras.

Angus e Stu olhavam para a face de pedra de Longspee, sem dar um pio.

— Parece que ele cumpre seu juramento seriamente —

murmurou então Angus. — Talvez ele fique bravo se alguém o chamar sem precisar de ajuda.

— Provavelmente — soprou Stu. — Acho melhor a gente voltar.

Alma sempre faz uma ronda pouco antes da meia-noite. E se ela descobrir que a gente saiu?

“Ela vai colocar a culpa em mim”, pensei. “Em quem mais?

Whitcroft, o andarilho noturno.”

— Podemos tentar evocar outra pessoa — disse Angus, virando-se e olhando para os outros túmulos.

— Acho que não é uma boa ideia — eu disse. — Stu tem razão.

Vamos voltar.

Mas Angus não me ouvia.

— E se for aquele ali? — perguntou, apontando para o túmulo de sir John Cheney. Como eu disse, Angus é muito teimoso quando enfia alguma coisa em sua cabeça de escocês. E ele estava decidido a ver um fantasma naquela noite.

— Bonapart falou de Cheney para a gente — disse Angus. — Ele era guarda-costas real do Edward de alguma coisa e porta-bandeira de Henrique vi durante a batalha de Bosworth.

Stu olhou para mim assustado.

— Henrique vi ? — disse, tentando desviar a atenção de Angus.

— Ele não foi encontrado morto num espinheiral?

— Não, esse foi Ricardo i i — ele disse e foi andando em direção ao sarcófago de Cheney. — Também era chamado de Cheney, *o Gigante* — murmurou em tom de reverência.

— O gigante? — disse Stu em voz baixa. — Por quê?

— Mediram os ossos de seu esqueleto — Angus respondeu —, e constataram que ele devia ter mais de dois metros de altura!

Naquela época isso era muito alto.

Para alguém do tamanho de Stu também era.

— Não acho que esse seja um bom motivo para evocá-lo! —

disse e tentou puxar o Angus para longe do sarcófago. — Vamos.

Se você quer evocar um fantasma a qualquer custo, que seja pelo menos um do nosso tamanho! Bonapart falou dessas crianças que eram bispos por um dia…

— Não! — disse Angus, e o empurrou. — Não quero ver um fantasma qualquer. Precisa ser um cavaleiro! — pigarreou e pôs a mão sobre o peito de mármore de Cheney. — Aham. Oi. Quero dizer, por favor, Sir Cheney…

— El e só vai aparecer se você colocar algumas moedas na testa dele — disse uma voz atrás de nós.

Angus e Stu ficaram tão brancos quanto o rosto de pedra de Cheney. Mas eu reconheci a voz e fiquei meio zonzo de felicidade.

Longspee estava ao lado de seu sarcófago, brilhando como se todas as velas da catedral houvessem emprestado sua luz a ele. Eu nunca o tinha visto tão nítido. Ele parecia feliz, simplesmente feliz.

— Você queria que eles me vissem, não é mesmo, Jon? — ele perguntou, deixando Angus e Stu com a boca e os olhos tão arregalados como as carrancas lá de fora.

— Sim, isso mesmo! — murmurei. Eu tinha certeza de que nunca mais o veria. Meu coração transbordava de alegria. — Por que você ainda está aqui?

— Porque você talvez não seja o último a precisar da minha ajuda

— respondeu.

— Mas, e Ela?

— Agora que você lhe entregou meu coração, ela pode me chamar sempre. — Longspee voltou-se para Angus e Stu. E riu quando os dois deram um passo para trás. — Se vocês têm medo de mim, talvez seja melhor nem chamar Cheney — disse. — Ele pode ser um tanto cruel.

Stu abriu a boca, mas não pronunciou nenhum som.

Angus, por sua vez, saiu-se surpreendentemente bem para uma primeira conversa com um fantasma.

— Puxa, não tenho nenhuma moeda — murmurou.

— Mas há outro jeito de chamar esse cavaleiro — disse Longspee. — Tem certeza de que quer mesmo chamá-lo?

Stu imediatamente fez sinal negativo com a cabeça, mas Angus assentiu com convicção, e Longspee foi andando em direção ao túmulo de Cheney.

Todos recuamos um pouco quando ele puxou sua espada.

Longspee a enfiou fundo no peito de mármore, e da sepultura veio um palavrão tão feio que, na escola, nos teriam condenado no mínimo a doze horas de castigo na biblioteca.

— Longspee, seu maldito! Cachorro safado! — suas palavras ecoavam na catedral. Por um instante, a imagem de alabastro de Cheney pareceu se erguer. Mas era apenas o fantasma que saía da pedra. Da base de mármore, ele saiu balançando as pernas e foi andando, com o corpo tenso, para o lado de Longspee. Era quase um palmo mais alto.

— O que houve, seu bastardo real? — rosnou, jogando para trás o cabelo comprido, tão prateado quanto o resto dele. — Por acaso está acontecendo alguma batalha no claustro? Por que você me acordou assim, afinal de contas?

— Não esta noite — respondeu Wil iam. — Gostaria de lhe apresentar os amigos do meu escudeiro.

Stu colocou-se ao lado de Angus quando Cheney se voltou para nós.

— Seu escudeiro? — ele perguntou, coçando o pescoço largo.

Até os fantasmas se coçam vez ou outra. — Qual deles?

— Eu, Jon Whitcroft — disse levantando a mão. “Hartgil pelo lado materno”, quase acrescentei, ao me posicionar ao lado de Longspee. Mas o fantasma para quem isso significava alguma coisa já estava acabado e esquecido.

Cheney me inspecionou da cabeça aos pés e bateu o punho no peito de Wil iam.

— Então quer dizer que você tem um escudeiro e eu não?

— Eu poderia ser seu escudeiro… Sir! — disse Angus em voz alta, e quis se aproximar dele com tanta ansiedade que tropeçou no próprio pé.

Cheney limpou o nariz com sua mão branca e lançou um olhar de desprezo para Angus.

— Você? Você está me parecendo mais um escocês! —

constatou num tom depreciativo. — E todo mundo sabe que os escoceses são insubordinados demais para serem bons escudeiros.

Por outro lado — disse, olhando para o Stu —, provavelmente você é melhor do que esse seu amigo aí. Ele é tão magrela que poderia servir no máximo como lança.

— Muito engraçado! — respondeu Stu com uma voz nitidamente ofendida. Estava claro que a raiva o fizera esquecer o medo. — Pelo que eu ouvi de Jon, tipos como você mal conseguem levantar uma pena, nem vamos falar em lança!

— Acho que você está precisando aprender a respeitar os mais velhos, seu rato magricela! — rosnou Cheney, dando um passo ameaçador na direção de Stu, mas Longspee entrou na frente.

— Volte a dormir, John! — ele disse. — Seu humor é realmente abominável quando você acorda antes da meia-noite.

Em resposta, Cheney deu um bocejo tão grande que deu para ver toda a catedral através de sua boca.

— Vocês são os únicos fantasmas aqui? — perguntou Angus, que pelo visto continuava simpático ao gigante, apesar do comentário sobre os escoceses.

— Não — respondeu Longspee. — Esta catedral é a morada de muitos fantasmas, mas a maioria só convive entre si.

— E passam a maior parte do tempo gemendo — confirmou Cheney, com

desdém. — Vou voltar a dormir. Espero que da próxima vez eu seja acordado por alguém que possa pagar adequadamente pela aparição de um cavaleiro!

Angus ficou olhando para o caixão de Cheney com ar melancólico, como um cachorro olharia para o túmulo do dono, até que seu fantasma despareceu novamente. Eu só tinha olhos para Longspee, cuja figura também começava a evanescer.

— Espere! — gritei para ele. — Como faço para ver você outra vez?

— Você é meu escudeiro, Jon Whitcroft — ele respondeu. —

Pode me chamar sempre. E eu a você.

Isso é verdade até hoje. Nunca o deixei na mão, e ele também nunca falhou comigo. Ainda tenho a marca do leão gravada na pele.

Naquela noite, talvez a lua cheia não tenha deixado todos os fantasmas da catedral dormirem em paz. Num dos claustros, encontramos o aprendiz de pedreiro sobre o qual El a tinha falado.

Ele não era muito mais velho que eu, mas estava envolvido numa tristeza tão grande que pensamos que fosse uma sombra. Stu então anunciou que já tinha visto fantasmas demais por uma noite.

Não chegamos a ver a espingarda de Edward Popplewel quando escalamos de volta a janela do primeiro andar. Até hoje não sei se aquela história foi invenção do Stu. Já era bem mais de meia-noite, mas o sono não vinha. Então ficamos jogando cartas na cama de Stu, à luz de nossas lanternas. Acho que não queríamos que essa noite terminasse, pois todos sabíamos que a memória do que víramos se apagaria à luz do dia, como a figura de Longspee.

21. Um bom lugar

Três dias depois, mamãe chegou a Salisbury. Enquanto escovava os dentes de manhã, eu tentava pôr na cara outra vez a expressão casmurra que sabia fazer tão bem. Mas de repente foi como se eu visse no espelho o rosto sempre contrariado de Aleister Jindrich.

“É, Jon Whitcroft, você precisa admitir!”, sussurrei para o meu reflexo, mesmo recebendo um olhar irritado de Stu, que estava ao meu lado tentando tirar uma de suas tatuagens da pele. “Você gosta daqui, apesar de quase ter sido estraçalhado por cães demoníacos e por pouco não ter caído da torre de uma igreja.”

Claro que não pretendia contar isso para mamãe.

Ela foi me buscar na saída da escola e me levou ao café do mercado, onde havia um bolo tão bom que às vezes Angus falava dele dormindo. Mamãe estava tão nervosa quanto eu. Eu podia perceber pelo modo como ela segurava as alças da bolsa que tinha ganhado de presente do Barba no dia do noivado. Como prometido, tinha vindo sem ele, mas não pôde evitar de me beijar e me abraçar na frente do Angus e do Stu. Por sorte, ambos também tinham mãe e agiram como amigos de verdade, fingindo não terem visto nada.

Quando atravessamos o portão da escola, vi El a com duas de suas amigas mais à frente na rua, mas não me atrevi a chamá-la porque as amigas eram terríveis fofoqueiras. “El a, gostaria de lhe apresentar minha mãe” teria rendido material para cochichos e segredinhos semanas a fio. Mesmo assim, fiquei olhando para ela.

O cabelo escuro caía sobre suas costas, igual ao véu de Ela von Salisbury em Lacock.

— O que foi? — mamãe pôs a mão no meu ombro.

— Nada — murmurei, vendo El a desaparecer no fim da rua entre as árvores. Eu já havia contado que Longspee não tinha

desaparecido da catedral, e adoraria caminhar com ela, voltar pelo pasto das ovelhas na casa de Zelda, falando de tudo e de nada.

Não existe ninguém melhor que El a para isso.

— Nada? — disse mamãe. — Dá para ver que você está pensando em alguma coisa.

Opa! A coisa estava começando a ficar difícil. Sobre o que eu deveria conversar com ela? Sobre a escola? Sobre os professores?

Não é nada fácil conversar com alguém quando não podemos falar das coisas de que mais gostamos. Mas eu ainda estava decidido a não contar para mamãe sobre Stourton nem sobre Longspee.

— Jon? — ela começou. Quando falava assim, queria dizer alguma coisa séria de verdade. — Vim aqui para ter uma conversa com você.

Ah não.

— Mãe! — disse, interrompendo-a rapidamente. — Não precisamos conversar. Não mesmo.

Isso a deixou num silêncio constrangedor ao logo de toda a avenida principal. A única exceção foi uma curta digressão sobre minha irmã mais nova que havia levado para casa um passarinho com a pata quebrada.

O café no mercado estava cheio, então subimos a escada para o primeiro andar, onde só havia algumas senhoras bebericando seu chá. Elas nos olhavam curiosas enquanto nos sentamos numa mesa perto da janela. Eu comia minha segunda bomba de chocolate quando minha mãe pigarreou e começou a dar nós em seu guardanapo (o que é realmente uma arte em se tratando de um guardanapo de papel).

— Jon? — ela recomeçou. — Estou aqui para dizer que você pode voltar para casa.

Engasguei com a Coca-Cola. Eu sei. Foi a maior vergonha. Toda aquela espuma escorrendo pelo nariz, a mamãe batendo nas minhas costas em pânico. Assim que consegui respirar novamente, ela me contou orgulhosa que já havia inclusive conversado com o diretor da escola. Eu tinha ganhado. Eu tinha realmente ganhado.

Mas a única coisa em que eu conseguia pensar era que isso seria o fim de El a, de Angus e de Stu. O fim dos sapos no jardim de Zelda, do cheiro de sabonete de lavanda de Alma. O fim dos Popplewel ,

do palácio do bispo, dos trajes de corista no corredor da escola, do bom dia matinal de Tinkerbel (“Oi, Jon, o dia não está lindo hoje?”).

Tinha certeza de que sentiria falta até do Bonapart e do Aleister, sem falar do Longspee.

— … e, seja como for — continuei a ouvir mamãe falar —, você provavelmente vai gostar de saber que já não tenho certeza de que o Matthew seja o homem certo para mim.

— O quê? — olhei para mamãe tão pasmo que ela ficou vermelha como a toalha da mesa.

— Ele… alguns dias atrás, ele foi visitar a mãe. Só a encontrei uma vez. Ela não é uma pessoa lá muito normal. Acho que não contei a você que ela tem sapos em casa. De todo jeito… Matthew foi visitá-la por causa de algum motivo familiar e, desde que voltou, tem se comportado estranhamente. Ele tirou a barba, o que achei bom, pois nunca gostei dela mesmo. Mas ele me faz as perguntas mais esquisitas! Se eu acredito em fantasmas, o que acho de cavaleiros e se… — tomou um gole rápido de café — … se depois que ele morrer eu enterraria o coração dele em nosso jardim. Eu…

eu sei que você nunca gostou dele, e acho que deveria ter lhe perguntado por quê. Bem, não vou mais me casar com ele.

Ela tinha lágrimas nos olhos, e eu sabia que ela esperava alguma manifestação minha de alegria. Em vez disso, fiquei lá sentado, com a bomba nos dedos melados, pensando em como o Barba tinha se comportado no cemitério de Kilmington, escondido com a espingarda de Zelda no meio do mato.

— Acho que essa é uma péssima ideia, mãe — eu me ouvi dizendo. Devia ter mordido a língua!

— O quê? — mamãe enxugou as lágrimas com o guardanapo, borrando a maquiagem. — Você está fazendo graça comigo? —

perguntou, irritada.

— Não, claro que não! — respondi, baixando a voz. (As três senhoras já olhavam em nossa direção.) — E essas perguntas que ele fez… eu… acho que elas são importantes.

Não sabia o que estava acontecendo comigo. Será que Longspee havia despertado de vez meu lado nobre? “Seu idiota! Você pode se livrar do Barba para sempre!”, sussurrava meu lado não tão nobre.

“Então, aproveite!” Mas o lado nobre, muito esperto, respondia: “Ah

é? Isso significa que você também gostaria de se livrar de El a?

Afinal, ele é tio dela!”.

— Perguntas importantes? — disse minha mãe, encarando-me ainda sem acreditar.

“Tema errado, Jon! Vamos lá, mude de assunto.”

— Mãe — eu disse, dando uma mordida considerável na minha bomba, o que não me ajudou nem um pouco a falar. — Na verdade… não quero voltar para casa. Eu gosto daqui. Então por que você não se casa com o Barba e eu vou visitar vocês a cada duas semanas?

— Oh, Jon! — ela murmurou e caiu em lágrimas! Elas jorravam de seus olhos, e uma das senhoras veio até nós oferecer um lencinho (um tanto feio, com pontas rosadas e rosas bordadas). O

modo como me olhava exprimia claramente o que ela pensava de mim e das crianças em geral. Mas minha mãe manchou o bordado rosa com seu rímel preto e começou a rir. Os olhares que as três senhoras trocaram entre si mostravam também o que pensavam de mães que riam.

— Mãe! — segredei por cima da mesa. — Tudo bem! Posso ir todo final de semana, se você quiser!

— Ah, Jon! — ela disse baixinho e limpou em volta dos olhos outra vez. Então, ela se debruçou sobre a mesa, me puxou e me apertou com tanta força que eu achei que nunca mais me soltaria.

Quando finalmente me soltou, parecia bem feliz. Até sorriu para as três senhoras. Devolveu o lencinho sujo de rímel e molhado de lágrimas, descemos para pagar o café dela e minhas bombas de chocolate.

Fazia um dia bonito, mais quente que os outros que eu passara até então em Salisbury, e falamos sobre minhas irmãs, o nosso cachorro e sobre o Barba, que era alérgico aos pelos dele. De repente, já estávamos de volta ao pátio da catedral.

— Venha, vamos entrar na catedral — disse mamãe. — A última vez que estive aqui foi com seu pai.

As arcadas estavam quase vazias e também na igreja não havia quase ninguém. Tínhamos entrado pela porta principal e de repente mamãe parou em frente à tumba de Longspee.

— Seu pai adorava este túmulo — disse. — Ele sabia tudo a respeito deste cavaleiro. Eu ainda me lembro do nome dele…

— Longspee — eu disse. — Wil iam Longspee.

— Isso mesmo! Era esse o nome. Você está aprendendo muita coisa nessa escola, hein? Seu pai era obcecado por ele. Certa vez, me levou a Old Sarum só para me mostrar onde Longspee havia morrido. Sabia que dizem que ele foi envenenado?

— Sei — eu disse. — E ele era muito apaixonado pela mulher.

— Ah é?

— Mãe — perguntei —, alguma vez o papai contou se ele havia encontrado Longspee?

— Encontrado? O que você quer dizer?

Ela olhava para mim sem entender nada. Então não tinha encontrado. Ou ele não contou para ela. Como eu.

— Você acredita em fantasmas, mãe?

Ela percorreu com a vista o rosto de mármore de Longspee, depois todos os outros mortos que dormiam entre as colunas.

— Não — disse ela por fim. — Não acredito. Pois, se fantasmas existissem, seu pai teria aparecido para mim depois de morrer — ela segurou a bolsa. — Oh, por que fui devolver aquele lencinho horrível para a senhora? — murmurou com a voz sufocada em lágrimas. —

Devia saber que ainda precisaria dele!

— É bom que ele não tenha voltado, mãe — disse baixinho, pegando na mão dela. — Isso é sinal de que ele está feliz onde está. Fantasmas não são lá muito felizes, sabia?

Ela olhou para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Desde quando você pensa em fantasmas, Jon? De repente, todo mundo fala de fantasmas! Foi o Matthew que colocou essas ideias na sua cabeça?

— Não! — respondi. — Falamos sobre isso na escola — não era uma sensação boa mentir dentro da catedral, mas eu tinha mesmo a impressão de que minha mãe não aguentaria ouvir a história toda de Stourton e Longspee nesse dia. O Barba e eu só contamos tudo para ela anos mais tarde, e até hoje não tenho certeza se ela acreditou.

— Na escola? — ela perguntou, desconfiada. — Eles ensinam sobre fantasmas? Em que matéria?

— É… inglês — vacilei. — Você sabe, Shakespeare e essas coisas.

— Ah, sim — ela disse —, com certeza. Então apertou minha mão e fez carinho no meu cabelo (o que naturalmente eu achava superconstrangedor aos onze anos). — O que você acha de nos despedirmos do cavaleiro morto e irmos jantar?

— Boa ideia — murmurei, e pensei ter visto Longspee parado entre as colunas com um sorriso no rosto. Algumas semanas depois perguntei a ele se

tinha conhecido um tipo chamado Laurence Whitcroft, uns trinta e cinco anos antes. Mas meu pai nunca tinha chamado Longspee, talvez porque simplesmente já fosse feliz naquela época.

— E seus amigos? — minha mãe perguntou quando andávamos no gramado diante da catedral. — Seus melhores amigos são aqueles que encontramos na frente da escola?

— Angus e Stu? — perguntei. — São. Mas… na verdade, não são.

— E o que isso quer dizer? — minha mãe perguntou.

O pôr do sol iluminava aquelas casas antigas, e me dei conta de que estávamos exatamente onde Stourton tinha me alcançado e onde Bonapart me levantou do chão.

— Meu melhor amigo é uma menina — eu disse. — E você até conhece o tio dela. Inclusive, você vai se casar com ele.

Posfácio e agradecimentos A ideia deste livro surgiu há muitos anos, quando fui visitar meu editor inglês, Barry Cunningham, em Frome e, no caminho, fiz uma parada com minha família em Salisbury.

Ao pisar na catedral, soube de imediato que estava num desses lugares inesquecíveis, que contam uma infinidade de histórias.

Fizemos uma visita com um guia alemão e pela primeira vez ouvi falar de Wil iam Longspee. A semente estava plantada.

Voltei depois para conhecer a Escola da Catedral Salisbury, pois sabia que o garoto que seria meu herói iria estudar lá. Conversei com as crianças sobre histórias de fantasmas, e elas me levaram para um passeio pela escola e por seus lugares favoritos. Conheci a

“ilha” e vi o quadro do corista, cujo fantasma encontramos na capela da escola. A boa vontade de todos foi imensa, e espero sinceramente que professores e alunos da escola da catedral não fiquem aborrecidos por eu ter tomado algumas liberdades na minha história. Definitivamente, o dia a dia

que eles vivem na escola é muito diferente de como descrevi aqui. Não creio que haja alunos que saiam escondidos, como Jon precisa fazer algumas vezes, e também não existe nenhum Bonapart — pelo contrário, os professores são ótimos.

É claro que também visitei o internato. Não há nenhum Popplewel , eles são invenção minha. Também não há fantasmas sob as janelas. Mas, se algum dia vocês forem a Salisbury, espero que possam encontrar muitas das coisas que decrevi aqui.

A diretora da catedral, June Osborne — a única mulher a assumir essa função numa catedral da Idade Média em toda a Grã-

Bretanha —, esteve sempre disponível para me ajudar. Pude

admirar seu trabalho ao assistir com meus filhos às vésperas, certa noite, e a uma missa de Páscoa.

Em Kilmington e na Abadia de Lacock encontrei o mesmo clima amistoso e receptivo de Salisbury. Subi na torre onde Wil iam Hartgil se escondeu do lorde Stourton. Vi o porão em que os Hartgil devem ter sido mantidos prisioneiros e segui as pistas de Ela Longspee na Abadia de Lacock.

Algumas palavras sobre a outra El a. Quando meu editor inglês leu o original pela primeira vez, telefonou-me para perguntar como eu havia criado essa maravilhosa personagem. “Eu a roubei”, respondi. Pois El a Littlejohn é na verdade El a Wigram, a filha mais velha de Lionel Wigram, com quem trabalhei anos a fio nos romances da minha trilogia *Reckless*. Em minhas pesquisas, descobri que Wil iam Longspee havia sido casado com uma mulher famosa chamada Ela, então pensei: “Espere, Cornelia! Por que você não cria uma menina chamada El a que faça o cavaleiro lembrar da própria esposa?”. É claro, foi uma coincidência perfeita a filha de Lionel também se chamar El a, e não poderia haver inspiração melhor para minha personagem. El a leu várias versões desta história, e obviamente pedi sua autorização antes de incluí-la no livro.

Há ainda um outro personagem, na narrativa, que foi inspirado na vida real: Wel ington, o cachorro que distrai a atenção de todos em Stonehenge. Ele foi

baseado no fiel companheiro de minha amiga Elinor Bagenal, e também foi consultado antes de ser transformado em personagem de livro.

Uma última observação: visitas guiadas sobre histórias de fantasmas existem mesmo em Salisbury! De que outra maneira eu poderia ter imaginado essa ocupação para a avó de El a?

Este livro nunca teria sido possível sem o imenso apoio que recebi na Inglaterra. Agradeço de coração a todas as pessoas de Salisbury, Kilmington e Lacock que me ajudaram a escrever esta história. Meus agradecimentos especiais a Peter Smith, Tim Tatten Brown e June Osborne, diretora da catedral. Obrigada também a Elinor Bagenal por todo o trabalho de pesquisa e também por ter me apresentado a Wel ington. Agradeço mais uma vez à El a por ter sido um grande modelo para a minha personagem. E, quanto ao

Jon, minha editora americana diz que ele se parece com uma versão jovem do meu agente literário britânico Andrew Nurnberg.

Não foi essa minha intenção, mas pensando bem… é, existe mesmo alguma semelhança!

Saudações cordiais de Los Angeles,

Cornelia

Glossário

Uma **abadia** é um tipo especial de mosteiro. Por exemplo, dependendo do número de monges e freiras que abriga, pode tornar-se abadia. Então, a comunidade monástica elege um tutor, o abade ou a abadessa, que está diretamente abaixo do papa.

Abadia de Lacock é um antigo convento de freiras, do início do século xi i, e fica no vilarejo Lacock. O convento foi fundado por Ela Longspee, em 1229.

Angus MacNisse foi o primeiro bispo de Connor e é considerado o fundador do mosteiro de Kel . A data de seu nascimento é desconhecida. Ele morreu provavelmente em 514.

A **Batalha de Bouvines** aconteceu em 27 de julho de 1214, nas proximidades do vilarejo Bouvines, na França. Nessa batalha, entraram em confronto o exército do rei francês Felipe i e tropas anglo-germânicas sob o comando do imperador Otto iv. Terminou com a vitória dos franceses. Esse resultado teve grande influência no desenvolvimento da França, da Inglaterra e do Sacro Império Romano.

As **cruzadas** aconteceram na Idade Média. Foram sobretudo guerras cristãs, de motivação religiosa e econômica. Em sentido estrito, subentendem-se sete guerras, ocorridas entre 1096 e 1270, contra Estados islâmicos. Depois da primeira cruzada, o uso do termo generalizou-se e passou a incluir as campanhas contra os povos não cristãos, os hereges e as igrejas ortodoxas.

Bastardo é como era chamado, na Idade Média, o filho cujos pais não eram casados. Em geral, eram filhos de homens nobres com mulheres de níveis sociais mais baixos. Essas crianças

permaneciam na classe social da mãe. Elas só podiam ser consideradas sucessoras quando a esposa oficial do nobre não podia ter filhos ou todos os herdeiros haviam morrido.

Cadeiral do coro é como se chamam as fileiras de bancos nas laterais do altar de uma igreja. Em geral, era constituído por cadeiras num nível acima do solo, encerradas numa parede traseira, e usado nas missas. Alguns cadeirais estão em uso até hoje.

Lorde Charles Stourton nasceu em 1521 no condado de Wiltshire, na Inglaterra. Stourton e quatro de seus empregados mataram Wil iam Hartgil e seu filho. Por causa do assassinato, foi condenado à morte e, em março de 1557, executado em praça pública, em Salisbury. Foi enforcado e não decapitado, como seria apropriado no caso. Foi enterrado na catedral de Salisbury.

O **claustro** é um pátio interno, circundado por arcadas, em mosteiros e catedrais. Lugar importante de convívio, era usado para atividades litúrgicas, aulas ou ainda como jardim e cemitério.

Corista é como se denomina o cantor de um coro.

Um **cruzado** é alguém que participou de uma cruzada. A maioria dos cruzados eram monges, cavaleiros e nobres, mas boa parte da população camponesa juntava-se às cruzadas porque o papa ofereceu em troca a perspectiva do fim da servidão. Até criminosos respondiam às convocações, provavelmente para escapar das penas ou em busca de recompensas.

Dólmen é um monumento tumular constituído por grandes blocos de pedra.

Druidas eram os líderes espirituais das sociedades celtas. Segundo escritos antigos, exerciam funções de conselheiro, curavam, previam o futuro e faziam rituais e sacrifícios.

Duque de Wellington é um título hereditário de nobreza inglês. Em 1814 foi concedido a Arthur Wel esley. Ele foi o mais importante chefe militar e homem de estado inglês do período napoleônico. Seu maior êxito foi a vitória sobre Napoleão Bonaparte na batalha de Waterloo. Depois disso, foi primeiro-ministro da Inglaterra por duas vezes.

Ela Longspee nasceu em Amesbury, Inglaterra. A data exata de seu nascimento é desconhecida. Quando era criança, foi sequestrada pela mãe e levada para a França. Foi encontrada por um cavaleiro fantasiado de trovador, que Ricardo Coração de Leão enviara à sua procura. Foi duquesa de Salisbury e casou-se entre 1197 e 1198 com Wil iam Longspee. Depois da morte de Wil iam, fundou a Abadia de Lacock e lá viveu como freira. Em 1241 foi eleita abadessa. Morreu em 1261 e foi sepultada na abadia.

A **Escola da Catedral de Salisbury** encontra-se na catedral de Salisbury, na Inglaterra. Foi fundada em 1091, pelo bispo Osmund em Old Sarum. Cento e cinquenta anos depois, foi transferida para Salisbury. Desde 1947, as aulas acontecem no antigo palácio do bispo, no espaço da catedral.

Um **escudeiro** era um jovem que aprendia a usar armas com um cavaleiro.

Fish and Chips é um prato típico inglês, composto de peixe e batata frita.

Guilherme i i nasceu em 14 de novembro de 1650, em Den Haag, Holanda. A partir de 1672 foi governante dos Países Baixos. Depois da Revolução Gloriosa, sua esposa, Maria i , e ele assumiram a coroa da Inglaterra. A partir

de 1689, regeu a seu lado como rei da Inglaterra. Morreu em 19 de março de 1702, em Kensington.

Hamlet é o príncipe da Dinamarca na tragédia de mesmo nome de Wil iam Shakespeare. Na peça, o fantasma do pai de Hamlet aparece e revela que foi morto por seu irmão Cláudio. Para revelar o verdadeiro assassino e vingar a morte do pai, arma uma emboscada para o tio, mas mata por engano o conselheiro. O filho deste, Laertes, intima Hamlet a um duelo. Hamlet vence; apesar de ferido, golpeia o tio e, por fim, morre também.

Henrique i nasceu em Le Mans, na França, em 5 de março de 1133. Em 1154, foi coroado "rei da Inglaterra" — foi o primeiro a usar esse título no lugar de "rei dos ingleses". Como costumava trajar mantos muito curtos, era conhecido também como "Manto Curto".

Morreu em 6 de julho de 1189, em Chinon, França.

Henrique vi nasceu em 28 de janeiro de 1457, em Wales. Na época, acontecia a Guerra das duas Rosas, disputa pela pela coroa inglesa entre a Casa de Tudor, da qual Henrique descendia, e a Casa de York, à qual pertencia o rei Ricardo i i. Henrique precisou fugir para a Bretanha. Mais tarde, porém, voltou para a Inglaterra com um exército forte e derrotou Ricardo i i na Batalha de Bosworth Field, em 1485. Henrique vi foi rei da Inglaterra de 1485 até sua morte, em 21 de abril de 1509. É considerado o fundador da dinastia dos Tudor.

Henrique vi i, filho de Henrique vi , nasceu em 28 de junho de 1491

em Greenwich. Depois da morte do pai, em 1509, foi coroado rei da Inglaterra. Tornou-se conhecido também por ter se casado seis vezes, o que o levou a romper com a Igreja católica e a fundar uma igreja própria, autonomeando-se autoridade suprema. Morreu em 28

de janeiro de 1547, em Londres.

Hubert de Burgh nasceu em 1165. Foi conde de Kent e primeiro-ministro da Inglaterra e da Irlanda. Foi um dos mais influentes nobres de seu tempo. Morreu em 12 de maio de 1243.

Jaime i nasceu em 14 de outubro de 1633, em Londres, e foi coroado rei da Inglaterra em 23 de abril de 1685. Foi acusado de conduzir o reino de volta ao catolicismo e de estabelecer um governo absolutista. Na Revolução Gloriosa, em 1688, foi deposto por seus opositores. Sua filha Maria i sucedeu ao trono com o marido, Guilherme de Orange. Morreu em 16 de setembro de 1701, em Saint-Germain-en-Laye, França.

João Sem Terra nasceu em 24 de dezembro de 1167, em Oxford.

Foi o filho mais novo de Henrique i e, a partir de 1199, tornou-se rei da Inglaterra. Era chamado de "Sem Terra" porque seu pai lhe deixara apenas territórios pequenos ao dividir a herança. Morreu em 19 de outubro de 1216, em Nottinghamshire.

Lorde John Cheney nasceu em 1447. Foi escudeiro, chefe de cavalaria e capitão da guarda real do rei Eduardo iv da Inglaterra.

Casou-se com a viúva do barão Wil iam Stourton e recebeu o título de lorde Stourton de Stourton. Depois da coroação de Ricardo i i, uniu-se a Henrique vi da Inglaterra e rebelou-se contra o rei. Em

1486, foi nomeado cavaleiro da Ordem da Jarreteira. Depois que a disputa pelo trono terminou em favor de Henrique vi , recebeu o título de lorde Cheney de Falstone Cheney. Esteve no parlamento e foi porta-voz da Câmara dos Comuns. Morreu provavelmente em 1499. Sua efígie pode ser vista na catedral de Salisbury.

Kilmington é um vilarejo na região oeste do condado de Wiltshire, na Inglaterra.

Leonor da Aquitânia nasceu em 1122 em Poitiers, na França. Foi casada com o rei francês Luís vi . Quando o casamento foi anulado, depois de quinze anos, casou-se outra vez. Seu segundo marido foi o rei Henrique i da Inglaterra. Leonor da Aquitânia entrou para a história como rainha de dois países e mãe de dois reis. Foi uma das mulheres mais influentes na Idade Média e protegeu poetas, músicos e artistas. Morreu em 1o de abril de 1204, na Abadia de Fontevrault, na França.

Magna Carta significa “grande carta” em latim. Trata-se de um acordo entre o rei João Sem Terra e a nobreza inglesa que se opunha a ele assinado em 15 de junho de 1215. O documento mantém direitos da nobreza perante o rei e garante a independência da Igreja em relação à coroa. Ainda hoje existem quatro cópias manuscritas da Magna Carta. O exemplar mais bem conservado pertence à biblioteca da catedral de Salisbury.

Napoleão Bonaparte nasceu em 15 de agosto de 1769 na Córsega, ilha francesa localizada no mar Mediterrâneo. Em 1799, planejou um golpe de Estado e assumiu o poder como primeiro cônsul da república francesa, antes de se coroar como imperador em 1804. Lutou em muitas guerras. Depois da derrota na campanha contra a Rússia, em 1814, foi exilado. Voltou ao poder por cem dias até ser finalmente derrotado na batalha de Waterloo, na Bélgica, em 1815. Passou os últimos anos da vida exilado na ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul, onde morreu em 5 de maio de 1821.

Old Sarum é a colônia mais antiga de Salisbury. O lugar já existia provavelmente por volta de 3000 a.C. Localiza-se numa colina, ao norte da cidade moderna.

Ricardo i **Coração de Leão** nasceu em 8 de setembro de 1157 em Oxford. Obrigou o pai, o rei Henrique i , a abdicar e assumiu o trono.

É conhecido como Ricardo Coração de Leão, e muitas lendas o descrevem como um rei sábio e bom. Mas as muitas histórias sobre ele como um herói têm muito pouco a ver com a realidade. Ele gostava de se apresentar como o cavaleiro ideal e suas habilidades militares eram extremamente exageradas. Morreu em 6 de abril de 1199, em Châlus, na França.

Richard Beauchamp viveu na Inglaterra no século xv. Em 1450 foi bispo de Salisbury. Morreu em 1481 e foi enterrado na catedral de Salisbury.

Robin Hood é um herói mítico inglês. Nos documentos mais antigos, é descrito como um bandoleiro perigoso que roubava eclesiásticos e nobres. Mais tarde, passou a ser apresentado sempre de maneira positiva, como defensor da justiça social, que rouba dos ricos para dar aos pobres. Com seu bando, vivia escondido nas florestas de Sherwood e Barnsdale. A lenda de Robin Hood é popular até hoje. Sua existência como figura real não é

comprovada historicamente.

Rúgbi é um tipo de jogo com bola, surgido na Inglaterra. Duas equipes com quinze jogadores disputam uma bola oval. Cada equipe tenta colocá-la no campo adversário. Para isso, a bola não deve ser jogada para a frente, apenas quicada ou carregada.

O **sacristão** é o auxiliar do padre. Ele prepara a missa e toma conta da sacristia; abre e tranca as portas, acende as velas, toca os sinos, entre outras coisas.

Um **sarcófago** é um túmulo feito de pedra. Na Idade Média, reis, nobres e dignitários da Igreja eram enterrados nesse tipo de túmulo.

Pode ser encontrado em catedrais e igrejas.

Salisbury é uma cidade no condado inglês de Wiltshire, no sudeste da Inglaterra. Localiza-se na confluência dos rios Avon e Wiley.

O nome **Stonehenge** vem do inglês arcaico e significa algo como

“pedras suspensas”. Trata-se de uma construção ao norte de Salisbury do período neolítico. É um conjunto de pedras formado por

blocos gigantes e arredondados, organizados em círculo. Na disposição desses círculos de pedra, todos têm o centro no mesmo ponto, divergindo apenas quanto ao raio. Sempre houve muitas lendas sobre a origem de Stonehenge. Por exemplo, corria o mito de que o mago Merlin usou magia para trazer as pedras da Irlanda.

O nome **Stourhead** se refere a uma casa de campo e um jardim, nas proximidades de Stourton, no condado de Wiltshire.

Sussex é um condado no sul da Inglaterra do qual faz parte a cidade costeira de Brighton.

William Hartgill viveu em Kilmington, no condado britânico de Wiltshire. A partir de 1543, trabalhou como administrador de uma propriedade da família Stourton. Após uma discussão com o lorde Charles Stourton, este o

trancou na torre de Kilmington, humilhando-o e roubando-o. Depois de Hartgil apelar aos tribunais, foi assassinado e enterrado por Stourton e seus homens em 1556.

Nessa ação foi morto também seu filho John Hartgil .

William Longspee nasceu entre 1175 e 1180 e foi filho ilegítimo do rei Henrique i da Inglaterra. Era chamado de Longspee porque sua arma preferida era a espada longa. Por iniciativa de seu meio-irmão Ricardo Coração de Leão, casou-se com a condessa Ela de Salisbury e se tornou conde de Salisbury. Em 1220, participou com a esposa do lançamento da pedra fundamental da catedral de Salisbury. Morreu em 7 de março de 1226, em Salisbury, e foi o primeiro a ser enterrado na nova catedral.

Wiltshire é um condado no sudoeste da Inglaterra. Lá se encontram o famoso conjunto de pedras de Stonehenge e a cidade de Salisbury.

Cornelia Funke nasceu em 1958, em Dorsten, na Alemanha. Escritora e ilustradora especializada em literatura infantojuvenil, já publicou mais de cinquenta livros para esse público, traduzidos para cerca de quarenta línguas, e pelos quais recebeu diversos prêmios literários. Dela, a Cia. das Letras publicou *O senhor dos ladrões, O cavaleiro do dragão, A maldição da pedra* e a trilogia Mundo de Tinta — cujo primeiro volume, Coração de tinta, adaptado para o cinema, tornou-se um best-seller mundial, com milhões de exemplares vendidos.

Copyright © 2011 by Cecilie Dressler Verlag GmbH, Hamburgo, Alemanha
O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Geister Ritter

Ilustração de capa

Giulia Ghigini © 2012 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão
Preparação

Adilson Miguel

Revisão

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

ISBN 978-85-8086-627-8
Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-350

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Document Outline

- Rosto
- Sumário
- 1. No exílio
- 2. Três homens mortos
- 3. Hartgill
- 4. Ella
- 5. Um antigo assassinato
- 6. Um juramento há muito esquecido
- 7. O cavaleiro fantasma
- 8. Uma tarde bem agradável
- 9. O coração roubado
- 10. Sombras venenosas
- 11. O castelo de Longspee e o corista fantasma
- 12. O tio de Ella
- 13. A igreja dos Hartgill
- 14. Zumbis
- 15. O fim
- 16. O lado sombrio de Longspee
- 17. A ilha dos coristas
- 18. Vésperas
- 19. Abadia de Lacock
- 20. Amigos
- 21. Um bom lugar
- Posfácio e agradecimentos
- Glossário
- Sobre o autor
- Créditos

Table of Contents

Rosto
Sumário
1. No exílio
2. Três homens mortos
3. Hartgill
4. Ella
5. Um antigo assassinato
6. Um juramento há muito esquecido
7. O cavaleiro fantasma
8. Uma tarde bem agradável
9. O coração roubado
10. Sombras venenosas
11. O castelo de Longspee e o corista fantasma
12. O tio de Ella
13. A igreja dos Hartgill
14. Zumbis
15. O fim
16. O lado sombrio de Longspee
17. A ilha dos coristas
18. Vésperas
19. Abadia de Lacock
20. Amigos
21. Um bom lugar
Posfácio e agradecimentos
Glossário
Sobre o autor
Créditos